

<b>FICHA DE META DADOS – CEDIM 2019/2</b>	
<b>Nome da Pasta</b>	DOM_ADRIANO_HYPÓLITO_125.17
<b>Autor/Instituição</b>	Institut für Brasilienkunde (Bibliothek)
<b>Número de Documentos</b>	1
<b>Quantidade e tipo de documentação</b>	1 caderno que contém páginas sobre o Bispo Dom Adriano Hypólito. Total de páginas: 73
<b>Dia/ Mês/Ano</b>	1988
<b>Formato</b>	Ofício
<b>Resumo</b>	Produzido pelo Institut für Brasilienkunde estes cadernos reúnem matérias veiculadas na imprensa brasileira e alemã, no ano de 1988, sobre a Diocese Nova Iguaçu, o Bispo Dom Adriano Hypólito e a Baixada Fluminense. No que tange a região, há reportagens sobre emancipações de municípios e passeatas que refletiram o centenário da abolição da escravidão. Neste sentido, há menções às condições de saúde pública, assistência social, violência, educação e notas sobre a Diocese e eventos do período. A fonte também destaca notas sobre a vida do Bispo, a Diocese e a região escritas na língua alemã. É importante mencionar também os artigos de Frei Luís Thomaz que estão presentes com frequência, argumentando sobre pontos de vista e teóricos sobre a Baixada Fluminense.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR – CAMPUS NOVA IGUAÇU  
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM



<b>Palavras-Chave</b>	Baixada Fluminense; Dom Adriano Hypólito; Nova Iguaçu, Bispo;
<b>Notas explicativas</b>	A contagem de páginas obedece à regra: sempre a partir da primeira após a capa, sendo esta a “01”.  Lista das páginas em língua estrangeira: 65 e 67.

Bibliothek

Dom ADRIANO Hypólito

1988: April

CEDIM

Institut für Brasilienkunde

KI-BR 125.17

Bibliothek

06.10.10

Bibliothek  
Institut für Brasilienkunde  
METTINGEN

Dom Adriano Raposo



# A Páscoa da Libertação Encontro dos Flagelados com Jesus Sofredor

DOM ADRIANO HIPÓLITO  
DOM MAURO MORELLI

Face à terrível situação de abandono e miséria em que vive a maioria do povo da Baixada Fluminense, Dom Adriano e Dom Mauro, bispos das dioceses de Nova Iguaçu e Duque de Caxias, decidimos convocar as Comunidades e o povo de nossa região para uma concentração, na próxima Sexta-Feira Santa, junto à Cruz do sofrimento e da esperança.

Nas palavras de Jesus Crucificado será colocado o clamor do povo sofrido e humilhado. Clamor pela vida, pela justiça e por solidariedade. Denúncia da iniquidade e anúncio dos caminhos para que a miséria seja vencida e a paz possa amanhecer em nossa terra destruída pela violência.

Em ambiente de religiosidade e fé, respeito e solidariedade, no cenário das favelas da Baixada, contemplando ao longe o Corcovado, queremos que o nosso clamor se prolongue e se propague como mensagem do próprio Jesus: "O clamor do povo é o meu clamor".

Serão bem-vindos a esse encontro, em primeiro lugar, os marginalizados e discriminados da Baixada Fluminense ou da Cidade Maravilhosa, do Estado do Rio ou de qualquer recanto do Brasil; pois, com eles Jesus se identifica: "O que fizerdes ao menor dos meus irmãos, a mim o fazeis" (Mt. 25,40).

Bem-vindos serão todos, não importa a religião ou a crença, comprometidos com a vida e famintos de justiça e fraternidade.

Bem-vindos aqueles que acreditam que as grandes transformações não aconte-

cem sem que o próprio povo seja sujeito e artífice de sua própria história.

Bem-vindos os movimentos populares, sindicatos e centrais dos trabalhadores, artistas e comunicadores, comunidades religiosas, entidades e organizações sociais e políticas. Solidariedade e compromisso com os direitos e as lutas do povo, são as únicas exigências para a participação.

Vamos juntar o que sobra, reunir o disperso e dar as mãos para uma tarefa urgente e inadiável.

Tememos pensar que se esgote o tempo. Poderá chegar o dia em que uma legião de miseráveis, movida pela loucura da fome, arrastando tudo, como uma enchente, invadirá a Cidade, até ser esmagada e destruída pela força e pelas armas dos fabricantes da miséria.

E tempo de Páscoa. Tempo de libertação. Em tempo de Páscoa, quando o povo acredita e se põe a caminho, vence o cativo, removendo montanhas e quebrando grilhões. Um tempo difícil, sem dúvida, em que há choro e ranger de dentes! Se os troncos dos poderosos não forem derubados, se o Faraó não for atingido, o povo não será livre.

Tempo de Páscoa é tempo de Ressurreição, de renovação da humanidade e de construção de uma sociedade aberta à vida, participativa e solidária.

A noite de Páscoa é iluminada pelo sol de um novo dia em que o pão será abençoado e repartido no Banquete da Vida.

Uma folha de cânticos, com o roteiro da celebração, será distribuída aos participantes. As comunidades e grupos sugere-se trazer uma Cruz de madeira e faixas. Recomenda-se, ainda, que todos os participantes tragam uma vela para a celebração.

Vamos, pois, celebrar a Páscoa como uma passagem dolorida e esperançosa do cativo para a terra da libertação.

A conquista da liberdade é exercício de cidadania. Jesus quer que o seu povo tenha vida. Muita vida. Vida na Terra e nos Céus.

O Encontro dos Flagelados com Jesus Sofredor, nesta Páscoa da Libertação, será em Duque de Caxias, próximo à Rodoviária do Shopping Center, às 18 horas do dia 1º de abril, Sexta-Feira Santa.

## Dia Internacional da Mulher

08 de março - Dia Internacional da Mulher - em Nova Iguaçu no Esporte Clube Iguaçu o grande encontro da Mulher que iniciou às 09 horas.

O Encontro transcorreu num clima de muita alegria e descontração, com a participação de mulheres de vários pontos da Baixada, como nos conta uma das organizadoras DEISE fiz-lhe algumas perguntas.

- Qual é o objetivo do Encontro?

É um encontro para troca de conhecimento e experiência entre as mulheres de diversas atividades.

- Quem foi convidado?

As mulheres que fazem parte de alguns movimentos populares como: Clube de Mães, IOT, CEAC, MAB, Empregadas domésticas e mulheres contra dengue e os convites foram dirigidos a toda a Baixada Fluminense.

- Esse encontro tende a continuar?

Sim, esperamos dar continuidade a todos os movimentos que levem a mulher a descobrir sua importância em participar dos movimentos populares que levam a promover a mulher na sua independência total.

O Encontro durou até as 15,00 horas e contou com a participação de 445 entre senhoras e jovens.

**Houve divisão em vários grupos:**

- **Mulher política** - a mulher na luta pela transformação social, mostrado em cartaz.

- **Mulher e violência** - um cartaz representando uma mulher com seis braços como se fosse uma super-

mulher.

- **Mulher e saúde** - a mulher é obrigada a conhecer um pouco de saúde para poder prestar os primeiros socorros a sua família e as vezes ser o médico da família.

- **Mulher e trabalho** - mulher buscando sua igualdade nos salários, fim das discriminação da cor, porque ela trabalha igual ao homem e porque a discriminação no salário.

- **Mulher e sexualidade** - sexualidade na linha vida. Infância, adolescência, juventude, gravidez e meno-

pausa, estas foram as colocações das mulheres na sua vida normal.

- **Mulher e educação** - em muitas das vezes a mulher tem que estar por dentro de tudo para não ser enganada e confundida na sua feminilidade.

E no final do encontro o grupo saiu em passeata para o centro de Nova Iguaçu até o calçadão onde terminou o encontro.

Nova Iguaçu, 21 de março de 1988.

Mauro Vitor



## 1º SÍNODO DIOCESANO DE NOVA IGUAÇU (1987-1988)

### Carta do bispo diocesano, anunciando e convocando o 1º Sínodo Diocesano de Nova Iguaçu

Catedral de S. Antônio (Nova Iguaçu), 18 de janeiro de 1987.

Meus irmãos sacerdotes,  
Minhas irmãs e irmãos na vida religiosa,  
Minhas irmãs e irmãos em Jesus Cristo,

Tenho a grande alegria de anunciar-lhes hoje a realização do 1º Sínodo Diocesano de Nova Iguaçu.

#### 1 — O que é o Sínodo

Sínodo é uma assembléia extraordinária e solene em que o Povo de Deus com o seu irmão-bispo reflete, reza e dialoga sobre a Pastoral da Igreja particular, no seu conjunto ou num aspecto determinado. O que é o Concílio Ecumênico em nível de Igreja universal é o Sínodo em nível de Igreja particular.

O Sínodo é uma grande e aprofundada reflexão pastoral que envolve as forças vivas da diocese para

- aprofundar nossa identidade com Jesus Cristo;
- rever a nossa caminhada;
- recolher experiências;
- descobrir os sinais dos tempos;
- apontar novas pistas e iniciativas pastorais;
- sistematizar decisões;
- tomar consciência mais viva de nossa missão no mundo.

Sob a ação do Espírito Santo o profetismo da Igreja atua no Sínodo, denunciando erros e falhas e anunciando a Esperança na graça de Deus por Jesus Cristo.

#### 2 — Tema do Sínodo

Nosso 1º Sínodo vai refletir não sobre a Pastoral no seu conjunto, mas sobre um aspecto particular que é fundamental, uma vez que envolve e determina toda a Pastoral e mesmo toda a vida de nossa diocese. Tema do 1º Sínodo é: "transmitir a Fé". E o lema que a reunião pastoral de 6 de janeiro escolheu: "a Baixada busca o Deus libertador", o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai das misericórdias e o Deus de toda consolação (cf. 2Cor 1,3).

De como vivemos e transmitimos a Fé que recebemos da Igreja — uma Fé integral, existencial, dinâmica, libertadora — vai depender o nosso ministério apostólico. Toda Pastoral depende da Fé. Aprofundando e consolidando nossa Fé, poderemos assumir com mais decisão a causa de Jesus Cristo e a causa do Povo de Deus. É em Jesus Cristo,

imagem visível do Deus invisível, que encontramos a força de enfrentar todos os desafios e também resistir à sedução das ideologias. O Sínodo é antes de tudo um encontro de Fé, de Esperança e de Amor com Jesus Cristo, "por cujo intermédio recebemos a graça do apostolado" (Rm 1,5).

#### 3 — Comunhão de Fé e de procura

O Sínodo é uma convergência de Fé, de procura. É um sinal de comunhão dos santos na Esperança. Juntos queremos rezar, refletir, descobrir, dialogar, decidir.

Todos os agentes de Pastoral serão responsáveis pelo bom êxito do Sínodo em nível de comunidade, de paróquia e de diocese. Na medida do possível todas as forças vivas, todos os cristãos engajados, todas as instituições e entidades diocesanas se deixarão envolver pelo Sínodo. Os animadores sinodais, enviados pelas comunidades, serão formados em curso intensivo durante o 1º período. Serão eles que no 2º período levarão o Sínodo às comunidades e no 3º período às paróquias, sempre no sentido de um trabalho comum e corresponsável. Com a contribuição que vem das nossas bases pastorais trabalhará o Sínodo no 4º período, para as decisões pastorais e para a elaboração do documento final.

Todo este esforço conjunto tem a consciência de que Jesus Cristo estará conosco, ajudando-nos com a graça do Espírito a descobrir como serviremos melhor, com mais coragem e autenticidade nossos irmãos pequenos e pobres.

O Sínodo é também uma solene ação de graças pelas maravilhas que Deus, nosso Pai, tem realizado no seu Povo humilde da Baixada. É ainda uma perspectiva de Esperança para os anos próximos que nos levam rapidamente ao terceiro milênio. Com S. João proclamamos: "Esta é a vitória que vence o mundo: a nossa Fé" (1Jo 5,4). Com o Sínodo começa nova etapa de nossa caminhada e novo período de nossa história.

Minhas irmãs e meus irmãos em Jesus Cristo, Em nome de Deus, nosso Pai; em nome de Jesus Cristo, nosso irmão e libertador; em nome do Espírito Santo, que derrama o Amor em nossos corações, com esta mensagem de Esperança, convoco e inicio o 1º Sínodo Diocesano de Nova Iguaçu, hoje 18 de janeiro de 1987, que se realizará nos anos de 1987 e 1988, com a graça de Deus. Abençoando-os e pedindo suas orações, sou fraternalmente seu irmão-bispo

† Adriano

## 1º SÍNODO DIOCESANO DE NOVA IGUAÇU (1987-1988) — 1º PERÍODO (JAN.-JUN./87)

#### COMUNICAÇÕES

##### 01 Dados gerais

- tema: Transmitir a Fé.
- lema: A Baixada busca o Deus libertador.
- sede: Seminário Diocesano Paulo VI, rua Bolívia.

##### 02 Duração e realização

O Sínodo realiza-se previsivelmente nos anos de 1987 e 1988, em quatro períodos.

1º período (jan./jun. 87) preparação dos "animadores sinodais", aqueles representantes das comunidades (dois por comunidade) que, depois de um curso intensivo, vão levar o Sínodo às comunidades eclesiais de base e às paróquias.

Obs.: 1) até o dia 12 de abril os vigários apresentem seus animadores, dois por comunidade, ao coordenador de Pastoral;

2) curso de formação: em 25/26 de abril, a partir das 09h00 até às 16h00, começa o curso intensivo de formação para os animadores sinodais.

2º período (jul./dez. 87) Sínodo em nível de comunidade eclesial de base, de capela, de movimentos,

organizações, conselhos etc.: os animadores sinodais executam a pesquisa e formam os grupos de agentes de Pastoral; das reuniões, encontros, discussões deverão sair as contribuições (análises, revisão, crítica, sugestões, propostas, pistas, votos, desejos etc.) que serão depois sistematizadas para o trabalho nas paróquias.

3º período (jan./jun. 88) Sinodo em nível paroquial: os animadores sinodais fazem a mesma coisa em nível de paróquia e de movimentos paroquiais; o material obtido nos encontros, discussões etc. será enviado à Presidência do Sinodo para sistematização e para servir de material nas sessões sinodais do 4º período.

4º período (jul./dez. 88) Sinodo em nível de diocese: começa o trabalho propriamente dos sinodais: com o material abundante vindo das bases o Secretariado Sinodal elabora um documento que será discutido pelos sinodais em todos os seus aspectos. Prevêem-se três redações de trabalho conjunto, no qual as CEBs, as paróquias, os diversos organismos diocesanos estudam o texto, propõem modificações (cortes, acréscimos etc.) que vão servir para a elaboração da 4ª e última redação. Se as sessões do 4º período não bastarem, o Sinodo pode decidir sua prorrogação por mais um período.

### 03 Sessão constitutiva

No 1º período haverá uma única sessão sinodal, no dia 06/07 de junho, festa do Divino Espírito Santo (Pentecostes), a partir das 09h00. Com a presença de todos os sinodais. Será a sessão constitutiva na qual se fará

- a) a discussão e votação do Estatuto e do Regimento do Sinodo;
- b) a constituição da Comissão Central que preside o Sinodo;
- c) a constituição das Comissões Especiais que o Sinodo achar necessárias para a elaboração do documento sinodal;
- d) a constituição do Secretariado do Sinodo.

### 04 Comissão Preparatória

Até a sessão constitutiva (06/07-06-87), cabe à Comissão Preparatória coordenar e organizar tudo o que diz respeito ao Sinodo, através dos seus quatro Departamentos:

— Departamento 1 — Coordenação Geral: coordena, anima, acompanha, integra, organiza nas linhas gerais as atividades dos outros Departamentos; providencia tudo o que é necessário para realizar o Sinodo. Coordenador responsável: bispo diocesano.

— Departamento 2 — Publicidade: tem por objetivo tudo o que diz respeito à publicidade, à comunicação, impressão de material etc. Responsável: Fr. Luis Thomaz OFM.

— Departamento 3 — Formação, com duas seções:

seção A — Produção do material necessário à pesquisa, ao curso de formação dos animadores sinodais. Responsáveis: Prof. Paiva e P. Pedro Geurts CICM.

seção B — Formação dos animadores sinodais enviados pelas comunidades e outras instituições diocesanas. Responsável: Prof. Sada Baroud David.

— Departamento 4 — Pesquisa: organiza o levantamento de material catequético, de todo o esforço de transmitir a Fé em nível diocesano e paroquial; acompanha a pesquisa de campo que os animadores sinodais realizam; elabora mapas das paróquias e comunidades com os sinais de Igreja Católica e de outras formas religiosas (modelo: mapas de sinais religiosos da paróquia da Catedral e da paróquia do Riachão). Responsáveis: Irmã Nera e Irmã Jeanne.

Os Departamentos trabalham no Seminário e reúnem-se semanalmente, segundo sua conveniência.

Vozes Imprimiu

A Comissão Preparatória completa reúne-se uma vez por mês.

### 05 Lista dos Sinodais

São membros do 1º Sinodo Diocesano de Nova Iguaçu ou sinodais:

01 — Todos os membros do Conselho Presbiterial .....	18
02 — Todos os coordenadores das Regiões Pastorais .....	7
03 — Quatro membros (dois homens e duas mulheres) eleitos pelo Conselho Pastoral dentre seus membros .....	4
04 — Um presbítero (ou regente, onde for o caso) de cada Região Pastoral eleito pelos que na mesma Região Pastoral têm cura de almas .....	7
05 — Os Superiores maiores que vivem na Diocese de Nova Iguaçu .....	6
06 — Dez pessoas convidadas pela Presidência do Sinodo .....	10
07 — Um membro de cada Comissão Diocesana de Pastoral .....	9
08 — Um representante da Cúria Diocesana .....	1
09 — Um representante do Conselho Administrativo .....	1
10 — Um seminarista maior dentre os seminaristas maiores da Diocese de Nova Iguaçu .....	1
11 — Dois coordenadores de comunidade (menos a matriz), eleitos por cada Região Pastoral .....	14
12 — Doze religiosas que trabalham na Diocese de Nova Iguaçu: oito ligadas à Pastoral paroquial (regentes ou não); duas ligadas aos colégios e duas ligadas aos hospitais .....	12
13 — Dois representantes das equipes de catequese, de liturgia, de preparadores dos sacramentos eleitos por cada Região Pastoral .....	14
14 — Um representante de cada paróquia/curato .....	44
15 — Cinco jovens eleitos pela Comissão Diocesana de Pastoral da Juventude dentre seus membros ou de fora .....	5
16 — Cinco operários eleitos pela Comissão Diocesana de Pastoral Operária dentre seus membros ou de fora .....	5
17 — Cinco trabalhadores rurais, eleitos pela Comissão Diocesana de Pastoral da Terra dentre seus membros ou de fora .....	5
18 — Um membro de cada uma das seguintes entidades em nível diocesano:	
— Ação Católica Operária (ACO)	
— Apostolado da Oração	
— Caritas Diocesana	
— Conferência Vicentina	
— Congregações Marianas	
— Clubes de Mães	
— Focolari	
— Juventude Franciscana (JUFRA)	
— Juventude Operária Católica (JOC)	
— Legião de Maria	
— Liga Católica Jesus, Maria, José	
— Movimento Carismático	
— Movimento de Cursilhos de Cristandade	
— Movimento Familiar Cristão (1 casal)	
— Obra Pontifícia das Vocações	
— Oase	
— Ordem Franciscana Secular (OFS)	
— Pia União das Filhas de Maria .....	19

Obs.: 1. Para a eleição prevista nos números 08 a 18 o respectivo grêmio eleitoral (por exemplo Cúria, Conselho Administrativo, Região Pastoral, paróquia etc.) elege sempre o dobro de candidatos (MFC: elege dois casais);

2. os candidatos, em dobro, são apresentados à Presidência do Sinodo que escolhe a metade (do MFC um casal), que serão os sinodais, ficando os outros como suplentes.

Total dos Sinodais: 182

NI 17-01-87

April 88 Cam.

## Teologia e luta de classes

FREI LUIZ THOMAZ

Vocês se lembram do torturador personificado por Jô Soares; às cobranças de justiça e convivência social diferente às do tempo da ditadura, o ex-torturador respondia com a ameaça indignada: "Revanchismo, não!" Bem ou mal comparando, é assim a reação de setores da nossa Igreja, quando se menciona a luta de classes: "Luta de classes não!" Como se precisássemos propor a luta de classes, como se ela não houvesse sempre existido, como se ela não estivesse aí, à nossa frente, para ser vista por quem não quer passar por cego ou avestruz de cabeça enterrada. É o que recorda o nosso Hélio Pellegrino, herdeiro do grande Tristão de Athayde, em sua crônica do JB (9-3-88), da qual transcrevemos passagens indispensáveis ao conhecimento do nosso povo. Vamos lá:

"Dizer que a Igreja Católica não aceita a teoria da luta de classes é tão estranho quanto a afirmativa de que repele a lei da gravidade... O acatamento ou não da luta de classes não constitui matéria de julgamento subjetivo... Após nossa expulsão do Éden, a história do mundo tem sido a história da luta de classes, sendo esta uma descoberta crucial de Marx. Pode-se lastimar que assim haja sido — e ainda seja — mas esta é hoje uma evidência científica da qual não podemos fugir".

"A Igreja reconhece, com ênfase, a existência dos pobres no mundo, tanto assim que faz, em seu favor, uma opção preferencial. Ora, a pobreza econômica, em nossos dias, é consequência da brutal opressão e espoliação, impostas pelas nações ricas às nações pobres. A pobreza é, pois, testemunho da injustiça, que torna inevitável a luta de classes. Optar pelos pobres é tomar partido nessa luta. Se vejo na rua um adulto sádico espancando um menor, não posso fazer opção por este menor sem tentar libertá-lo às mãos de seu algoz. Se, em nome de belos princípios humanitários ou religiosos, me declaro contra qualquer tipo de luta e deixo de participar da solução concreta, em verdade opto pelo espancador, contra o espancado".

"Aí está — às escâncaras — a luta de classes, para quem queira vê-la. Aí estão a iniquidade, a cupidez, o egoísmo e a impiedade dos ricos. No Terceiro Mundo, milhões de seres humanos morrem de fome. A imagem de Deus, à qual se assemelham, é neles vilipendiada. Assistimos, no mundo, a uma crucificação do Cristo em escala planetária, sob forma da miséria a que estão condenados dois terços da população da Terra".

"Não há libertação que não seja encarnada, construída através de uma práxis libertadora. Se a luta de classes existe e aí está, não há outra maneira de fazer uma opção pelos pobres que não seja uma prática revolucionária no sentido da transformação da sociedade. Os pobres precisam ser salvos, e esta salvação, em nome da qual o Cristo morreu na cruz, só se dará, honrada, concreta e fraternalmente, através da disposição para a luta — no campo da luta de classes".

"Não existe, para o ser humano, espiritualidade desencarnada. Se isto fosse possível, Deus teria salvo o homem por decreto, e não mandaria seu Filho ao mundo, para ser, entre nós, uma plena e esplêndida prática do divino. Cristo nasceu, viveu e morreu. Ele foi, assim, verdadeiro homem e, na ação de sé-lo, através de sua prática humana, garimpou e resgatou a luz de Deus que há no coração de todos os homens, até ressurgir dos mortos". A luz do divino, aliás, não reside apenas no coração dos homens, mas no coração da matéria!"

"São Francisco de Assis falava aos bichos e aos elementos — água, terra, fogo, vento — por serem todos criaturas e presenças de Deus. A matéria é portadora do sagrado, e a reverência às suas formidáveis energias não ofende a divindade nem a renege, necessariamente. Marx, materialista e ateu, pelo esforço de sua vida — e de sua obra — a serviço dos pobres, está mais próximo à verdade cristã do que, suponhamos, o ex-ministro Aníbal Teixeira, católico praticante e confesso, mas dado a práticas perfeitamente inconfessáveis".

April 88 Lau



### D. Adriano, 70 anos: a homenagem familiar

Recebemos um convite honroso para transmitir aos presentes, as alegrias que envolvem as famílias Mandarino e Hipólito, pela passagem do aniversário natalício (70 anos) de Dom Adriano, conhecido no seio familiar por Fernando.

Na realidade, da união de Nicolau e Isabel, as duas famílias foram premiadas com o primeiro sobrinho, recebendo-o e tratando-o com amor e carinho. Pois o menino Fernando, desde a tenra idade, demonstrava caráter e personalidade marcantes, bondade e amor a Deus e ao próximo.

No seu lar tinha o exemplo de um pai trabalhador, honesto e fiel à sua família, complementada pela dedicação de sua mãe. Portadora de uma coragem e fé incomensuráveis. Piedosa, assídua frequentadora do Convento de São Francisco, em Salvador, onde mais tarde foi sepultada. Nos franciscanos, Isabel encontrou seus verdadeiros amigos e responsáveis pela formação moral e cristã de seu filho.

O seu desejo era vê-lo sacerdote. Para tanto, implorava a proteção de Santo Antônio, que atendeu às suas súplicas, que o fez também Pastor de uma Diocese cujo padroeiro é Santo Antônio.

Acreditamos na ressurreição dos mortos, o que não invalida que meditemos sobre essa verdade — que seus pais, irmãos, tios e confrades, também estejam alegres e felizes com as homenagens justas, prestadas a um sacerdote, exemplo de virtudes, modéstia e grandeza de espírito.

A Fé que o encoraja, nos transmite tranquilidade e paz. A Esperança que o acompanha, nos leva a prosseguir na caminhada, sem vacilação ou desânimo. A Caridade de que é possuidor, deixa em cada um de nós, o desejo de aprofundar nossos sentimentos e ver no próximo o irmão e filho do mesmo Pai. O que é tão fácil para ele. "Amar ao próximo como a si mesmo" não é impossível. Mas é difícil entendermos a força do amor, ditada por esse mandamento.

Acompanhamos sua vida sacerdotal, desde a ordenação em 1942, onde as duas famílias se faziam presentes. Hoje, somente uma tia sobrevive, sobrinhos e primos, afora os diocesanos da Baixada Fluminense, que constituem a família unida pelo Cristo e que reconhecem a sua ação pastoral, porque não se trata de um homem somente capaz de fazer promessas, mas de realizações e de ação.

Como é bom ser bom! Nesta oportunidade, queremos agradecer a colaboração que lhe vem sendo prestada, por ser ele muito querido. Jóia de valor inestimável, estrela de primeira grandeza, relicário de valores morais.

Agradecemos pedindo a todos que não desanimem. A estrada é longa, mas a caminhada é certa.

Que Maria Santíssima, Mãe de Deus e dos homens, acolha-o sempre em seu manto de rainha. Acolhei-o em vosso manto de rainha, em vosso véu de Virgem, em vosso coração de Mãe para sempre.



## Comissão Diocesana de Pastoral da Juventude

Retiro de avaliação do ano de 1987 e planejamentos da Pastoral da Juventude para 1988, na Casa de Oração, nos dias 21, 22 e 23/1/88.

A Comissão refletiu sobre os questionamentos:

A nível geral a quem atingimos com as atividades Regionais e Diocesanas? Aos jovens iniciantes dos grupos, aos que não estão em grupos, aos que estão iniciando uma militância, aos que têm uma militância específica e aos coordenadores de grupo.

A quem não atingimos? Jovens do meio rural, jovens de favelas, jovens em situação extrema de pobreza, jovens cristãos com forte engajamento nos movimentos populares.

O que conseguimos colher com essas atividades? Um maior entrosamento e relacionamento de alguns jovens, o despertar de alguns jovens para o engajamento nos movimentos populares, vivência de uma espiritualidade cristã encarnada na realidade e formação geral.

Quais os recursos humanos que contamos? Em maioria leigos jovens, um pequeno grupo de leigos adultos e alguns Padres e Irmãs.

Qual a realidade local? Temos o surgimento de grupos em algumas regiões, onde a Pastoral da Juventude, não é reconhecida como Pastoral. Há também, o surgimento de grupos oriundos da Crisma, perseverança e grupos de adolescentes, que de certa forma

têm um acompanhamento e um objetivo específico, e por outro lado jovens militantes nos movimentos populares, que apesar de uma tentativa de organização, ainda estão dispersos.

Vimos que o objetivo geral da Pastoral da Juventude, segundo as "Diretrizes Gerais da Ação da Igreja no Brasil" é evangelizar o povo brasileiro (os jovens) em processo de transformação sócio-econômica e cultural, a partir da verdade sobre Jesus Cristo, a Igreja e o homem, a luz da opção preferencial pelos pobres, pela libertação integral do homem, numa crescente participação e comunhão, visando a construção de uma sociedade mais justa e fraterna, anunciando assim o Reino definitivo.

Assim, a Pastoral da Juventude de Nova Iguaçu, tem como objetivo específico a longo prazo: Formar os jovens nas dimensões:

Psico-afetiva (afetividade, relações humanas, auto-conhecimento);

Mística (espiritualidade, aprofundamento Bíblico e Teológico);

Política (consciência crítica, visão histórica, aprofundamento nas ciências sociais, econômicas e políticas). Levando-os a um engajamento maior na Comunidade, e nos meios específicos (estudantil, trabalho, popular, etc.).

### CALENDÁRIO DO BIMESTRE (MARÇO E ABRIL)

6/3 - Encontro da PU na Catedral, às 9:00h; 6/3 - Encontro da PJE na Prata, às 8:00h; 11 a 13/3 - Curso Socialismo e Democracia a partir da Fé na Casa de Oração; 12/3 - Encontro da R VII (a nível de Paróquia); 18/3 - Estudo sobre Bolsa de Valores na Casa de Oração, às 19:00h; 19/3 - Reunião sobre a PJ na R VII, às 14:00h, no Cepal; 20/3 - Encontro de aprofundamento R II; 13/3 - Caminhada da Campanha da Fraternidade do R V, às 14:00h; 26/3 - Reunião do CDPJ mais assessores na Casa de Oração, às 9:00h; 26/3 - Reunião da PU, no Cepal, às 15:00h; 26/3 - Caminhada da Campanha da Fraternidade do R IV, em Nilópolis, às 14:00h; 27/3 - Encontro sobre Iniciantes, na Prata, às 8:00h.

8 a 10/4 - Curso Bíblico RVII, na Casa de Oração; 10/4 - Encontro de Militantes, às 8:00h, na Prata; 22 a 24/4 - Curso de Personalização e Integração; 13 a 15/4 - Seminário Leste I; 17/4 - Encontro Jovem no CIEP Comendador Soares, das 9:00 às 16:00h; 17/4 - Regional V, em Conceição, Queimados, às 9:00h.

Aurelice Rosa Gabriel

# Comunicado às comunidades Cobranças às autoridades

Na ausência do bispo diocesano, viajando a serviço da Igreja, a Diocese de Nova Iguaçu, na pessoa de seus padres, irmãs religiosas, agentes de pastoral e dos movimentos populares, padece presentemente a situação dos desabrigados e tantas outras vítimas locais das últimas enchentes. Paremos com a ingenuidade, blasfêmia ou má fé interessada, que referem a castigos divinos os estragos das chuvas. As chuvas são fenômenos naturais que acontecem em qualquer parte do mundo, com previsível intensidade e aproveitáveis resultados. A transformação da chuva em flagelo foi gerada pela situação de completo abandono, em que tem sido diuturnamente obrigada a vegetar a população da Baixada Fluminense. Muito mais do que as presentes águas, vem literalmente destruindo nosso povo, em verdadeiro genocídio físico e moral, a irresponsabilidade administrativa, com que sempre foi tratada esta nossa periferia urbana.

Neste quadro de abandono geral, a Diocese de Nova Iguaçu, juntamente com os setores comprometidos do Movimento Popular, quer oferecer-se para ser voz deste povo, que nunca é ouvido e levado a sério pelas autoridades, a não ser em períodos de demagogia eleitoral. Neste sentido, estamos tentando chegar até o Governador do Estado mas, até o momento, não nos foi dada esta condição. Através desta correspondência, queremos levar ao conhecimento do povo da Baixada Fluminense, especialmente de nossas Comunidades e Movimentos Populares, o que iremos dizer ao governador, quando ele aceitar a solicitação de nos ouvir: Sr. Governador:

A Igreja de Nova Iguaçu, através das Paróquias atingidas pelas últimas enchentes, colocou-se a serviço do povo, fazendo o que pode para aliviar o seu sofrimento. Dirigimo-nos ao senhor, como representante e responsável último de todos os Poderes Públicos de nosso Estado. Os que aqui vivemos e lutamos é que sabemos: a Baixada Fluminense, apesar de todas as promessas, apesar de todas as placas e outdoors propagandísticos, continua anos luz de distância da Administração Pública. O povão mais simples está sabendo: fala-se de chuva, põe-se a culpa nas enchentes, a fim de desviar a atenção dos reais produtores da catástrofe.

Não aceitamos que se rompa o silêncio no que diz respeito à Baixada Fluminense por ocasião das enchentes e outros fatos igualmente escabrosos. Não é de hoje que este povo vem sendo destruído em seu corpo, em sua alma, em seus valores familiares, em seu substrato de dignidade. Tal vem sucedendo, entre outras causas, devido ao abandono a que foi reduzido, à vida carente e indigna a que é forçado, à insignificância social em que é mantido, à irresponsabilidade de nossas elites dirigentes, ao mau exemplo das grandes e impunes corrupções, à insensibilidade cínica e aproveitadora de muitos de nossos políticos.

Nesta carta, queremos denunciar a situação em que tem vivido permanentemente a Baixada Fluminense. As chuvas das últimas semanas só fizeram agravar o quadro miserável e abandonado de sempre. Denunciamos as dezenas de milhares de vida que as enchentes, destruindo seus pertences, tornaram mais indignas ainda. Denunciamos a responsabilidade ou irresponsabilidade daqueles pelas dezenas de mortes provocadas pelas enchentes e pelas epidemias delas decorrentes. Denunciamos a destruição de tantas famílias, que ficaram destituídas dos lares que abrigavam sua privacidade familiar. Denunciamos todas as etapas, produzidas ou simplesmente aceitas pelos Poderes Públicos, que foram levando nosso povo à situação de mendicância, pobre disputando com pobre, pobre arrebatando de pobre os míseros quilogramas de trombeteadas esmolas.

Denunciamos os meios de comunicação, cuja dinâmica visivelmente propelida pelos interesses particulares, percorreram muitos dos caminhos da cínica hipocrisia: não denunciando os reais fatores que produzem, no momento, a destruição da vida de nosso povo; levando o sério problema para o terreno das emotividades fáceis e passageiras; entrando na onda da caridade, no sentido menor da palavra, como solução de nossos históricos problemas sociais; criando falsas expectativas com anúncios exagerados de auxílios; silenciando o sofrimento das populações da Baixada, para privilegiar as áreas mais nobres, em seus noticiários; perdendo a formidável ocasião para esclarecer o povo que o problema não são as chuvas, mas o modelo brasileiro de acumulação

de riqueza nas mãos das elites minoritárias, às custas do suor, da indignidade existencial e da própria vida do povão jogado nas periferias.

Nós, da Baixada Fluminense, fazemos questão de desmistificar a formidável empulhação propalada sublimemente nos meios de comunicação, de que os Governantes estão resolvendo o problema, através das doações. Tais doações, em muitos casos certamente necessárias, significam verdadeiros recuos na caminhada da organização popular. É nosso povo caindo, mais uma vez do pau-de-sebo da cidadania, na situação de mendicância como solução de sua miséria. Se quisermos argumentos para isso, basta olharmos que a própria UDR, inimiga máxima da emancipação popular e da socialização distributiva dos bens necessários a todos, engajou-se, de corpo e alma, na campanha de auxílios, como resposta aos problemas da miséria, agravados nas últimas enchentes. É o cinismo, a obtusidade e a cegueira diuturna de nossas elites. É o povão sofredor privado também de quem dele se compadeça.

Após tantas denúncias que podiam ser multiplicadas, queremos fazer algumas perguntas ao Sr. Governador: O que está se fazendo em nível de Poder Público, para enfrentar efetivamente o problema dos desabrigados e de todos os outros miseráveis da Baixada Fluminense, que tiveram sua miséria ainda mais agravada? O que se vai fazer realmente, como resposta responsável e duradoura aos problemas desta gente? Como vai ser encaminhado pelo Poder Público o problema das famílias que tiveram suas casas destruídas e cuja destruição é também responsabilidade do Estado? Onde foi ou está sendo realizado o Plano de Saneamento da Baixada Fluminense, que afixou tantas propagandas nas ruas? Por que o Plano do Governo para dragagem dos rios e canais, na Baixada, deixou de fora exatamente as áreas, que nesta e nas outras vezes, foram as mais atingidas pelas enchentes e tiveram maior número de desabrigados?

O que será feito com os desabrigados, alojados presentemente nas igrejas, colégios e outros postos montados em caráter de emergência? E as casas populares, que seriam destinadas aos desabrigados? Em que locais elas serão construídas? Quais são as verbas destinadas a esse projeto? Quando essas casas populares começarão a ser construídas? Como vai ser encaminhado, de fato, o problema de saúde da população, que teve gente morrendo nos salões paroquiais, por falta de assistência?

Na vontade de servir ao povo, nos dispusemos a fazer distribuição de auxílios vindos de fora. Diga-se de passagem, com muito lixo e muita porcarias no meio. Como é impossível solucionar o problema social através da caridade pública, como é impossível substituir a dinâmica do mercado pelo marasmo da esmola como caminho para nossa sobrevivência material, muita gente extravasou em cima de nós a ira e revolta que deviam ser dirigidas aos verdadeiros responsáveis pelas carências de nosso povo. Muitas das instâncias badaladas nos meios de comunicação simplesmente se absteram de comparecer. Ficaram só na propaganda.

Mesmo à custa de nossa participação no sofrimento do povo, não iremos perder o pique da luta. Assumiremos, cada vez mais, a missão martirial de sermos voz deste povo privado de voz. Nada nos fará recuar de nosso engajamento. Vimos cobrar o direito que temos de respostas pertinentes, da parte daqueles que nós colocamos como nossos representantes. Queremos ouvir do senhor aquilo que, com toda franqueza, iremos repassar, por todos os meios ao nosso alcance, ao povo de nossas comunidades e de toda a nossa Baixada Fluminense.

P. Agostinho Pretto - Vigário Geral  
P. Renato Stormak - Coordenador de Pastoral  
Conselho Presbiterial de Nova Iguaçu  
Presbitério Diocesano de Nova Iguaçu  
Vigários e Regentes de Paróquias  
Agentes Pastorais e agentes engajados nos movimentos populares  
Cáritas Diocesana de Nova Iguaçu  
Comissão Diocesana de Justiça e Paz

Diocese de Nova Iguaçu



173

123 H1

# Cedae não atende Rocha Sobrinho e "gato" faz água retornar ao bairro

"Há muito tempo nós vivemos em uma rua que está um caos". Esta declaração de um morador define exatamente a situação em que se encontra a rua Maria Amélia, no bairro de Rocha Sobrinho, em Nova Iguaçu. Sem água há mais de quatro anos e ainda tendo que enfrentar os problemas da falta de coleta de lixo e a presença de ratos e outros animais, os moradores tem agora uma nova preocupação: um cano instalado por eles para fornecimento de água vai ser retirado pela CEDAE.

Há cerca de dois meses os moradores da rua Maria Amélia, cansados de apelar para a CEDAE e nada conseguirem no sentido de regularizar o fornecimento de água, resolveram apelar para um bombeiro hidráulico que fez uma adaptação de um cano instalado ali perto há vários anos e melhorou o fluxo de água para aquela localidade. O encanamento havia sido colocado quando do começo da construção de um conjunto habitacional próximo ao local, mas o fornecimento só foi estabelecido até a rua Tripoli, próxima à Maria Amélia.

Os moradores afirmam que a rua Maria Amélia é a única nas redondezas não possuidora de um bom fornecimento de água, tendo as pessoas que andar mais de 300 metros até um campo de futebol ali perto para encher latas e panelas em uma bica. Isso não impede que as contas da CEDAE cheguem nos dias certos e ainda ultrapassem o mínimo pago como taxa de manutenção, havendo casos como o da senhora Jurema de Almeida que se aproximam de aberrações. Jurema paga contas no nome dela e do marido, Jaime Martins Leite, morto em 72, e apesar de ter comunicado à empresa o falecimento, a CEDAE continua remetendo contas em nome dela, já regularizada, e de seu marido, esta totalmente ilegal.

Um fiscal da CEDAE soube do modo encontrado pelos moradores para regularizar o fornecimento e denunciou à empresa. Então, um engenheiro mandou alguns operários ao local para que destruíssem o trabalho feito pelo bombeiro hidráulico contratado. Os moradores apelaram para o diretor da CEDAE, em Nova Iguaçu, Jaime Azulay. Ele não só apoia o corte como também ameaça mandar a força policial para que se cumpra a ordem do engenheiro.

Segundo os moradores, ele foi o mesmo que durante as enchentes de fevereiro, quando os moradores foram protestar na empresa da falta de água, além de estarem com as suas casas alagadas, resumiu assim a situação agressivamente: "pobre não tem direito a água e tem que se danar", não explicando o porquê das contas virem normais e o fornecimento ser deficiente, senão nulo. Também naquela época, um cano ali perto estourou e a água corria abundantemente enquanto os moradores tinham que se utilizar de água mineral, comprada a peso de ouro, para beber e até mesmo tomar banho. Os funcionários da CEDAE foram ao local, mas apenas consertaram o cano, não melhorando o fluxo de água e dando uma nova dor de cabeça aos que moram no local: o buraco aberto para que se consertasse o encanamento não foi consertado, ficando aberto e criando poças d'água, além de se transformar num foco de mosquitos.

LIXO 21141885dH

Também a Codeni não tem aparecido na rua Maria Amélia, causando um outro transtorno aos moradores, que é a falta de coleta de lixo. Segundo uma das pessoas que moram no local, João da Rocha Silva, os caminhões da empresa levam grandes períodos de tempo para passar, causando um acúmulo de detritos e presença de vários parasitas, tais como ratos, moscas, etc, que invadem as casas, transmitindo doenças como a leptospirose ou peste bubônica. Há inclusive casos de morte por leptospirose no local.

Num campinho existente no final da rua, espremido entre dois minidépósitos de lixo, vê-se uma placa avisando se tratar de uma área de lazer e que por isso não se deve jogar detritos no local, mas pela consideração dispensada pelas autoridades aos moradores, parece que as muitas crianças que ali existem terão que se contentar em jogar bola numa pilha de lixo e após o término do jogo, não tomarão o merecido banho ou saciarão a sua sede, pois não há água.



A área de lazer dos moradores, apesar da placa, está virando vazadouro de lixo



Um funcionário da Cedae chega para desligar o "gato" feito pelos moradores

# Camelôs estão de novo no Centro de Nova Iguaçu

A promessa não foi cumprida. A Prefeitura de Nova Iguaçu, através de sua Procuradoria implantaram há uma semana (sexta-feira, dia 16) uma verdadeira "limpeza" nas ruas de Nova Iguaçu, com a expulsão de todos os camelôs e suas barracas. No entanto, conforme foi anunciado pelos próprios fiscais de fazenda municipal, a medida era apenas por uns dois ou três dias. A profecia estava feita. Ontem as ruas voltaram ao seu visual rotineiro. Os ambulantes e suas barracas tomaram conta novamente das ruas do Centro do município.

O presidente da Associação dos Comerciantes de Rua, o advogado Paulo Ribeiro, disse que a medida tomada pela Prefeitura em fazer cumprir o decreto-lei 3.437, de 4

de novembro do ano passado, que proibia a presença de camelôs bem como cassava a licença de quem possuía, foi muito drástica e sem nenhuma preocupação social com esta parcela do povo que ganha a vida vendendo no comércio ambulante de rua. Segundo o representante dos camelôs a iniciativa de retirar todos os camelôs das ruas foi e ainda será uma questão muito polêmica, já que os projetos de instalação e localização dos ambulantes nas ruas de Nova Iguaçu, não está recebendo a atenção e a prioridade necessária.

Em entrevista coletiva a imprensa, os diretores da Acini (Associação Comercial e Industrial de Nova Iguaçu) representada pelo seu presidente Itamar Serpa Fernandes, afirmaram que o problema dos camelôs estava solucionado e com certeza eles não mais importunariam a vida dos pedestres e também acabariam com as aglomerações na frente das lojas que trazem grandes prejuízos, depois do cumprimento do decreto-lei. Porém, os diretores se enganaram ou sabiam que alcançar a meta pretendida seria difícil. Os camelôs estão de volta.

As principais ruas estão lotadas de ambulantes. A avenida Niló Peçanha, onde atualmente concentra-se o maior número de camelôs, ontem os problemas já eram aparentes. Os costumeiros esbarrões, empurrões e os conhecidos trombadinhas voltaram a atividade depois da trégua concedida pela Prefeitura.

Mas se por um lado os camelôs

2214188 y d H

estão de volta, existem muitos que ainda não conseguiram retomar seu ponto de trabalho. Até agora não se sabe os critérios com que os fiscais estão proibindo e permitindo a instalação das barracas. Uma Kombi da P.M.N.I., com a inscrição "Fiscalização", permaneceu estacionada ontem, durante todo o dia na esquina das avenidas Amaral Peixoto (calçadão) com a Niló Peçanha, ignorando a presença dos camelôs no entanto, a grita existia. Eram ambulantes que foram proibidos de armarem suas barracas por não darem a quantia cobrada pelos fiscais e que sem local para trabalhar protestavam.

## Povão conquistando direitos

O advogado Paulo Ribeiro, presidente da Associação dos Comerciantes de rua de Nova Iguaçu, entidade registrada e reconhecida judicialmente, questiona: o camelô é um mal necessário a sociedade? De acordo com o representante dos ambulantes, não. É sim, um ser útil à sociedade, que os governantes ainda não descobriram uma forma de harmonizar o comércio ambulante com os lojistas. Segundo Paulo Ribeiro o que hoje existe nas ruas de Nova Iguaçu não é o que pretende a associação, e sim uma verdadeira "bagunça", conforme a Acini classificou e ele também concorda.

— O sonho da associação é que o Prefeito aceite o camelô como sendo um cidadão que não quer tumultuar a administração municipal e sim quer um lugar para trabalhar ordeiramente. Isto que vemos nas ruas não tem nosso apoio. O projeto que tenho e já apresentei a Prefeitura — prossegue — é de padronizar as barracas dos camelôs e fixar espaços de separação para que não haja o tumulto e também, não traga prejuízos para quem está passando nas ruas — afirmou Paulo Ribeiro.

O calçadão — avenida Amal Peixoto — segundo o representante legal dos camelôs, não está em suas pretensões. "O calçadão tem que ser preservado é um direito da população", declarou o advogado. As áreas apontadas como meta para a instalação



**Paulo diz que tem a solução para acabar com a bagunça causada pelos camelôs**

das barracas padronizadas seriam: a rodoviária Arruda Negreiros, que está para ser demolida a rua Quintino Bocaiuva e as ruas transversais ao calçadão.

Paulo Ribeiro cita como exemplo, que se o comércio de rua for organizado dará certo. Nos meses de novembro e dezembro, o índice de criminalidade no centro de Nova Iguaçu baixou. Segundo ele isto aconteceu graças as orientações que a sociedade passou aos seus associados para que ele não permitissem a presença de marginais no centro do comércio, a fim de não espantarem a freguesia.



**Na rua José Hipólito de Oliveira, os ambulantes já reconquistaram todo o espaço**

## Secretaria de Saúde cria 26-4-88 fl. 62 programa para Baixada

A Secretaria estadual de Saúde vai inaugurar, até 31 de julho, seis novos postos de saúde na Baixada Fluminense, que marcam o início do programa especial criado para a região. O programa inclui a instalação de mais oito postos e três hospitais gerais, cada um com 160 leitos e capacidade para atender a 60 mil pessoas.

Para cobrir as vagas criadas pelos novos postos, serão contratados 3.828 funcionários, entre médicos e auxiliares, através de concurso público, a ser realizado pela Fundação Escola de Serviço Público (Fesp) no dia 26 de junho. As inscrições poderão ser feitas de 9 a 20 de maio, de segunda a sexta-feira, entre 10h e 16h, em oito postos dos quatro municípios da Baixada: Nova Iguaçu, São João de Meriti, Duque de Caxias e Ni-

lópolis. O Presidente da Fesp, Walmírio Macedo, informou que as provas serão corrigidas por computador, por isso o resultado deve sair em uma semana.

Segundo José Noronha, Secretário estadual de Saúde, já estão em fase de acabamento as seis primeiras unidades, localizadas nos bairros de Jardim Primavera e Pilar (Duque de Caxias), Lote Quinze e Jardim Guandu (Nova Iguaçu), Rodão Gonçalves (Nilópolis) e Carlos Avelar (São João de Meriti). O programa será implantado, basicamente, com o orçamento da própria Secretaria, acrescido de verbas do Governo federal e de um convênio com o Governo argentino.

— Temos um crédito de CZ\$ 40 milhões para a construção dessas 14 unidades

iniciais e estamos negociando a abertura de mais três postos de saúde em Belford Roxo, Nova Iguaçu e Itaboraí ou Itaguaí. Queremos implantar um novo sistema de atendimento, por isso o contrato será específico para cada unidade e para cada município, sem possibilidade de remanejamento de pessoal — afirmou José Noronha.

O projeto da Baixada, segundo a coordenadora Laura Tavares, tem também a intenção de mudar a relação entre os profissionais de saúde e os pacientes. Uma das novidades é a volta aos postos de saúde da figura do "médico de família". Cada profissional contratado no próximo concurso terá uma lista fixa de pacientes, que incluirá somente moradores das proximidades do posto.

# Dom Adriano não vê avanços sociais na nova Constituição

Octacilio Freire

Alguns itens aprovados pela Assembleia Nacional Constituinte e considerados como vitórias dos setores progressistas - como redução da jornada de trabalho, licença-paternidade ou o habeas data - na verdade não passam de concessões das classes dominantes brasileiras. A crítica partiu do bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipólito, ao analisar o desempenho dos constituintes num momento em que a interferência do presidente Sarney na Assembleia acena com uma maioria governista que pode ser decisiva nessa fase final de conclusão da nova Carta.

A percepção do bispo de Nova Iguaçu quanto a realidade atual do país não é muito diferente de críticas feitas por ele mesmo antes da instalação da Constituinte, em primeiro de fevereiro de 1987. É nas elites nacionais que Dom Adriano enxerga o grande mal da nação. "Tudo não passa de uma grande democracia de fachada que pode ser traduzida como uma autêntica aristocracia", explica, sempre observando que essa é uma situação histórica e não momentânea. Além disso, reduz a dependência externa brasileira a uma equação cujos elementos principais também são a mediocridade das elites que não abrem mão de qualquer de seus privilégios:

- Tenho certeza que no momento em que ocorrer uma solução para o impasse interno haverá, inevitavelmente, uma saída para essa dependência externa, prevê Dom

Adriano, logo depois de questionar quais benefícios reais o povo brasileiro teve da dívida de 120 bilhões de dólares. "Não sei, sinceramente, porque Tranzamazônica, usinas nucleares e ponte Rio-Niterói, entre outras obras parecidas, são investimentos que não beneficiam diretamente o povo", responde ele próprio.

Dom Adriano Hipólito também considera que enquanto não for promovida a integração de 80% da população ao processo social de produção nada vai mudar no país. "O povo está a margem de um padrão decente de vida", observa. Apesar de tantas críticas o otimismo de Dom Adriano Hipólito é admitido quando revela que "a confiança no povo brasileiro ainda existe porque há uma energia de transformação". Ao explicar em que consiste esse processo de "transformação", Dom Adriano explicou que tal processo deve ocorrer em consequência do crescente grau de organização existente na sociedade brasileira.

Analisando a possibilidade de uma "explosão social" no País por causa do aumento da crise econômica nacional, o bispo de Nova Iguaçu considerou que "essa hipótese é muito difícil de acontecer. Explicou que, em sua opinião, o máximo que poderá ocorrer em virtude do acirramento entre as diferenças sociais são "motins localizados, nada mais". Para dom Adriano, a presença das Forças Armadas como defensoras dos interesses dominantes do País nunca permitirão protesto de maior impacto que se generalize por todos os estados.

Sobre reforma agrária, dom

Adriano lembrou que o projeto de distribuição de terras no Brasil não tem qualquer chance de se efetivar na prática "enquanto não houver mecanismos que obriguem a classe dominante a admitir concessões em seus privilégios". O nascimento da União Democrática Ruralista (UDR) como entidade defensora dos interesses dos grandes proprietários rurais é encarada por dom Adriano como o lado da radicalização pela manutenção do atual status quo na correlação de forças pela disputa da terra.

Dom Adriano Hipólito faz questão de deixar evidente que suas opiniões não refletem, necessariamente, a posição da Igreja. Crises como a recente ocorrida entre a CNBB (Confederação Nacional dos Bispos do Brasil) e o presidente José Sarney - em que corrupção foi o estopim do impasse - são problemas naturais que ocorrem em momentos difíceis de qualquer nação, segundo interpreta o bispo de Nova Iguaçu.

Outro tema polêmico que dom Adriano considera de vital importância para o País é a realização de eleição direta para Presidente da República ainda este ano. "Sabemos que não vai ser a solução de todos os nossos problemas, embora seja um princípio para resolvê-los". Por último, lembra que a esperança da população em ter um governante eleito diretamente pelo voto direto é um sonho que a Nação espera ver concretizado. Como alternativa, a uma possível frustração - que dom Adriano considera improvável - restará ao povo brasileiro manter-se ainda mais um tempo no autêntico "pesadelo em que se tornou sua sobrevivência". (TI 5-4-88)



Dom Adriano: Tudo não passa de uma grande democracia de fachada que pode ser chamada de aristocracia

# Diocese de Nova Iguaçu uma Igreja servidora

No dia 24 de abril celebramos o Domingo do Bom Pastor e o **Dia Universal de Orações pelas Vocações Sacerdotais e Religiosas**. Embora constatem que para tamanho de nossa Diocese temos poucos padres e freiras; descobrimos felizes que somos uma Igreja onde os ministérios e serviços, são, de certa forma abundantes. Padres, religiosos e leigos assumem com dedicação e fé a missão de anunciar o Reino de Deus e a fé no Deus Libertador.

Nossa Diocese se estende por 3 municípios: Paracambi, Nova Iguaçu e Nilópolis. São 43 paróquias e 3 Curatos e, cerca de 260 comunidades. Mas o número de Agentes de Pastoral é pequeno para tão grande porção do Povo de Deus.

Eis os números:

## 1. PADRES

- 01 Bispo
- 58 Padres
- 09 Seminaristas

- Dos 58 Padres 23 são diocesanos, isto é, ligados diretamente a uma diocese e a um bispo.
- Dos 23 padres diocesanos 12 pertencem a outras dioceses, e estão como que "emprestados" a Nova Iguaçu. Os outros 13 padres diocesanos pertencem à nossa Diocese. Isto quer dizer, que Nova Iguaçu só tem de seu 13 padres e 09 seminaristas (dois deles se preparando pa-

ra receber o Diaconato)

- Os 33 padres restantes são religiosos. Isto é, estão ligados a uma Congregação Religiosa e não diretamente a uma diocese. Estão presentes na Diocese 9 Congregações religiosas, com seus padres.
- Os padres brasileiros não são maioria na Diocese. Mas são maioria, se levarmos em conta a nacionalidade. Temos na Diocese 22 padres brasileiros (23 se contarmos o bispo) e 36 padres de outros países.

• São 10 nacionalidades: **Brasileiros (23) – Italianos (11) – Belgas (7) – Portugueses – Irlandeses – Holandeses – Franceses – Espanhol – Filipino – Alemão.**

- Dentre os brasileiros, pelo menos 3 são da Baixada (Monteiro, Valdir e Marcus)

## 2. RELIGIOSAS

- 82 freiras
- 12 Congregações

- São 82 irmãs trabalhando em setores variados da pastoral: paróquias, escolas, hospitais, creches...

- Dentre as 12 Congregações Religiosas, presentes em nossa diocese, duas se destacam particularmente:

1) As **Irmãs Clarissas** da Ilha da Madeira (Portugal). São freiras contemplativas. Vivem enclausuradas no Mosteiro, em Oração e Servi-

ço. Não fazem trabalho Pastoral ativo. Rezam em comunhão com a Igreja presente no mundo.

2) As **Irmãs Franciscanas da Baixada**, fundada por nosso Bispo D. Adriano. São Irmãs que moram em Shangrillá, atuam na área social.

- Estão presentes na Diocese, irmãs de 8 nacionalidades. A maioria das freiras da Diocese são brasileiras: **Brasil (53) – Portugal (8) – Itália (7) – Bélgica (4) – Áustria (1) – Estados Unidos (1).**

## 3. MINISTROS LEIGOS

- 628 Ministros da Comunhão
- 160 Ministros do Batismo
- 52 Testemunhas Qualificadas do Matrimônio

- São 842 Ministros Leigos, que receberam o Envio e a Provisão das mãos do bispo, para exercerem extraordinariamente, os ministérios a eles confiados.

- Nesta lista não estão contados centenas de Catequistas, Animadores de Celebração, Animadores de Círculos Bíblicos, membros de Conselhos Comunitários, Coordenadores de Cursos de Batismo, de Noivos, de Crisma...

Aparentemente são muitos os ministros em nossa Diocese. Mas não são bastante para atender ao Povo de Deus.

É preciso rezar e muito, pelas Vocações de Igreja e, trabalhar o mesmo empenho para despertar estas vocações.





## Palavra do Bispo

### Divisão do povo brasileiro

D. Adriano Hypólito



• A Campanha da Fraternidade de 1988, que se encerrou na festa da Páscoa, veio mostrar-nos e despertar-nos para um doloroso problema estrutural do nosso País: a divisão do Povo brasileiro em dois Povos de existência paralela, geralmente não percebida. Não se trata de uma divisão racial ou linguística. Mas de uma divisão social profunda que é cultural e existencial e atinge todos os setores da vida nacional.

• Podemos falar de um como "pecado original" que contagia todas as pessoas e estruturas sociais. Podemos falar de uma como

"esquizofrenia social" que racha o Povo brasileiro de cima abaixo, perturbando-o em todos os aspectos e momentos de sua caminhada, fazendo-o doente crônico de uma doença contagiosa e renitente.

• Basta olhar os diversos setores da vida nacional, para descobrirmos esse "pecado original" essa "esquizofrenia social": cultura, remuneração, nível de vida, educação, saúde, moradia, direitos fundamentais. Somos um Povo dividido, rachado.

• De um lado o "Povo do poder" — 20 a 25% da população — que abrange as elites: cultural, empresarial, política, militar e mais recentemente, a elite tecnocrática. Sobre o que poderíamos chamar a elite religiosa falaremos mais tarde porque a elite religiosa, principalmente a Igreja Católica, tomou rumo diferente nos últimos 20 e 30 anos e por isso merece consideração à parte.

• Se de um lado está o pequeno "Povo do poder", do outro está o "Povo à margem" — 75 a 80% da população brasileira —, aquilo que chamamos de Povo simplesmente ou, com certo carinho, de Povão. São dois Povos distantes, apesar de alguns pontos de contacto são dois Povos paralelos, apesar de se encontrarem algumas vezes na caminhada.

• O que caracteriza o Povo do poder, a elite, é precisamente o poder total que tem, que procura conservar e alargar, que exerce de fato e de direito adquirido sobre o Povão.

• O Povo do poder tem tudo, permite-se tudo, domina a vida nacional totalmente, pelos mais diversos meios consegue manipular o Povão e conservá-lo à margem da vida nacional em geral. Com poucas exceções.

• Essa lamentável "esquizofrenia social" ainda não é percebida devidamente nem pelas elites nem pelo Povão. Criam-se, no correr de nossa História desde o tempo colonial através do Império até a República e à Nova República, estruturas fixas e rígidas que escondem a divisão ou, quando por acaso é percebida procuram explicá-la em favor das elites.

• Esperamos que a Campanha da Fraternidade tenha aberto os olhos de muita gente para nosso "pecado original", para nossa "esquizofrenia social" (A.H.).

## Palavra do Bispo

### Semana Teológica em nosso Seminário

Dom Adriano, bispo diocesano

• O Seminário é casa de formação de futuros padres. Mas em várias atividades está aberto para cristãos que desejam aprofundar e confirmar sua Fé.

O ano passado começamos uma atividade que, a Deus querer, será continuada para o futuro: a oferta de uma "Semana Teológica" (por ora apenas três dias, por razões práticas) que, se ocupa cientificamente e pastoralmente, de problemas humanos e sociais, estudados à luz da divina Revelação.



• O problema da integração do negro na vida da Igreja — eis agora o desafio proposto à nossa Fé católica.

A luz da Fé gostaríamos de enriquecer a Teologia com sugestões concretas que nos são propostas por nossos irmãos e irmãs de raça negra e pelas experiências de uma diocese que em grande parte, provavelmente em sua maioria, conta de uma população negra e mulata.

• O fato de Jesus Cristo, o Filho de Deus, ter-se encarnado no seio de uma filha do Povo de Israel, no seio de uma mulher semita, membro do Povo que Deus escolheu, como sinal histórico, da escolha de todos os Povos, faz a história da salvação começar um novo período. O pequeno Povo de Israel assume graças a Jesus Cristo o que era sua missão: anunciar o mistério escondido desde séculos a todas as nações do mundo.

• Com Jesus Cristo explodem os limites do primeiro Israel e o pequeno Israel, sem perder o seu caráter de Povo eleito, vê pela cruz e ressurreição de Cristo alargados os seus limites até os confins do mundo. Em Jesus Cristo todos os Povos são o novo Israel, Povo escolhido, Povo de Deus, Povo sacerdotal e Povo messiânico.

• A expansão do Cristianismo no espaço greco-romano trouxe inúmeros valores à pregação do Evangelho e à organização da Igreja. A civilização semita-greco-latina marcou profundamente a Igreja e sem dúvida através da missão da Igreja marcou também os mais diversos Povos. Já se falou da europeização do mundo: em certo momento através da Igreja que revestia sua pregação de formas européias, em certo momento através da colonização assumida pelos países europeus, países cristãos, nos diversos Povos não cristãos. Basta ver a maneira de viver, de adquirir cultura, de fazer comércio etc. de muitos Povos da Ásia da África, da América, da Oceânia para reconhecer-se a penetração da cultura européia no mundo inteiro. O mundo continua dependente da Europa.

• Em sua atividade missionária a Igreja, que saiu da Europa mundo afora, sempre esteve e ainda está profundamente marcada pela cultura européia. Esta Igreja que no século terceiro e quarto soube assimilar a cultura greco-latina, mais tarde recebeu a contribuição dos Povos germânicos e fez da mistura destes numerosos elementos a infraestrutura de sua ação missionária, fixou-se tanto em suas tradições europeias que em elementos fundamentais não soube similar as novas contribuições dos Povos missionados.



51. WOCHEN

Mittwoch  
0. Dezember 1989

## Um olhar sobre a Baixada De sonhos e cifras

Frei Luís Tomaz

"EU TIVE UM SONHO" — Em dia de semanas passadas, realizou-se assembleia geral para avaliação do Projeto Caritas/Inamps. Havia problemas, como há tensões em tudo o que é vivo. A classe médica, sobretudo a classe médica, historicamente elitista e corporativa em nosso País, não se converte fácil para a revirada da pirâmide. O sonho da diocese de Nova Iguaçu, através da Caritas, era fazer a inversão da pirâmide social brasileira, na prestação de serviços médicos comunitários. Não é mais a injustamente designada, com frequência, máfia de branco que dá a palavra final no projeto. Não vale mais a pose de senhor da vida e da morte; muitas vezes de araque! Não é a empáfia universitária que se tem colocado acima do povo e acima da vida e da morte! Quem dá as ordens é a comunidade da periferia. Este é o sonho!

"SONHEI COM NOVO AMANHECER" — E o jovem médico, ainda com cara de recém formado, interveio na assembleia para contar sua decepção. "Sonhei com novo amanhecer, quando entrei no projeto. Pensei que iríamos criar uma nova sociedade, mas vi que não passou de sonho". Estou reproduzindo livremente a intervenção do companheiro, para lembrar-lhe que, bem antes dele, muitas outras pessoas alimentaram o mesmo sonho. Só que, no sonho anterior destes companheiros, não havia nenhum cavalo encilhado, pronto para montar e levar o sonhador à paz dos 88 mil cruzados mensais (em maio), por quatro horas diárias de serviço. Como se menciona, muita gente sonhou antes e teve de fazer força, brigar com a polícia, fechar a Dutra e tantas outras batalhas mais, até conquistar o projeto comunitário de Saúde, no qual montaram e estão viajando muitos sonhadores temporais e descansados.

BATALHAR É MAIS DESINSTALADOR DO QUE SONHAR — Batalhar resume a vida do pessoal que mora na Baixada Fluminense. Acordar cedinho na madrugada, andar a pé até o ônibus, pegar o ônibus até o trem, do trem pegar outro ônibus até a obra, na obra suar feito escravo, ao meio dia comer a marmitta de arroz com ovo, de tardinha pegar de novo o ônibus, depois o trem, depois o outro ônibus, depois andar a pé, para chegar em casa e reencontrar a família morto de cansado, dormir algumas horas e, no dia seguinte, retomar o batente. No fim do mês, com o investimento diário de umas doze horas em função do trabalho receber de um a dois salários mínimos: entre 8 a 12 mil cruzados. Indignidade econômica acompanha e produz indignidade social. É preciso ser gente e ser soldado, para crer neste povo e por ele lutar. Sonhar é pouco! É fácil, quando, recém formado, já me encontro assegurado, em apenas um dos meus empregos, com 88 mil mensais (a partir deste maio). Para o povo da Baixada, isso é salário de sonho!

OCASIÃO DE SER VEZ E VOZ DOS SEM VEZ E VOZ — Já torna-se cansativo rebater a tecla: a diocese de Nova Iguaçu, parte do projeto de saúde através da Caritas, não é patrão nem se sente como tal. A essa altura das tensões — muitas delas naturais e algumas, indevidas — há de se reafirmar que cobraremos inapelavelmente os direitos da comunidade. Não haverá possibilidade de o espírito corporativo apoderar-se do projeto e o projeto, como quase tudo no Brasil, recair em condução elitista e clienteladora. Todas as precauções e medidas serão tomadas, para que se mantenha a enorme novidade, em convivência social igual à nossa: inversão da pirâmide, nós servindo ao povo, nós perdendo a pose, nós deixando de ser donos da verdade e assumindo posição bem mais verdadeira, isto é: não estamos fazendo favor nenhum, somos empregados do povo, o povo é dono do projeto, pois é de seus salários descontados que os profissionais da medicina estão sendo pagos. E, em vista do que o povo ganha, muito bem pagos!



51. WOCHEN

Donnerstag  
21. Dezember 1988

# Queimados vai

Elenilce Bottari

Faltam 49 dias 60 mil votos para que Nova Iguaçu perca uma área de 180 quilômetros e 33% de sua atual arrecadação. Após uma espera de dois anos, o Tribunal Regional Eleitoral marcou para o próximo dia 10 de julho o plebiscito sobre a emancipação do 2º e 6º distritos e sua transformação em município de Queimados, que abrangeria também Cabuçu, Engenheiro Pedreira e Japeri.

Para a criação do novo município da Baixada, com 380 mil habitantes, além das razões comuns a todo pedido de emancipação - falta de repasses de verbas, escolas, postos de saúde, saneamento básico e pavimentação -, o comitê de campanha aponta outra específica: "Apesar da região ter sido totalmente abandonada pelo Prefeito Paulo Leone, só o comércio de Queimados representa o maior recolhimento de ICM da região".

Apesar de abranger uma área duas vezes e meia maior do que a Belford Roxo (outro candidato à municipalização na Baixada) e ter uma popula-

ção quase três vezes superior à Barra, a campanha pró-emancipação de Queimados promete ser a mais modesta: "Nós estamos passando um livro de ouro em toda a região para arrecadar fundos, mas a nossa maior arma é a necessidade de uma prefeitura para resolver os grandes problemas da região", contou Luiz Gonzaga de Macedo, 61, coordenador do comitê.

A mobilização dos **queimadenses** conta com a participação de 50 associações de bairros, todas as igrejas da região e é encabeçada pela associação comercial. No início, além da distribuição de panfletos, colocação de cartazes e de convocação dos carros de som, o comitê está organizando uma vasta programação de eventos que vão desde festas nas praças até **carreatas** passando por diversas visitas às poucas escolas ali existentes.

"Por enquanto, nós estamos com algumas inserções na Rádio Tarcio, mas na última semana pretendemos ampliar a divulgação para outras rádios, nos jomais e, quem sabe, até na tevê - explicou

a coordenadora Fátima Cordeiro.

## POBRE E LONGE DE NOVA IGUAÇU

"O operário quando chega atrasado, o patrão mal-humorado diz que mora logo ali/ porque não anda neste trem lotado, com o peito amargurado, baldeando por aí!" - o samba enredo "O 33 da escola de samba Err. Cima da Hora conta um pouco do cotidiano do 2º Distrito de Nova Iguaçu, Japeri, que, segundo dados da Companhia Brasileira de Trens Urbanos, representa a população ferroviária mais pobre do Rio de Janeiro.

Órfão de muitas campanhas, essa população - de 60 mil habitantes - não quer ser município, mas tem um motivo especial para querer mudar de prefeitura: está a 46 quilômetros do centro de Nova Iguaçu. "Se ficasse mais perto da gente, talvez o prefeito olhasse pelo povo daqui", contou Antônio Rodrigues da Silva, 61, aposentado. Para receber sua pensão, Antônio tem que ir até o município de Paracambi, a 8 km: "Não temos banco", lembra.

A primeira tentativa de ganhar um novo município foi durante a campanha de emancipação de Paracambi, mas, por lei, um distrito não pode sair de um município para outro. Em 86, quando a Assembleia aprovou o plebiscito para a emancipação de Queimados, veio a grande e derradeira oportunidade. Para conseguir sua municipalização, Queimados não poderia, por lei, interromper em um trecho o município de Nova Iguaçu, portanto teve de abrigar, em sua campanha, Japeri e seu subdistrito, Engenheiro Pedreira, igualmente pobre.

Segundo Araribóia Ribeiro Luciano, vice-presidente da Associação Comercial de Queimados e comerciante de Japeri há 14 anos, o 2º Distrito tem 13 mil eleitores que ajudarão a garantir a vitória nas urnas: "Não recebemos aqui qualquer benefício do prefeito Paulo Leone. Não temos pavimentação, saneamento, benecos e 30% da nossa população não recebe água da Cedeae", contou. Araribóia contou que a campanha de mobilização está sendo feita junto com as duas associações de

moradores da região, que percorrem as ruas e escolas para convocar a população a votar sim nas urnas, no dia 10 de julho.

**2º DISTRITO** - Com 130 anos de fundação, somente em 1982, com a instalação do Parque Industrial, Queimados conseguiu autonomia para tentar a municipalização: "A nossa luta vem desde 84 com a criação da comissão das municipalidades, mas os interesses políticos impediram a concretização do plebiscito.

Em 23 de abril de 86, a Assembleia Legislativa aprovou o projeto de emancipação de Queimados e a anexação de Japeri e Engenheiro Pedreira (6º Distrito) ao novo município. Uma semana depois, o projeto foi para o TRE, mas somente agora foi fixada a data", contou Fátima.

Para muitos moradores de Queimados e de Cabuçu (subdistrito), a transformação em município representaria a retomada do desenvolvimento da região, que após anos de desgovernos, tem servido praticamente de dormitório para seus quase 200 mil habitantes: (JB 20.5.88)

## à luta

## Abolição: liberdade ou farsa

P. Jorge Paim dos Santos - Belford Roxo

• Apesar dos chavões que a classe dominante tenta impingir para sociedade de que o Brasil é uma democracia racial, por exemplo os "clips dos Axés dos 100 anos da abolição" da Rede Globo, é por demais evidente que o racismo existe no Brasil.

• É um tipo de "apartheid" à brasileira disfarçado, em que os negros ficaram livres do açoite das senzalas para ficarem presos na miséria das favelas, em sua grande maioria. As marcas do chicote perduram até hoje através da marginalização, da escolaridade mais baixa, dos salários mais baixos, da ocupação de funções no mercado de trabalho menos qualificadas e de pior remuneração e das maiores dificuldades de ascender socialmente como um todo dentro do sistema.

• Isto sem falar na redução da cultura negra como sinônimo de folclore ou na restrição apenas em alguns setores, por exemplo: carnaval, samba, futebol, capoeira, cozinha, cachaça... Estes fatores condicionam a idéia de que o negro é um cidadão de segunda classe; pois não é por acaso que na maioria das batidas policiais são os negros os primeiros suspeitos e dos frequentes casos em que pessoas negras são barradas em locais públicos.

• Por isso em hipótese alguma, os negros através de seus movimentos organizados, articulados com os demais segmentos da sociedade que querem e lutam por uma sociedade fraterna e igualitária, podem festejar a data do centenário da abolição. Deve ser sim, uma data de reflexão, de luto do povo negro, pois nada mudou. A liberdade assinada a tanto tempo na Lei Aurea ainda ninguém viu.

• Como prova disso, foi a grande marcha do dia 11, com mais de 8 mil pessoas, organizada pelos movimentos negros do Estado do Rio, que questionaram a farsa do 13 de maio. A marcha foi de uma maneira estúpida interrompida em seu trajeto por um fortíssimo aparato militar da PM e do Exército. Aliás, foi o maior aparato militar colocado nas ruas desde 68,



comparável aos trágicos momentos da ditadura militar. É o maior desde 85, ano em que a "Nova República" assumiu o poder (o que não passou de uma mera troca de roupagem: a troca da "verde oliva" pela roupa civil dominante).

• Fica desta forma comprovado que o sistema de repressão é o mesmo a 450 anos. Até o fato de colocar vários policiais negros para reprimir o movimento feito por gente de sua raça, é antigo. É a repetição dos velhos capões-do-mato que caçavam escravos foragidos para os seus mandantes.

• Portanto a farsa continua. Em nenhum momento das várias manifestações festivas com o aval do governo nas comemorações do "centenário da abolição" foram reprimidas, ao contrário, foram largamente divulgadas pelos meios de comunicação social. E quando aparecem manifestações fora dos interesses oficiais, como foi o caso da marcha do dia 11, o governo tirou "a máscara" e mostrou o que entende realmente do "AXÉ" negro e não poupou "homenagem" através do seu último elemento de persuasão: que é a repressão policial. Ironicamente, isto aconteceu no estado em que é largamente difundido em nível nacional de ser o lugar onde o racismo menos se manifesta.

• Frente a este contexto, fica entretanto, um grande desafio para a P.O. Não podemos, pois deixar de constatar a grande desinformação ainda existente dos militantes negros sindical e também dos militares negros da PO e dos militantes em geral sobre as desigualdades raciais no mundo de trabalho. A prova mais evidente disso é a existência quase nula da questão racial nas reivindicações específicas nas lutas gerais das entidades de classe e sindicatos.

• Neste aspecto, foi com muita lucidez que o texto base da CF-88 aponta a situação da marginalização em que se encontra a comunidade negra, por mais séria que seja, faz parte de um todo social e não pode ser tratada de um modo isolado. Por isso a questão negra deve ser trabalhada como eixo gerador e motivador da luta evangélica para transformação da estrutura social vigente injusta, no Brasil (TB da CF-88 n.º 9).

• Por isso os atos de protestos do movimento negro organizados podem ajudar a PO a ter um melhor enfoque e encaminhamento sobre o tema; pois em muito a causa do povo negro virá contribuir na luta por uma sociedade justa, igualitária e fraterna (CFJS 11, 1-9). AXÉ.



## As razões de sermos pobres

AS INFORMAÇÕES do Banco Central sobre o pagamento de amortizações e juros da dívida externa são, no mínimo, estarrecedoras. Continuamos a dever mais de 140 bilhões de dólares. Apesar disso, entre 1982 e 1986 pagamos de juros e amortizações a brutalidade de 76,74 bilhões de dólares, enquanto, no mesmo período, só entraram no País 48,52 bilhões de dólares. Quer dizer: em cinco anos demos-nos ao luxo de enviar para o exterior 28.266 bilhões de dólares.

OS NÚMEROS FRIOS, apesar de assustadores, não chegam a demonstrar claramente a terrível sangria a que vimos sendo submetidos pelos banqueiros estrangeiros, pelos países amigos e pelos organismos internacionais de crédito, como o FMI, o Bird e o BID. Só esses três levaram 2,2 bilhões de dólares líquidos. Não há país no mundo que consiga estabilidade econômica e o crescimento indispensável tendo de exportar tanto capital.

O CONTRÁRIO, países em desenvolvimento, como é o caso do Brasil, têm de ser importadores de capital. É impossível a esses países gerar a poupança necessária internamente. Logo, os capitais precisam vir do exterior e não ir para lá. Temos hoje uma balança comercial superavitária cujo resultado este ano é estimado em 13

bilhões de dólares. Essas divisas não poderiam ser exportadas; mas o são, para pagar juros, spreads, amortizações.

ESSE PAGAMENTO não teria grande importância se, na contramão, estivesse entrando o dobro ou o triplo em capitais de risco. Mas é bom se ter sempre em mente que só servem capitais de risco. Mais empréstimos gerariam apenas aumento da dívida e, em consequência, maiores juros e serviços. Nesses cinco anos, mandamos para o estrangeiro cerca da quarta parte de tudo quanto recebemos por nossas exportações nesse mesmo período. Ou ainda, o dobro do que importamos em bens de capital. Ou não mais pagamos um centavo e assumimos nossa pobreza ou os capitais precisam vir.

ESSES DADOS mostram que a política até aqui praticada pelos Governos brasileiros não foi a melhor possível. Pelo contrário. Esses números nos levam a concluir que, entre 1982 e 1986, mandamos para pagar a dívida o equivalente a 3,6% de tudo o que produzimos no período. Está aí a explicação para a falta de poupança, para a diminuição do consumo interno, via arrocho salarial, a redução do poder de compra e a deterioração da qualidade de vida dos brasileiros.

*fin uho 88 Cam.*

## S. Antônio entrou e não abre

**P. Agostinho Pretto**  
Vigário da Catedral de S. Antônio

Foi o que ouvi de um parouquiano da Catedral: "Santo Antônio entrou na vida do povo e não abre!" Pois bem, chegou de novo a festa deste Santo do mundo inteiro, como proclama sua ladainha, e Santo também da Baixada Fluminense e, particularmente, de Nova Iguaçu, nossa Diocese e nossa Igreja-mãe, a Catedral. Em louvor a ele, deixei correrem no papel as lembranças espontâneas da presente oração:

Santo Antônio de Jacutinga, rogai ao Senhor para que os iguaçuanos e os moradores de toda a Baixada Fluminense consigam, com Tua ajuda, livrar-se à vergonha da violência. Tu, que és o Santo de Pádua, de Lisboa, o Santo da Igreja, o Santo da Baixada Fluminense, o Santo Padroeiro de Nova Iguaçu, desta Diocese e da Diocese de Caxias.

Antônio dos milagres, Antônio dos jovens casados, Antônio dos Antônios, Antônio do mundo inteiro: nesta altura dos acontecimentos nos dirigimos a Ti, por ocasião de Tua e nossa festa, para desabafar e pedir. Desabafar: Santo Antônio, a Baixada Fluminense, que Te escolheu como Padroeiro, está num sufoco de vergonha. Aqui os Teus devotos sofrem repressão sem precedentes; o Prefeito de Tua cidade é praticamente indialógavel, frente à calamidade e consequência das enchentes; a Câmara dos Representantes encontra-se sem poder de resolução; poder da ordem, sem condições de controle; o povo lutador e resistente, sem saúde, casa e esperança.

Antônio dos milagres, aqui se mata, se reprime e se odeia. O povo não merece! Não merece ser marginalizado. Não merece ser taxado de violento. Não merece ser carregador de pecados dos covardes que aqui trabalham no escuro. Antônio de Pádua, na Tua festa de 1988, queremos enfocar toda a nossa



confraternização e celebração, no sentido de dizer um BASTA!

BASTA, surdos mudos da violência! BASTA aos que tiraram partido da pobreza e da miséria. BASTA aos covardes! Queremos dizer a todos os fluminenses: resistiremos até o fim, para salvamos a dignidade do Teu povo e dos Teus devotos. Santo Antônio, não queremos milagres sem a nossa participação; e também sabemos que não fazes milagres de presente. Queremos pedir que nos ajudes a sair do comodismo, do silêncio covarde, queremos força e graça para denunciar todos que abusam do poder para oprimir e matar.

Queremos anunciar e construir homens novos,

comprometidos com os interesses deste povo bom, trabalhador, e digno. Santo Antônio, a Diocese de Nova Iguaçu quer honrar o teu dia 13 de junho. Quer fazê-lo com fé e esperança. Veja aqui nosso modesto, mas sincero programa em Tua homenagem:

TRÍDUO DE PREPARAÇÃO:  
dia 10 — A Família Iguaçuana  
dia 11 — O Compromisso Iguaçuano  
dia 12 — Juventude Iguaçuana  
dia 13 — FERIADO MUNICIPAL:  
— 18 horas — missa campal de dom Adriano.

Dia 13 de junho — serf dia de reafirmação da nossa intenção de corresponder ao Teu compromisso: "Santo Antônio entrou em nossa vida e não abre!"

CEED



## Os separatistas

*Belford Roxo não tem campanha na televisão mas tem know how: vai tentar pela segunda vez separar-se do município de Nova Iguaçu*

*Elenilce Bottari*

**S** em os recursos milionários da campanha de emancipação que está sendo realizada na Barra da Tijuca e sem pretensões de transformar Belford Roxo em cidade de elite da Baixada Fluminense, a tímida campanha de emancipação do 4º Distrito de Nova Iguaçu começa a ganhar forma, invadindo as casas dos seus 570 mil habitantes — através de rádio, folhetos e carros de som — a apenas 32 dias da votação do plebiscito. A razão do movimento, segundo o presidente do Comitê Pró-Emancipação e da Associação Comercial de Belford Roxo, Hebert Tam, não é conseguir o sim para a municipalização; é levar às urnas 90 mil eleitores.

Amargando na pele os erros da campanha de 85, quando, apesar de ter 90% dos votos a favor, não houve quorum para a aprovação do projeto, o comitê está voltando o seu trabalho para a periferia, onde vive a maioria esmagadora da população: "A luta aqui é muito diferente da Barra, onde o quórum é certo, mas o resultado é imprevisível. Aqui, o problema continua sendo o comparecimento às urnas. Além de tirar as pessoas do seu descanso no final da semana, há a dificuldade de transportes. Falta condução e, se chover, a locomoção será ainda mais difícil", prevê Hebert Tam.

O comitê de campanha foi legalizado há dois meses. Conta com a participação de entidades religiosas, de lideranças das 100 associações de moradores, de políticos e de representantes da indústria e comércio. O grande boom da mobilização, segundo Tam, foi no último domingo, quando começaram a ser veiculadas propagandas nas resenhas esportivas durante o clássico Flamengo X Vasco. A distribuição de folhetos está sendo feita pelas associações de moradores: "O forte da campanha serão mesmo as inserções nas emissoras de rádio. Inclusive, os carros de som não conseguem chegar em muitas ruas, onde o transporte é inacessível.

Com 73 km² de área, Belford Roxo conta com 144 indústrias e uma arrecadação que representa 51% da receita de todo o município de Nova Iguaçu, razão suficiente para a violenta campanha que o prefeito Paulo Leone organizou no último plebiscito contra a aprovação do projeto: "Leone continua contra, mas desta vez não está se mobili-

zando para impedir a votação, talvez por estar em final de mandato, não tenha se interessado", disse Hebert Tam, acrescentando que a Associação Comercial não iniciou a campanha deste ano, mas apenas encampou o movimento da associação de moradores do Parque Bom Jardim: "Na mobilização passada, erramos por deixar que os políticos capitalizassem o movimento".

**O voto da massa** — Desde o domingo, o assunto emancipação do povo belford-roxense vem sendo flagrado nas tendas e vielas dos muitos bairros do 4º Distrito, desde o Centro, onde está localizada a chamada elite da cidade, até as localidades de Gogó da Ema, Lote 15, Parque e São Vicente, famosos pela absoluta miséria. Heraldo Moraes, 27, morador há 13 anos no Bairro Jardim Bom Pastor, diz que, se depender de seu voto, "Belford Roxo já é município" e apresenta entre as razões de sua escolha a necessidade de independência e a possibilidade de livrar o local "de prefeitos como Paulo Leone". Seu vizinho Jair Rangel mostra grandes valas nas ruas; diz que embora Bom Pastor conste na Prefeitura como pavimentado, não viu asfalto até agora.

O Gogó da Ema, que já foi citado como um dos locais mais violentos do mundo, é uma conhecida área de desova de cadáveres. Não tem água, calçamento, escolas (apenas uma para as mais de 2 mil e 500 crianças que ali vivem), transporte, é um bairro mal iluminado. Segundo o proprietário do Bar Gogó da Ema, o paraibano Antônio Gomes Maria, de 50 anos, os políticos só aparecem por ali em época de eleições. Antônio, como outros moradores, não aceita a denominação de violento para o lugar. "Violência aqui é o total abandono por parte do município de Nova Iguaçu", ele diz.

No Lote 15, muitos vêem a emancipação como um sonho distante: "Seria bom que acontecesse" — comentou Maria de Fátima Ramos, 53 anos. O presidente da Associação de Moradores do Jardim Santa Luzia do Outeiro, Gabriel Valentin, está depositando na campanha de emancipação as esperanças de um melhor futuro: "No Vale do Ipê, somos 2 mil e 300 famílias. Não temos escola municipal, posto de saúde, saneamento básico, pavimentação, iluminação, além disso, apenas uma linha de ônibus passa por aqui".

## ECOS DO TAL CENTENÁRIO DA ABOLIÇÃO

### Quem foi Duque de Caxias

Na escola aprendemos que ele foi o herói da guerra do Paraguai e recebeu o título de Patrono do Exército brasileiro. Vamos analisar a história da guerra do Paraguai não só de maneira "oficial", mas também ouvindo o povo negro, verdadeiros heróis desta guerra, e tiremos nós mesmos a conclusão:

Caxias e todo sistema escravagista fez da guerra do Paraguai um instrumento para matar membros da comunidade negra. Em 1860 a população negra brasileira era de 45% do total da população brasileira. Divulgavam em todo território que os negros que fossem lutar na guerra, ao retornar receberiam a liberdade e os já livres receberiam terras. Chegava a convocação para o filho do fazendeiro, ele o escondia e no lugar enviava de 5 a 10 negros.

Os negros venceram a guerra do Brasil contra o Paraguai. Caxias escreve para o Império dizendo que estava preocupado em trazer de volta para o Brasil aquela imensa quantidade de soldados negros, pois eles já tinham consciência das injustiças cometidas contra seu povo. Caxias temia que os soldados negros, junto com o povo, fizesse uma revolução como no Haiti.

Sabemos que o exército, a mando do sistema, usou vários métodos para eliminar os corajosos soldados negros. Entre eles, a história nos conta que ao retornar ao Brasil, atravessando as florestas muitos soldados pegavam doenças tropicais. O comando do exército reservava os remédios para os soldados brancos, deixando os negros morrerem. Os negros que protestavam eram

eliminados como insubordinados. O resultado disto foi que em 1875 a população negra do Brasil caiu de 45% para 15% do total da população.

Em 1860, de cada 100 brasileiros, 45 eram negros. Em 1875, de cada 100 brasileiros brasileiros, apenas 15 eram negros. O que fizeram com o restante de nossos irmãos negros? Repudiamos o fato de crianças negras serem levadas a desfilarem em honra de Caxias, sem terem tido as informações sobre o Duque de Caxias. Sabemos que todas as pessoas negras e brancas que têm senso de justiça acreditam na conscientização e organização do povo. É o povo que vai exigir todas as mudanças necessárias, que nossa sociedade precisa passar, para se tornar mais próxima à proposta do REINO DE DEUS!



## Uma justa injustiça

Por Anadir Fernando, Vera e Georgina  
da Comissão de Justiça e Paz

• A persistente caminhada da população carente desta nossa, Baixada e, por infeliz contingência, da grande maioria populacional brasileira, num ato incansável de ter seu próprio teto para o seu breve descanso, ou para a simples referência de domicílio, esbarra-se primeiramente na má disciplina dos governantes no atendimento desta classe, quanto ao destino das parcas verbas existentes e, quando liberadas, vêem-se nas mãos de grandes construtoras que quase sempre constroem unidades impróprias por seus valores a grande maioria e, ainda assim, admitindo-se que um reduzido número de pessoas conseguem atender ao burocrático sistema de inscrição e de uma renda familiar, breves tempos depois, colocam-se na fileira dos inadimplentes do Sistema Financeiro da Habitação — há muito tempo falido em sua finalidade —, por não conseguirem atender às constantes majorações sofridas em suas prestações mensais, calçadas em índices superiores àqueles que reajustam os salários dos mutuários. E, impossibilitados em saldar as suas dívidas, vêem-se ameaçadas por perdas de direitos quanto ao contrato firmado, execução da dívida, notificações e, por fim, o despejo sumário.

• Por outro lado, temos em pauta constante de nosso trabalho, a orientação pedagógica em encontros, assembleias e reuniões de entidades, associações de morado-



res e mutirões que conscientes das necessidades de seus membros e vislumbrando em seus arredores grandes áreas devolutas, desocupadas de quaisquer proveitos edificados ou produtivos, ocupam-nas com o único propósito de recolhendo as mais íntimas quantias de dinheiro, acaso existentes, de restos de materiais de construções e de doações de terceiros, constroem o seu "barraco". Imediatamente, no entanto, deparam-se com os proprietários-grileiros, munidos de documentações fartas de seus direitos, quase sempre de discutível procedência, validade e autenticidade em seu conteúdo, não sem antes trazendo consigo "a tiracolo" um competente causídico que o defenderá "nas barras dos tribunais daquela ilegal invasão", acompanhada ainda de um forte contingente policial.

• Tais incongruências ocorrem face a nossa legislação paternalista na proteção ao direito da propriedade pri-

vada e pública, caleado sempre numa doutrina e jurisprudência arcaica e raigada de profundas injustiças sociais que, se aplicada com inteligência, sensatez e equidade, bem poderia alterar paulatinamente a situação dos que impossibilitados de adquirir sua casa própria a construírem com seus parcos recursos dentro de suas possibilidades e tempo.

• A tais injustiças sobejamente sabida de nossos legisladores e, ora constituintes, que secularmente patam seus atos em favor dos mais poderosos economicamente, resta-nos uma mudança radical daquele comportamento, a fim de pôr em que tais injustas legislações, aceitas por estarem, ainda conforme a lei presente. Aliás, entendemos que tais alterações somente advirão com uma forte pressão de entidades e associações comunitárias, visto que só assim conseguem entender as prerrogativas e carências da classe menos favorecida.

# Os separatistas da Baixada

*Belford Roxo não tem campanha na televisão mas tem know how: vai tentar pela segunda vez separar-se do município de Nova Iguaçu*

Elenilce Bottari

**S**em os recursos milionários da campanha de emancipação que está sendo realizada na Barra da Tijuca e sem pretensões de transformar Belford Roxo em cidade de elite da Baixada Fluminense, a tímida campanha de emancipação do 4º Distrito de Nova Iguaçu começa a ganhar forma, invadindo as casas dos seus 570 mil habitantes — através de rádio, folhetos e carros de som — a apenas 32 dias da votação do plebiscito. A razão do movimento, segundo o presidente do Comitê Pró-Emancipação e da Associação Comercial de Belford Roxo, Hebert Tam, não é conseguir o sim para a municipalização; é levar às urnas 90 mil eleitores.

Amargando na pele os erros da campanha de 85, quando, apesar de ter 90% dos votos a favor, não houve quorum para a aprovação do projeto, o comitê está voltando o seu trabalho para a periferia, onde vive a maioria esmagadora da população: "A luta aqui é muito diferente da Barra, onde o quórum é certo, mas o resultado é imprevisível. Aqui, o problema continua sendo o comparecimento às urnas. Além de tirar as pessoas do seu descanso no final da semana, há a dificuldade de transportes. Falta condução e, se chover, a locomoção será ainda mais difícil", prevê Hebert Tam.

O comitê de campanha foi legalizado há dois meses. Conta com a participação de entidades religiosas, de lideranças das 100 associações de moradores, de políticos e de representantes da indústria e comércio. O grande boom da mobilização, segundo Tam, foi no último domingo, quando começaram a ser veiculadas propagandas nas resenhas esportivas durante o clássico Flamengo X Vasco. A distribuição de folhetos está sendo feita pelas associações de moradores: "O forte da campanha serão mesmo as inserções nas emissoras de rádio. Inclusive, os carros de som não conseguem chegar em muitas ruas, onde o transporte é inacessível.

Com 73 km² de área, Belford Roxo conta com 144 indústrias e uma arrecadação que representa 51% da receita de todo o município de Nova Iguaçu, razão suficiente para a violenta campanha que o prefeito Paulo Leone organizou no último plebiscito contra a aprovação do projeto: "Leone continua contra, mas desta vez não está se mobili-

zando para impedir a votação, talvez por estar em final de mandato, não tenha se interessado", disse Hebert Tam, acrescentando que a Associação Comercial não iniciou a campanha deste ano, mas apenas encampou o movimento da associação de moradores do Parque Bom Jardim: "Na mobilização passada, erramos por deixar que os políticos capitalizassem o movimento".

**O voto da massa** — Desde o domingo, o assunto emancipação do povo belford-roxense vem sendo flagrado nas tendas e vielas dos muitos bairros do 4º Distrito, desde o Centro, onde está localizada a chamada elite da cidade, até as localidades de Gogó da Ema, Lote 15, Parque e São Vicente, famosos pela absoluta miséria. Heraldo Moraes, 27, morador há 13 anos no Bairro Jardim Bom Pastor, diz que, se depender de seu voto, "Belford Roxo já é município" e apresenta entre as razões de sua escolha a necessidade de independência e a possibilidade de livrar o local "de prefeitos como Paulo Leone". Seu vizinho Jair Rangel mostra grandes valas nas ruas; diz que embora Bom Pastor conste na Prefeitura como pavimentado, não viu asfalto até agora.

O Gogó da Ema, que já foi citado como um dos locais mais violentos do mundo, é uma conhecida área de desova de cadáveres. Não tem água, calçamento, escolas (apenas uma para as mais de 2 mil e 500 crianças que ali vivem), transporte, é um bairro mal iluminado. Segundo o proprietário do Bar Gogó da Ema, o paraibano Antônio Gomes Maria, de 50 anos, os políticos só aparecem por ali em época de eleições. Antônio, como outros moradores, não aceita a denominação de violento para o lugar. "Violência aqui é o total abandono por parte do município de Nova Iguaçu", ele diz.

No Lote 15, muitos vêem a emancipação como um sonho distante: "Seria bom que acontecesse" — comentou Maria de Fátima Ramos, 53 anos. O presidente da Associação de Moradores do Jardim Santa Luzia do Outeiro, Gabriel Valentin, está depositando na campanha de emancipação as esperanças de um melhor futuro: "No Vale do Ipê, somos 2 mil e 300 famílias. Não temos escola municipal, posto de saúde, saneamento básico, pavimentação, iluminação, além disso, apenas uma linha de ônibus passa por aqui".

■ A briga pela emancipação de Belford Roxo vem de anos, mas ganhou forças em 1984 com a aprovação, na Assembléia Legislativa, do projeto do deputado Eduardo Chuahy (PDT). O plebiscito — marcado para o dia 21 de abril de 1985 — teve, no entanto, um resultado desolador: dos 101 mil 862 eleitores, somente 34.278 compareceram às urnas. Com a falta de quorum foi marcada uma nova data, noventa dias depois, mas o assunto acabou engavetado, devido às pressões do prefeito Paulo Leone, radicalmente contra a emancipação do 4º Distrito.

Com a decisão do Tribunal Regional Eleitoral de marcar para o dia 12 de junho próximo novos plebiscitos para a Barra, Belford Roxo, e Quissamã, as campanhas de rua recomeçaram, desta vez voltadas para a periferia, onde vivem cerca de 520 mil habitantes, a quase totalidade de Belford Roxo. Segundo o presidente Hebert Tam do Comitê Pró-Emancipação essa é a grande chance do distrito conseguir a sua municipalização: "Se não for desta vez, na próxima será mais difícil, pois participarão todos os eleitores do Município de Nova Iguaçu", lembrou. (E.B.)

## Desabrigado

Te invejo  
Meu irmão  
pois de tudo que perdeu  
te restou o melhor  
Tua Fé,  
Eu que pareço ter tudo  
me sinto alagado  
num mar  
de egoísmo  
fechada no meu conforto

sem vontade  
de lutar  
ou sem motivo  
porque lutar  
tenho vergonha  
de olhar teu rosto  
tranquilo  
dizendo - Não foi nada  
amanhã é outro  
dia  
vou pôr meu pé na estrada

vou caminhar  
vou vencer !!!  
Pois de tudo que perdi  
restou o melhor  
pra mim  
que é acreditar no Deus  
esperança.

Maria da Conceição  
Pastoral do Batismo - Sta. Maria

## Bispo critica apatia do povo

### D. Angélico censura desânimo que faz do pobre um cúmplice

Ricardo Kotscho

SÃO PAULO — Acostumado a falar mal do governo, sempre em termos duros e cáusticos, dom Angélico Sândalo Bernardino, bispo auxiliar de São Paulo na explosiva Zona Leste da cidade, tem surpreendido os 82 padres e 3 milhões de fiéis de seu rebanho com críticas ao povo. "Nunca assisti a uma apatia tão grande como agora", queixa-se o bispo, quase desalentado, aos 55 anos, em vez que suas pregações não têm surtido efeito mobilizador contra as más condições de vida. "O povo, ao mesmo tempo em que é vítima desta situação, acaba se tornando cúmplice", diz dom Angélico num desabafo que surpreende aos que se acostumaram a chamá-lo de *bispo vermelho*, por estar sempre defendendo os pobres contra os ricos e as autoridades.

"A pergunta que eu me faço é: se esse povo realmente não fosse a massa que é, como se explica que, diante de uma situação de tanta necessidade e de tanto sofrimento, não parta para ações descontroladas?", tem-se indagado ultimamente o bispo da Região Leste-2 da Arquidiocese de São Paulo nos periódicos encontros com os padres espalhados pelas paróquias mais carentes da cidade.

E ele mesmo responde: "Não parte porque não é povo, é uma massa". D. Angélico constata que, "depois da grande festa da campanha das diretas, um marco na mobilização popular, o que sobrou foi um sentimento de frustração e espanto, o absoluto desencanto com as lideranças que criaram uma esperança muito grande".

**Bichos** — Agora, compara d. Angélico, o povo assiste à materialização da última passagem do livro *A Revolução dos Bichos*, de George Orwell — aquele em que os porcos tomaram conta da fazenda e acabam pervertidos pelos homens —, em que não se sabia mais quem era bicho e quem era homem. "Que deprimente espetáculo esses senhores da Nova República apresentam à nação. Transição de que, para quê? Em vez de eleições, o único valor que ainda poderia permitir à nação respirar, estamos vendo essa palhaçada do Sarney querendo ficar cinco anos..."

O que mais tem incomodado d. Angélico é o número de fiéis que o procuram para

São Paulo — José Carlos Brasil



Bispo: "Povo reagiria se não fosse apenas massa"

dizer que "no tempo do Figueiredo não era muito diferente e muita coisa era até melhor". Não é essa sua opinião, assegura, mas acaba opinando que "essa Nova República não oferece oportunidade para se promover eleições decentes e a situação econômica é de descalabro".

O episódio da votação da reforma agrária na Constituinte, em que saíram vitoriosas as posições da UDR (União Democrática Ruralista), na semana passada, não o surpreendeu. "Isso apenas faz parte do elenco de traições da Nova República para com o povo, que cada vez se sente mais desencantado, enganado, espantado."

Para d. Angélico, "a maior traição da Nova República foi seu esforço sistemático para desmobilizar o povo". Desencantado, também ele, admite: "E estão conseguindo", e garante: "Nunca assisti a uma apatia do povo tão grande como agora."

D. Angélico atribui esta apatia "ao peso da alienação que a máquina de propaganda do governo despeja sobre o povo. Esse pessoal mente de tal forma que até televisão em branco e preto o povo vê colorida..." A única exceção que ele destaca nesse ambiente é o Movimento dos Sem-Terra, que também não escapa de um processo de esvaziamento e só sobrevive em função do trabalho da pastoral, o que contraria seus princípios.

"Eu sempre fui contra a hegemonia dos homens de Igreja nos movimentos populares, que devem ser dirigidos por suas próprias lideranças, respeitando a pluralidade. Mas, hoje, se a Igreja sai, o movimento acaba", lamenta D. Angélico, que alterna sentimentos de profundo pessimismo ("não adianta querermos nos enganar, porque metade do povo, pelo menos, continua analfabeto, mal sabe bordar o nome") com esperança: "Na medida em que confluírem algumas condições, inclusive de certas lideranças, esse povo volta à praça".

**Disputar** — De que maneira isso pode acontecer, ele diz que também não sabe. Sabe, apenas, que não se pode atribuir toda a culpa às forças conservadoras reunidas no *Centrão*. "As esquerdas também estão fazendo o jogo dos interesses partidários, perdidas em suas disputas de poder. Há esquerdas fisiológicas que estão no próprio governo e não por tática de poder, mas para tirar proveito pessoal. Até o PT está fracionado na base por desinteligência de uma leitura da realidade".

Nem a Igreja escapa das críticas de seu pregador. "O que fizemos com esse povo? Qual foi o nosso erro? É isso que a Igreja precisa se perguntar. Os homens de Igreja precisam fazer um exame de consciência diante dessa realidade, porque a Igreja é o povo de Deus, não a massa de Deus". Para não desanimar totalmente, D. Angélico tem-se refugiado cada vez mais na fé e vai colecionando imagens do Cristo crucificado sobre sua escrivaninha ao lado de uma frase de Saint-Exupéry, escritor francês autor de *O pequeno príncipe*, que já foi a leitura predileta das misses, e hoje inspira o "bispo operário", que não quer nem ouvir falar em revolução. "É preciso exigir de cada um o que cada um pode dar, explicou o rei. A autoridade repousa sobre a razão."

Tem profunda admiração pelo cardeal Paulo Evaristo Arns, mas tem medo de parecer bajulador — raça que detesta — e a afinidade entre os dois o levou a ser o editor-responsável de *O São Paulo*, o órgão oficial da Arquidiocese, censurado durante o governo militar e ainda considerado um jornal oposicionista.

## *Desabrigados fazem protesto em N. Iguaçú*

Torpedeado por vereadores, sindicatos, empresários e associações de moradores, que o acusam de corrupto e pedem o seu afastamento, o prefeito Paulo Leone está tendo agora de enfrentar a ira dos sem-terra de Nova Iguaçú. Desde o início da semana, representantes dos 5 mil desabrigados das enchentes de fevereiro vêm realizando manifestações diárias em frente à Prefeitura, cobrando as 50 toneladas de material que Leone anunciou ter comprado para construir casas populares.

Suficiente para erguer dois edifícios iguaizinhos ao da Petrobrás, no Centro do Rio, o material teria sido totalmente entregue no dia 29 de março. Porém, só pela quantidade de vergalhão — 30 toneladas —, para que tudo fosse entregue num único dia, a Prefeitura teria de mobilizar tantos caminhões, que, um atrás do outro, eles formariam uma fileira ininterrupta entre Nova Iguaçú e Itaboraí, município onde Leone diz ter comprado o material.

Aos desabrigados, o prefeito assegura que as casas estarão prontas antes do término de seu governo, daqui a sete meses. E para provar o que diz, exhibe notas fiscais dando conta de que vergalhão, cimento e tijolos foram adquiridos à Vetex Itaboraí Ltda com verba do governo federal enviada em março aos municípios que sofreram com as chuvas de fevereiro. A Vetex é de propriedade do cunhado de Leone, Alfeu Muguét, e foi escolhida sem licitação ou concorrência pública.

Carta do bispo diocesano Dom Adriano a todas as comunidades de nossa diocese, convidando-as a se engajarem na luta contra a violência.

Nova Iguaçu, 19 de junho de 1988

Minhas irmãs e meus irmãos da Diocese de Nova Iguaçu,

Todos nós sabemos: o problema número um de nossa Baixada Fluminense é a violência que, nos mais diversos aspectos, se instalou na área do Grande Rio: furtos, roubos, assaltos, espancamentos, estupros, sequestros, assassinatos que acontecem numa frequência escandalosa. Quase não há pessoa ou família que não tenha sido vítima da violência. Verificamos também que, em geral, ficam impunes a maioria desses crimes cometidos contra a pessoa humana e contra a comunidade.

Lamentamos que até agora não foi possível ao Poder Público tomar as medidas necessárias ao combate contra a violência. Tem havido surtos de repressão que, no entanto, não conseguem resultados duradouros. Não podemos ficar à espera do próximo assalto. Não podemos também omitir-nos. Temos de assumir também a nossa responsabilidade, temos de prestar ajuda subsidiária ao Poder Público. O que podemos e devemos fazer?

Para refletir sobre a situação e, sobretudo, para decidir algumas medidas, convido nossas comunidades a mandar um representante para a assembléia que vai ter lugar no dia 25 de junho próximo, sábado, às 09h00 no Centro de Formação de Líderes, de Moquetã. Escolham representantes que possam assumir de fato o seu papel nesta luta dolorosa. Venham com o seu vigário.

Longe de nós a pretensão de assumir o papel do Estado no combate à violência e ao crime. Não queremos invadir a área do Estado. Não queremos exigir o Governo de sua responsabilidade. O que queremos é dar, como cristãos, como Igreja uma contribuição própria para resolver o problema da violência em nossa região. Vamos tentar descobrir juntos algumas medidas que, dentro do papel de nossa Igreja, não têm nada que ver com os aspectos políticos e policiais do problema. Através do esforço de conscientização esperamos contribuir para a purificação de nossa atmosfera tão carregada de crimes e de violências.

Temos certeza de que com o esforço de todos os setores da Sociedade e principalmente do Povo, é possível reduzir a violência a expressões mais humanas. Nossas comunidades que têm tanta experiência na luta contra as adversidades, que, apesar de abandonadas pelo Poder Público, dispõem de admiráveis fontes de energia e de inesgotável criatividade, devem colaborar na procura de medidas que a curto, médio e longo prazo reduzam ou eliminem toda violência na Baixada Fluminense.

A luta não será fácil, já que, à maneira de câncer, a violência atingiu os mais diversos setores da sociedade. Justamente por ser luta difícil, contamos com a graça do Espírito Santo que nos ilumine, nos fortifique, nos conforte, nos faça descobrir a maneira mais eficaz de combater a violência com meios do Amor, da Verdade e da Justiça.

O bem de nosso Povo, tão sacrificado, merece e exige nossa participação.

Compareçam todos com alegria e marcados de esperança.

Prometendo-lhes minha oração, despede-se de vocês o irmão bispo

+ Adriano

bispo diocesano

**PALAVRA DO BISPO****Nossa Diocese e as ocupações de terra**

• As ocupações de terras abandonadas, no campo e nas cidades, têm-se sucedido em ritmo crescente. Por que tantas pessoas se arriscam a este gesto que dentro da ordem legal são violação do direito de propriedade?

• Em regra, vemos conjugar forças os proprietários que não se envergonham de contratar jagunços, a justiça, a polícia, para expulsar os invasores. Quase sempre com violência.

• Todos deveríamos pensar um pouco na situação dolorosa em que vivem muitos irmãos e irmãs nossos, neste período de crise prolongada por que passa o Brasil.

• Os pobres, que são a maioria do Povo brasileiro, vivem em miséria crescente. Apesar de todo trabalho tanto do Pai como da Mãe e dos filhos, nossas famílias passam fome. A inflação devora todo o fruto do trabalho. Ninguém consegue acompanhar a marcha acelerada da inflação. Como pagar então aluguéis que crescem mais depressa do que o salário?

• As ocupações são uma demonstração clara da injustiça social que esmaga a maioria dos nossos irmãos que contra todos os direitos humanos, são considerados cidadãos de segunda e terceira categoria.

• As ocupações demonstram claramente a insensatez das nossas elites: fechadas em si mesmas, em seus privilégios, em seus direitos particulares, fecham os olhos, os ouvidos, o coração para o clamor do Povo sofrido que é a maioria do Povo brasileiro.

• Falando a camponeses, operários e trabalhadores bolivianos na cidade de Oruro, em 11 de maio passado, disse o Papa João Paulo II.

"Sei também que existe



um grande desajuste entre os salários que recebeis e o custo de vida sempre em aumento, o que torna mais árdua a tarefa de proporcionar digna manutenção às vossas famílias. Motivo de profunda preocupação são os casos de crianças que morrem em tenra idade, como consequência de problemas de desnutrição e por falta de adequados serviços sanitários para atender às necessidades da população". (Oss. Rom. ed. portug. 22-05-88)

• "A doutrina social da Igreja tem sido constante em defender que os bens da criação foram destinados por Deus para serviço e utilidade de todos os seus filhos. Daí resulta que ninguém se deve apropriar deles, recusando as exigências superiores do bem comum. De acordo com esta doutrina, a mesma Igreja tem sempre pregado a distribuição equitativa das terras de cultivo, sob diversas formas e modalidades para dar à classe camponesa a possibilidade de uma vida digna que permita a conveniente educação integral de seus filhos e o necessário progresso na sua saúde, nos seus métodos de trabalho e de comercialização — a preços justos — dos seus produtos". (ib.)

## Palavra do Bispo

### Divisão do povo brasileiro

D. Adriano Hypolito



• A Campanha da Fraternidade de 1988, que se encerrou na festa da Páscoa, veio mostrar-nos e despertar-nos para um doloroso problema estrutural do nosso País: a divisão do Povo brasileiro em dois Povos de existência paralela, geralmente não percebida. Não se trata de uma divisão racial ou linguística. Mas de uma divisão social profunda que é cultural e existencial e atinge todos os setores da vida nacional.

• Podemos falar de um como "pecado original" que contagia todas as pessoas e estruturas sociais. Podemos falar de uma como

"esquizofrenia social" que racha o Povo brasileiro de cima e abaixo, perturbando-o em todos os aspectos e momentos de sua caminhada, fazendo-o doente crônico de uma doença contagiosa e renitente.

• Basta olhar os diversos setores da vida nacional, para descobrirmos esse "pecado original" essa "esquizofrenia social": cultura, remuneração, nível de vida, educação, saúde, moradia, direitos fundamentais. Somos um Povo dividido, rachado.

• De um lado o "Povo do poder" — 20 a 25% da população — que abrange as elites: cultural, empresarial, política, militar e mais recentemente, a elite tecnocrática. Sobre o que poderíamos chamar a elite religiosa falaremos mais tarde porque a elite religiosa, principalmente a Igreja Católica, tomou rumo diferente nos últimos 20 e 30 anos e por isso merece consideração à parte.

• Se de um lado está o pequeno "Povo do poder", do outro está o "Povo à margem" — 75 a 80% da população brasileira —, aquilo que chamamos de Povo simplesmente ou, com certo carinho, de Povão. São dois Povos distantes, apesar de alguns pontos de contacto são dois Povos paralelos, apesar de se encontrarem algumas vezes na caminhada.

• O que caracteriza o Povo do poder, a elite, é precisamente o poder total que tem, que procura conservar e alargar, que exerce de fato e de direito adquirido sobre o Povão.

• O Povo do poder tem tudo, permite-se tudo, domina a vida nacional totalmente, pelos mais diversos meios consegue manipular o Povão e conservá-lo à margem da vida nacional em geral. Com poucas exceções.

• Essa lamentável "esquizofrenia social" ainda não é percebida devidamente nem pelas elites nem pelo Povão. Criam-se, no correr de nossa História desde o tempo colonial através do Império até a República e à Nova República, estruturas fixas e rígidas que escondem a divisão ou, quando por acaso é percebida procuram explicá-la em favor das elites.

• Esperamos que a Campanha da Fraternidade tenha aberto os olhos de muita gente para nosso "pecado original", para nossa "esquizofrenia social" (A.H.).



junho 1988  
CAMIHANÇO

## NOSSO BISPO E A VIOLÊNCIA

Carta do bispo diocesano Dom Adriano a todas as comunidades de nossa diocese, convidando-as a se engajarem na luta contra a violência.

Nova Iguaçu, 19 de junho de 1988

Minhas irmãs e meus irmãos da Diocese de Nova Iguaçu,

Todos nós sabemos: o problema número um de nossa Baixada Fluminense é a violência que, nos mais diversos aspectos, se instalou na área do Grande Rio: furtos, roubos, assaltos, espancamentos, estupro, seqüestros, assassinatos que acontecem numa frequência escandalosa. Quase não há pessoa ou família que não tenha sido vítima da violência. Verificamos também que, em geral, ficam impunes a maioria desses crimes cometidos contra a pessoa humana e contra a comunidade.

Lamentamos que até agora não foi possível ao Poder Público tomar as medidas necessárias ao combate contra a violência. Tem havido surtos de repressão que, no entanto, não conseguem resultados duradouros. Não podemos ficar à espera do próximo assalto. Não podemos também omitir-nos. Temos de assumir também a nossa responsabilidade, temos de prestar ajuda subsidiária ao Poder Público. O que podemos e devemos fazer?

Para refletir sobre a situação e, sobretudo, para decidir algumas medidas, convido nossas comunidades a mandar um representante para a assembleia que vai ter lugar no dia 25 de junho próximo, sábado, às 09h00 no Centro de Formação de Líderes, de Moquetá. Esco-

lam representantes que possam assumir de fato o seu papel nesta luta dolorosa. Venham com o seu vigário.

Longe de nós a pretensão de assumir o papel do Estado, no combate à violência e ao crime. Não queremos invadir a área do Estado. Não queremos eximir o Governo de sua responsabilidade. O que queremos é dar, como cristãos, como Igreja uma contribuição própria para resolver o problema da violência em nossa região. Vamos tentar descobrir juntos algumas medidas que, dentro do papel de nossa igreja, não têm nada que ver com os aspectos políticos e policiais do problema. Através do esforço de conscientização esperamos contribuir para a purificação de nossa atmosfera tão carregada de crimes e de violências.

Temos certeza de que com o esforço de todos os setores da Sociedade e principalmente do Povo, é possível reduzir a violência a expressões mais humanas. Nossas comunidades que têm tanta experiência na luta contra as adversidades, que, apesar de abandonadas pelo Poder Público, dispõem de admiráveis fontes de energias e de inesgotável criatividade, devem colaborar na procura de medidas que a curto, médio e longo prazo reduzam ou eliminem toda violência na Baixada Fluminense.

A luta não será fácil, já que, à maneira de câncer, a violência atingiu os mais diversos setores da sociedade. Justamente por ser luta difícil, contamos com a graça do Espírito Santo que nos ilumine, nos fortifique, nos conforte, nos faça descobrir a maneira mais eficaz de combater a violência com meios do Amor, da Verdade e da Justiça.

O bem de nosso Povo, tão sacrificado, merece e exige nossa participação.

Compareçam todos com alegria e marcados de esperança.

Prometendo-lhes minhas orações, despede-se de vocês o irmão bispo

+ Adriano  
bispo diocesano

# Violência. A Interrogação de Deus na Baixada

É o que todos sabemos, é o que todos sentimos, nenhuma novidade. Mas a Diocese assume construir resposta integrada: a família dos irmãos, filhos do mesmo Deus, repudiando a destruição da vida de seus irmãos, exigindo respeito ao Povo de Deus, construindo condições de Vida Plena. Nos esforços colegiados para o projeto comum, o grupo de trabalho, encarregado pelo Conselho Presbiteral, formalizou as seguintes propostas, que passa à reflexão de toda a Diocese, para todos encontrarmos nosso lugar de fazer força, contra a eliminação dos pobres. Eis as propostas oficializadas pelo Conselho Presbiteral:

- 1) Convocação de dom Adriano às Comunidades para assembleia preparatória, no dia 25 de junho (sábado) às 09 horas, no Centro de Formação.
- 2) Atendendo a convocação oficial do bispo, cada comunidade enviaria um representante para a assembleia preparatória, acima mencionada.
- 3) A ser discutido na referida as-

sembleia:

a) Como enfrentar o problema da violência em nosso ambiente e em nossas comunidades?

b) Como programar este enfrentamento?

c) Apresentação das propostas feitas pelo Fórum das quintas feiras: animar as comunidades para celebrar, no enfoque da violência, as seguintes datas:

— agosto: dias dos pais, mês das vocações, (envolver a Pastoral Operária).

— setembro: mês da Bíblia, (envolver os Círculos Bíblicos)

— outubro: dia da criança, (assassinadas e órfãs); Nossa Senhora Aparecida (mulheres), mês das Missões (envio dos ministros), (envolver os Clubes de Mães), (envolver a Comissão de Vocações e Ministérios).

— novembro: mês dos mortos, celebrações nos cemitérios (na mesma hora), denunciar o que destrói a vida.

— dezembro: celebração do Natal (envolver a Novena de Natal).

d) Tirar uma Comissão Executiva, que ordene a concretização das decisões e as assembleias e todo o Projeto Diocesano de Defesa da Vida e Denúncia da Violência.

e) Preparar o programa a ser apresentado no dia 17 de julho — Jubileu episcopal

4) Programar vigílias nas Comunidades, Acompanhar o trabalho nas Comunidades, Organizar os levantamentos das violências ocorridas nos bairros, Fazer denúncias públicas, Devolver as informações às Comunidades.

5) Preparar e promover celebrações eucarísticas ou ecumênicas respectivamente: Convidando os pais e filhos assassinados, As mães de filhos assassinados, Crianças e jovens irmãos de assassinados, Famílias que tiveram algum membro assassinado.

6) As diversas comunidades introduzirem celebrações da vida em memória de membros seus assassinados.



Barraco queimado, após despejo de família nordestina, que aí reencontrou sua vocação agrícola e sua alegria.

## Nosso Bispo e a violência-I

Mensagem ao Ato Público de Protesto contra a violência celebrado na Câmara Municipal do Rio de Janeiro por sua Comissão de Direitos Humanos e outras entidades, em 26 de maio de 1988

/// Trabalhando e vivendo como bispo católico na Baixada Fluminense, há vinte e um anos, tenho a dolorosa experiência de viver numa das áreas mais provadas por toda sorte de violência.

/// Quero apresentar minha solidariedade a este Ato Público contra a violência, assim como estou solidário, como cristão e como homem do Povo, contra todas as violações dos Direitos Humanos que acontecem no Brasil de nossos dias.

/// É uma violência que fere a dignidade da pessoa humana que, na visão cristã do homem, foi criada à imagem e semelhança de Deus.

/// Temos a impressão que diversos fatores sociais contribuem para agravar o problema da violência, entre eles a inflação, que é um câncer social de consequências alarmantes, e a corrupção que destrói toda credibilidade do povo nas classes dirigentes.

/// Mas em face da violência criminosa dos assaltos, dos roubos, dos assassinatos; em face da violência social que discrimina os cidadãos, não devemos fechar os olhos para a violação crônica dos direitos humanos como acontece em grandes trechos do Brasil e, aos nossos olhos, nas favelas das grandes cidades.

/// É uma vergonha para o Brasil de nossos dias a discriminação que se faz contra os pobres, que são a maioria do Povo brasileiro.

/// Se lermos a Declaração Universal dos Direitos Humanos promulgada pela Assembleia das Nações Unidas em dezembro de 1948, assinada também pelo Brasil, veremos que o Povo do Brasil vive completamente à margem da sociedade; veremos que no sertão de nossa Pátria e nas favelas as pessoas vivem num estado de violação crônica dos Direitos Humanos sem qualquer direito que não se-

ja servir e carregar as elites europeizadas, americanizadas, mas desenraizadas do Povo..

/// Manifestando minha solidariedade a este Ato Público, desejo que não sejam esquecidos os irmãos nossos, vítimas dessa violência extraordinária que desfigura a face do Brasil; desejo mais ainda que aprendamos a ter consciência mais clara da violência mais grave que, já faz décadas, se comete contra o Povo brasileiro como tal, uma violência crônica e vergonhosa que destrói toda esperança de construirmos uma grande Nação. Porque sem Povo digno na sua dignidade de cidadãos e de pessoas humanas, Povo participante, Povo corresponsável não existe nem grande Nação nem qualquer tipo de democracia..

/// Minha confiança é que este Ato Público de protesto contra a violência histórica e tradicional que esmaga o Povo simples e humilde, aquilo que chamamos carinhosamente de Povoão, acorde e abale as consciências das elites e dos responsáveis em todas as classes da sociedade.



# Dom Adriano, 25 anos de Bispo

O Jubileu episcopal de dom Adriano celebra-se neste mês de julho. Será no dia 17, um domingo, no auditório do Colégio das Irmãs, a festa começando às 14,30 horas. Todas as comunidades estão convidadas. E comparecerão os cristãos de nossa Diocese, especialmente aqueles engajados nos serviços pastorais ao Povo de Deus.

Dom Adriano afirma, com bom humor: após certa idade, multiplicam-se as datas comemorativas na vida da gente. Pois é que, desde fim do ano passado, a Diocese de Nova Iguaçu celebra a caminhada pastoral, solenizada com datas comemorativas na vida de seu bispo diocesano. Dom Adriano esteve sempre na vanguarda do processo.

O 17 de julho - dia da festa - será precedido de tríduo preparatório nas Comunidades. Nossas Comunidades eclesiais recordarão a história da Diocese e levantarão os desafios que foram querendo bloquear o caminho. Normalmente, são muitos. Imaginem quantos outros desafios nos provocam, numa realidade como a da Baixada Fluminense.

Na celebração festiva do dia 17 de julho - domingo - às 14,30 horas no IESA, nossas Regiões Pastorais assumirão o programa: a Região I apresenta o histórico da chegada do bispo; a Região II, os primeiros desafios e enfrentamentos; a Região IV, as prioridades



pastorais nestes anos; a Região V, o histórico da gênese das CEBs e do Movimento Popular; a Região VI, a importância das nossas Casas de Formação; a Região VII, os desafios atuais, que instigam e convidam nossa ação pastoral.

A equipe de preparação do Jubileu planejou não apenas homenagear a pessoa de dom Adriano, mas celebrar efetivamente a caminhada pastoral de

Nova Iguaçu, sob o pastoreio de dom Adriano. Daí, o Dia do Jubileu servirá de plataforma para um importante lançamento: a Campanha contra a Violência, de Defesa da Vida, de denúncia do que destrói a vida do povo, na Baixada Fluminense.

Você, companheiro, é nosso convidado especial. Você e Sua Comunidade. Vamos fazer, do dia 17 de julho, uma grande festa eclesial, isto é, irmãos membros do Povo de Deus se reunindo, a fim de celebrar a presença do Deus Libertador, nos pequenos e grandes esforços que fazemos, para que nossa Igreja seja, na Baixada Fluminense, sinal e anúncio de um mundo novo, de humanidade nova, de relações sociais novas, aqui na Baixada Fluminense. (FLT)

**Um olhar sobre a Baixada****Parecia bonequinha morta**

Frei Luiz Thorez

**MORREU COMO UM PASSARINHO** — Na casa de Severino e Dona Rosa, é a terceira criança que morre. Coitada da Rosângela, tão bonitinha, parecia que ia se criar. Mas aí deu lá nela uma febre alta, a diarreia não parava mais, a bichinha foi ficando roxa, depois começou a esfriar e morreu como passarinho recém-nascido. Severino e Dona Rosa ainda correram para o hospital, a fila estava muito grande e, na fila do hospital, Rosângela começou a agonizar. Quando chegou a vez, o médico olhou o caso com ar profissional: "Esta criança está morrendo, levem pra casa, não tem mais jeito a dar".

\* \* \*

**PARECIA BONECA DE VITRINE** — No dia seguinte, foi o enterriño da Rosângela. Na sala pobre, as crianças e as vizinhas vieram ver e ficaram olhando. Morta no caixãozinho, mais parecia caixa de sapato, enterrada de flores, Rosângela era como se fosse uma boneca de vitrine. A mãe pobre ao lado, já cansada, secada e conformada de chorar. Severino recebia as visitas, providenciava o cafezinho e agradecia os pêsames com brilho nos olhos de quem estava sendo importante: pobre é importante ao menos no dia em que morrem os filhos.

\* \* \*

**"FOI A VONTADE DE DEUS"** — Rosângela morreu sem batismo, por isso o padre foi chamado para dar uma benção: a bichinha não podia comparecer, assim sem nada, na porta do céu; uma benção do padre bem que talvez quebrasse o galho. Depois o padre disse umas palavras: "Que Rosângela voara para o céu como pombinha de Deus. Escapou de passar pelos pecados e sofrimentos de nossa vida adulta. Deus gosta dos anjos e Rosângela, até o nome diz, agora é anjo lá no meio dos outros anjos. Que os pais se conformem, pois foi vontade de Deus. Deus é quem determina os acontecimentos de nossa vida. Ele quis levar Rosângela inocente para perto de Si".

\* \* \*

**DEUS ADORA UM SOFRIMENTO** — Na Idade Média, o mundo era sacral, povoado do Deus onipresente e tudo era explicado em referência direta a Deus, decorrência da vontade direta de Deus. Vida humana era um passar de qualquer jeito por aqui, na direção de Deus que odeia a vida, acha a alegria pecado e se enternece com o sofrimento; e quanto mais sofrimento melhor! Em tal mundo estabelecido, o déspota é escolhido de Deus, a guerra é ordem de Deus, a nobreza é vontade de Deus, a pobreza é determinada por Deus, a morte é hora marcada por Deus.

\* \* \*

**PARAR DE POR NOSSA CULPA EM DEUS** — Em nosso mundo secularizado, dá pra ver que não é Deus quem faz diretamente a história, somos nós mesmos e não os homens, são hoje principalmente as forças do dinheiro e do poder. Eis aí o armamentismo, com as grandes corporações atrás, escrevendo a história contemporânea. Em vez de Deus, à revelia de Deus. O instrumento de análise aqui não é o Deus que imaginamos, mas os interesses que conhecemos. Interesse, palavra bonita para egoísmo e ambição, locupletando poucos e espoliando muitos.

\* \* \*

**NOME DE DEUS, BIOMBO DA OMISSÃO** — Se Severino e Dona Rosa não têm condições de criar os filhos, a culpa não é de Deus. Se a fila não deu para Rosângela chegar na hora, a culpa não foi de Deus. Se morrem de desnutrição os recém-nascidos dos pobres, a culpa não é de Deus. Se se atribui a Deus a morte prematura de um filho seu, a culpa não é dele. Se o padre saiu-se bem de sua pregação e aplicou piedosamente à realidade de hoje um quadro cultural de outras épocas, a culpa também não foi de Deus.

# Queimados decide no domingo 514188 MB sua emancipação de Nova Iguaçu

O plebiscito da Barra foi um fiasco, mas a febre dos plebiscitos que assolou o Estado nos últimos meses continua mais quente do que nunca: no próximo domingo é a vez de Queimados, segundo distrito de Nova Iguaçu, tentar sua emancipação, carregando junto o distrito de Japeri e os subdistritos de Engenheiro Pedreira e Cabuçu. Como na Barra, há muito tempo esse é o principal assunto entre os moradores da região. A grande diferença está na grandeza das campanhas: enquanto no mais nobre bairro da Zona Sul o *sim* e o *não* gastaram fortunas em publicidades na televisão, lá a pobreza determina que a maior atração seja Hildebrando Cerqueira, 65, um morador que todas as tardes se traveste de *Boi Bumbá* com cabeça de diabo, que ele mesmo apelida de *Burrinho*.

Para conscientizar os quase 120 mil eleitores, são utilizados apenas alguns panfletos distribuídos na saída da sempre movimentada estação de trem suburbano, onde nos horários de *rush* carros com alto-falantes alugados pelos comerciantes esperam os moradores que chegam do

Rio. O comitê eleitoral é uma salinha de três por dois cheia de entusiastas mas com muito pouco material de propaganda. E não apareceu nenhum abastado empresário para financiar os gastos mais urgentes: os únicos Cz\$ 800 mil conseguidos até agora pelos emancipacionistas surgiram de doações para um livro de ouro que circulou entre os moradores.

Apesar disso, os coordenadores do comitê do *sim* não têm a menor dúvida de que não repetirão a inexpressiva votação alcançada pelos colegas da Barra. "Quem quer a emancipação aqui é o povão mesmo, não são os empresários nem os políticos", explica o auxiliar de administração Odair Tomé, um dos coordenadores do *sim* em Engenheiro Pedreira. "Em qualquer luta popular o interesse tem de partir da comunidade. Em Queimados, ao contrário da Barra, queremos uma vida mais suportável", completa a jornalista Fátima Cordeiro, 35, uma das líderes do movimento em Queimados.

Vida mais suportável para ela significa problemas que na Barra eram clara-

mente mais amenos: apesar de contribuir com 33% da arrecadação total de Nova Iguaçu (Cz\$ 780 milhões por ano), o atual distrito não vê retornar nada em obras públicas, e o resultado disso é o absoluto abandono da população. Não existem escolas que lecionem sequer o primeiro grau à noite, o calçamento termina a apenas 500 metros do Centro, o recolhimento de lixo é precário, hospitais não existem, o saneamento básico e até as empresas de ônibus fornecem serviços obsoletos.

Por tudo isso, Fátima Cordeiro não tem nenhuma dúvida de que 75% dos 120 mil eleitores vão às urnas de diversas seções da 84ª Zona Eleitoral depositar um voto *sim*. O quórum de 60 mil 038 votos será alcançado "sem nenhuma dúvida", segundo ela. Mesmo porque Queimados tem a maior empresa de Nova Iguaçu (a Kaiser, que suplantou a Bayer), sete boas indústrias em funcionamento e outras quatro em construção. E um comércio simples mas dentro das necessidades locais, inclusive com quatro supermercados.

Adriana Lorete



Hildebrando desfila fantasiado de Boi Bumbá e chama a atenção na campanha pelo *sim*

# Decidida interven

A ícia de dest  
Brasili

Os seis Conselheiros do Tribunal de Contas do Estado decidiram ontem, por unanimidade, encaminhar ao Governador Moreira Franco o pedido de intervenção no Município de Nova Iguaçu, tendo em vista irregularidades praticadas pelo Prefeito Paulo Leone (PFL) em cinco anos e meio de mandato. Depois da sessão plenária de uma hora e 45 minutos, cinco Conselheiros aprovaram os argumentos apresentados nos pareceres do Relator Heitor Schiller, do Procurador Chefe do Ministério Público Especial, Emyr Pereira da Silva, e do responsável pela inspeção especial feita no Município, Danilo Nunes Filho. Extra-oficialmente já se sabe que Moreira nomeará o Vice-Governador Francisco Amaral como Interventor até a posse do novo Prefeito, em janeiro de 89. A intervenção só afetará o Executivo, pois o Legislativo continuará funcionando normalmente em Nova Iguaçu.

O resultado era esperado por todos, já que um informativo do TCE, redigido antes da sessão e entregue à imprensa depois da votação, revelava que haveria intervenção. Depois da sessão, o Presidente do TCE, Paschoal Cittadino, redigiu ofício, que será entregue hoje ao Governador.

As principais peças do processo 200.804-0/88 foram lidas pelo Relator às 16h05m. O advogado do Prefeito, Antônio Américo Monteiro Passos, e o Vereador Mauro Vasconcelos (PSB) — que apresentou 332 processos ao TCE contra o Prefeito —



O processo contra Paulo Leone

acompanharam atentamente. Durante cerca de uma hora, Heitor Schiller leu, pausadamente, 21 páginas do seu parecer, apontando dezenas de ilícitos penais: irregularidades nas prestações de contas no período 1984/87, desvio de verbas na Companhia de Desenvolvimento de Nova Iguaçu (Codeni), inexistência de controle interno nas contas do Município, pagamentos de materiais que nunca foram entregues e compra de carros usados para amigos e parentes do Prefeito.

O Vereador Mauro Vasconcelos explicou mais tarde:

— Das 14 Secretarias Municipais, cinco são ocupadas por parentes do Prefeito: seu filho Paulinho Leone é Secretário de Governo; a mulher, Vera Afonso Leone, é a titular da Assistência Social; na Cultura, a filha Gesiani Leone; na de Serviços Públicos, o genro André Costa Castro; e na Secretaria de Assuntos Extraordinários, o cunhado Jorge Luis Afonso. Além disso, a irmã, Anali Leone, é Assessora Jurídica, e o irmão, Aloísio Leone, é Diretor do Departamento de Assuntos Culturais. Este Prefeito merecia ser preso.

Depois da leitura do parecer de Schiller, o advogado Antônio Américo argumentou que o Tribunal cerceou o direito de defesa da Prefeitura e que a inspeção especial do TCE "agiu de forma açodada, não dando tempo para que a Prefeitura apresentasse documentos".

— A decisão já estava tomada antes mesmo dos votos dos Conselheiros — queixou-se.

Após a votação, Schiller comentou:

— São tantas as transgressões e irregularidades que não tive dúvidas de sugerir a intervenção. Agora, teremos que calcular os prejuízos causados pela Prefeitura, examinando processo por processo, para saber se o Prefeito terá que restituir os valores subtraídos do Município. As irregularidades são tantas que cheguei a me perguntar: será que o Prefeito cumpriu alguma lei?

## ção em Nova Iguaçu

Foto de Beth Santos



es lohnt sich, ist der Mühe wert  
alles Gute

# Paulo Leone: Vou correr atrás dos meus direitos

Depois de permanecer trancado em seu gabinete durante todo o dia, junto com secretários e assessores diretos, o Prefeito de Nova Iguaçu, Paulo Leone, disse ontem à noite que vai recorrer à Justiça da decisão do Tribunal de Contas do Estado.

— Tudo não passa de uma grande armação. Vou correr atrás dos meus direitos — disse Leone, às 21h, quando saiu de seu gabinete pela primeira vez, com o esboço da nota oficial que distribuiria uma hora depois. Na nota, o Prefeito advertiu que, se o Governador Moreira Franco acatar a decisão do TCE, "alguém terá que se responsabilizar pelo caos em que o Município se transformará".

Enquanto Paulo Leone permanecia reunido em seu gabinete, seu filho, Paulo Augusto Affonso Leone — que é Secretário de Governo da Prefeitura —, assumiu o papel de porta-voz, fazendo os primeiros comentários sobre o relatório do TCE.

— Foi um relatório malicioso. Sujeiro que se faça uma auditoria no TCE para saber onde há corrupção realmente, se é aqui em Nova Iguaçu ou lá no Tribunal — protestou o filho do Prefeito.

Nova Iguaçu viveu ontem um dia agitado. A decisão do TCE só foi

anunciada no final da tarde, mas a intervenção no Município era o assunto mais comentado. Enquanto esperavam pelo Prefeito, que passou todo o dia trancado com secretários, assessores, além da mulher e da filha, os funcionários não trabalharam. Todos especulavam sobre o futuro da administração municipal com o Interventor.

A Câmara de Vereadores também esteve muito movimentada. As 18h, pouco antes de chegar a notícia da intervenção, os vereadores estavam reunidos extraordinariamente para decidir sobre um polêmico empréstimo de CZ\$ 2,7 bilhões pedido por Paulo Leone — segundo ele, para executar obras necessárias e recuperar o caixa da Prefeitura, a fim de pagar o salário de agosto dos funcionários. Os vereadores da Oposição garantiram que o empréstimo seria repartido entre os correligionários do Prefeito. A matéria, no entanto, não chegou a ser votada, porque o relator, o Vereador Mário Marques (PDS), não apresentou o parecer a respeito.

Suspensa a reunião na Câmara, os vereadores mais ligados a Paulo Leone correram para a Prefeitura. O líder do PFL, Sebastião Correadeira, disse que a decisão foi uma grande

brincadeira de mau gosto. Carlos Albuquerque, também do PFL, não tinha conhecimento do teor do relatório do TCE, mas estava ao lado do Prefeito.

A esta altura, todo o movimento da Prefeitura estava concentrado no gabinete de Paulo Leone. Os funcionários foram embora e quatro secretários impediam a entrada de estranhos no prédio. Somente por volta das 20h, os repórteres tiveram acesso à ante-sala do gabinete. O filho de Paulo Leone recebeu os repórteres e passou a atacar a decisão do TCE e quanto o pai e seus assessores reagiam a nota oficial, composta de dez itens.

Eram 22h quando saiu a nota oficial. No documento, Paulo Leone mostrou admirado com a rapidez do relatório e garantiu que as acusações feitas à sua administração não têm fundamento.

"O TCE teve oportunidade de fotografar as pontes 'fantasmas' (que apenas foram mudadas de lugar por motivos técnicos) e o material de construção adquirido com verba de Seac/Cehab. Este material está estocado, como sempre esteve, nos depósitos da Prefeitura Municipal de Nova Iguaçu" — disse Leone, num trecho da nota oficial.

# Mandado para garantir

O advogado do Prefeito Paulo Leone, Antônio Américo Monteiro Passos, declarou ontem, após a plenária do Tribunal de Contas do Estado (TCE), que a Prefeitura vai impetrar um mandado de segurança para garantir a permanência do Prefeito até o fim do mandato. Segundo ele, o Tribunal fez uma apuração apressada da administração do Prefeito, "sujeita a falhas, apesar da competência dos técnicos do Tribunal". Contratado no dia em que o GLOBO publicou a intenção do Governo do Estado em intervir em Nova Iguaçu, o advogado disse que lutará "até as últimas instâncias para provar a lisura da administração do Prefeito Paulo Leone". Afinal, em sua opinião, Paulo Leone é o melhor Prefeito da Baixada, com centenas de obras para inaugurar.

— Acho estranho que o Tribunal tenha feito um levantamento tão rá-



Antônio Américo: precipitação

pido, justamente nas vésperas da eleição municipal. Me parece que a intervenção teve um caráter político, já que nos últimos cinco anos e meio muitas acusações foram feitas mas nenhuma ficou comprovada. Temos que confessar que a administração é

carente de mão-de-obra especializada. Desta forma, acredito que os inspetores possam ter encontrado algumas falhas nas nossas contas — disse o advogado, esclarecendo que precisaria de 30 dias para preparar os documentos inocentando a administração Paulo Leone.

Depois de classificar os Conselheiros do Tribunal de "um bando de especialistas assessorados por técnicos competentes", Antônio Américo disse que o Prefeito Paulo Leone promoveu, recentemente, uma pequena reforma administrativa, para reduzir e selecionar os profissionais mais competentes do serviço público municipal. Segundo ele, o Prefeito "em nenhum momento, pensou em se acupletar" e todas as denúncias têm explicações lógicas.

— Qualquer inspetor é capaz de localizar irregularidades em qualquer município, e até mesmo no Governo do Estado. Os funcionários responsáveis

# mandato

serão punidos pelo Prefeito, que não tolera falhas na sua gestão — afirmou o advogado, na certeza de que seu cliente permanecerá à frente da Prefeitura de Nova Iguaçu.

Para ilustrar os problemas enfrentados pelos administradores, o advogado Antônio Américo Monteiro Passos disse que o Governo Moreira Franco está fazendo o censo do funcionalismo porque não sabe quantos servidores tem. Em sua opinião, Nova Iguaçu se ressentirá, por exemplo, de bons contadores, e foi este o motivo pelo qual os técnicos do TCE encontraram irregularidades nas prestações de contas e o atraso na entrega dos relatórios, entre 1984 e 87. Antônio Américo concluiu a sua argumentação afirmando que, caso ocorra a intervenção, a comunidade de Nova Iguaçu sentirá falta do Prefeito Paulo Leone, "que fez muito para a população iguaçuana".

# Verba pa

O Conselheiro Reynaldo Sant'Anna, antes de dar seu voto pela intervenção, perguntou: "Que normas legais teriam sido observadas pela Administração Municipal?". Nas 1,5 mil páginas dos 20 volumes do processo, o Relator Heitor Schiller colheu uma série de irregularidades que se encaixam em quase todos os incisos do Decreto-Lei 201, que pune os administradores municipais por crime de responsabilidade.

Em seu parecer de 21 páginas, Schiller apontou irregularidades que envergonhariam qualquer administração pública e declarou, após a reunião, que uma auditoria mais rigorosa, durante a intervenção, certamente apontará novas irregularidades, já que os funcionários ligados ao Prefeito dificultaram o trabalho que os inspetores fizeram em duas ocasiões.

O fato que chamou mais a atenção de Schiller ocorreu depois das chuvas de fevereiro passado, quando o Prefeito obteve um empréstimo de CZ\$ 41 milhões na Cehab para aten-

# Governo acaba com a festa

## A decisão de intervir em Nova Iguaçu já havia sido tomada há mais de um mês

PAULO CÉSAR PEREIRA

A decisão política de intervir em Nova Iguaçu — principal cidade da Baixada Fluminense, segundo maior colégio eleitoral do Estado, cerca de 30 agências bancárias e um orçamento que beira a casa dos CZ\$ 3 bilhões — fora decidida há mais de um mês pelo Governador Moreira Franco, anunciado diariamente desde então com informações sobre as irregularidades praticadas pelo Prefeito Paulo Leone. Três pessoas tiveram papel destacado ao longo do processo: o Vice-Governador Francisco Amaral, liderança maior daquela cidade, o Chefe da Casa Civil do Governo do Estado, Alexandre Demathey Camacho, ao qual Moreira pedia que intercedesse junto ao Tribunal de Contas para que o caso Leone fosse julgado rapidamente, e o Procurador-Geral de Justiça, Carlos Antônio Navega, responsável pela apuração judicial dos escândalos nos quais Leone se envolveu.

A formalização do convite de Moreira a Francisco Amaral para ser o Interventor de Nova Iguaçu se deu na semana passada. A preocupação do Governador com o desdobraimento da intervenção era clara: o Interventor teria que ser honesto, conhecer os meandros da política iguaçuana, ter experiência administrativa e, acima de tudo, ter o respaldo da sociedade, algumas das virtudes que Chico Amaral coleciona em sua vida pública, iniciada como funcionário do Banco do Brasil.

Apoiado por lideranças comunitárias, políticas e empresariais, Chico aceitou o desafio e imediatamente convocou seu amigo e Subsecretário de Assuntos Fundiários, arquiteto Vicente Loureiro, para o trabalho de restaura-

ção moral e administrativa em Nova Iguaçu. Vicente é um reduzido número de técnicos estão trabalhando há uma semana num projeto emergencial para recuperar a sétima cidade do país — cerca de 1,7 milhão de habitantes e aproximadamente 800 mil eleitores —, começando pela redução da máquina administrativa à metade, a fim de torná-la eficiente.

Eleito Prefeito em 1982 com 47 mil votos, Paulo Leone deixaria o PDT no ano seguinte, após insurgir-se contra o então Governador Leonel Brizola. Depois de nomear o PMDB, acabou nos braços do PFL. Preocupado com o desgaste de Leone, fruto de uma administração corrupta, o PFL acabou deixando Moreira à vontade para intervir em Nova Iguaçu. O Deputado Simão Sessim, por exemplo, mandou recados para Moreira: concordava com o afastamento de Leone, desde que o sucessor fosse Chico Amaral.

Abandonado pelas lideranças locais, Leone chegou a pedir socorro ao Presidente nacional do PFL, Senador Marco Maciel, e a dizer que tinha o "apoio de Brasília" para manter-se no cargo. Indiferente ao "prestígio" que Leone afirmava ter, a cidade esperava a intervenção apostando dinheiro nas esquinas do movimentado calçadão da Avenida Governador Amaral Peixoto.

Na Câmara dos Vereadores, a "bancada da resistência" — inicialmente formada por cinco Vereadores — aumentou nos últimos dias, e até mesmo os Vereadores que Leone apadrinhou com nomeações no chamado "Expresso da Meia-Noite", como Bento Gonçalves e Ricardo Meireles Gaspar, ambos do PMDB, começaram a dar sinais de que a festa havia acabado.

# ra flagelados no 'overnight'

Foto de Renato Velasco



Schiller: só a ponta do iceberg

der os desabrigados do Município. Do total, Leone recebeu CZ\$ 20,5 milhões e investiu no overnight, durante 60 dias. Para prestar contas à Cehab e ter direito à segunda parte

do empréstimo, Leone apresentou duas notas fiscais da firma Acab-Materiais de Construção, emitidas um dia antes do prazo estipulado no contrato. O material, no entanto, não foi encontrado pelos inspetores e a Prefeitura alegou que isso ocorreu por falta de espaço para os tijolos e sacos de cimento.

Além de beneficiar a família, empregando os parentes no primeiro escalão, Paulo Leone demonstrou ser generoso com os seus subordinados. A Secretária de Habitação e Trabalho, Carla Maria Lopes Neves, recebeu um adiantamento de salário de CZ\$ 3,4 milhões, de forma irregular — sem comprovante — e acima do valor legal. Além disso, Leone emprestava veículos oficiais aos funcionários, com a gasolina paga pelo Tesouro Municipal. A mulher do Prefeito, Vera Afonso Leone, Secretária de Assistência Social, por exemplo, usava um Fusca chapa branca, assim como os funcionários José Gonçalves, Carlos Albuquerque e o Capitão Altair.

Paulinho Leone, filho do Prefeito e

Secretário de Governo, está envolvido na compra de 58 transmissores (faixa de cidadão) por CZ\$ 15,5 milhões, sem concorrência pública. Além disso, os fornecedores sabiam que qualquer compra feita pela Prefeitura só era feita mediante o pagamento de uma taxa de 10 por cento do total da nota.

Insatisfeitos com o que recebiam, o Prefeito e o Vice conseguiram junto à Secretaria de Administração que seus contracheques fossem engordados em alguns milhares de cruzados. No período de 84 a 87, os inspetores do TCE verificaram que Leone recebeu CZ\$ 6,8 milhões além de seus vencimentos normais, e seu Vice, CZ\$ 2,6 milhões.

Além de desvio de verbas, os inspetores verificaram que a Prefeitura não tem os livros destinados ao registro de contratos, concessões, permissões e autorização de serviços públicos. Desta forma, o Relator Heitor Schiller acredita que o que foi apurado até o momento pode ser apenas a "ponta de um iceberg".

Rio de Janeiro — Sexta-feira, 29 de julho de 1988

JORNAL DO BR

# Cida

# Nos trilhos da

Bruno

Não pode ser vendido separadamente

RASIL

# de

# imoralidade

Revolta  
nos trens  
Pág. 3

O "trem" de Nova Iguaçu parou na estação da fiscalização: o Tribunal de Contas do Estado se assustou com a quantidade de irregularidades praticadas pelo prefeito Paulo Leone (os prejuízos aos cofres públicos somam, num primeiro cálculo, mais de Cz\$ 100 milhões) e acendeu o sinal vermelho. Votou pela imediata intervenção no município.

O "trem" do Rio de Janeiro ainda não partiu e mais parece um "navio", segundo o Secretário de Administração José Frejat: é um projeto de lei da Câmara efetivando todos os funcionários que estejam em desvio de função. Essa promoção de cargos pode beneficiar até 50 mil servidores. Mas pode, também, segundo Frejat, abrir um enorme "buraco negro" nas finanças municipais.

# O tamanho da corrupção em Nova Iguaçu

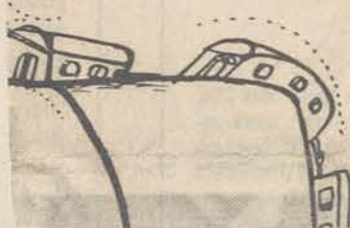
Marcos Vieira e  
Cláudio Boechat

Por unanimidade, o Tribunal de Contas do Estado votou ontem pela intervenção em Nova Iguaçu. Inspeção especial realizada durante três semanas no município concluiu que as contas do prefeito Paulo Leone não podem sequer ser consideradas como tais. Não há nem livro-caixa na Prefeitura. Em relatório de quase um metro de altura verdadeiros absurdos contábeis se sucedem, evidenciando corrupção. Entretanto, os inspetores viram muito mais que isso. Mas só relacionaram o que puderam checar.

O espantoso número de irregularidades comprovadas obrigou os técnicos do TCE a dividirem as falcatruas por temas. Cada ato ilegal do prefeito voltará a ser examinado separadamente. Só depois disso o Tribunal de Contas poderá estimar o prejuízo que Leone causou ao patrimônio público. Pelo que foi verificado, esta cifra é superior a Cz\$ 100 milhões.

"Ficaria mais fácil relacionar as leis cumpridas pelo prefeito: nenhuma", constatou o conselheiro Reinaldo Santana, ao fazer sua declaração de voto. Santana disse que Leone conseguiu o milagre de uma queda real na receita, ano após ano, numa das cidades que mais crescem no país. Assustado, o relator Heitor Schiller comentou que, em oito anos como conselheiro do TCE, nunca viu nada parecido.

Quando as irregularidades forem ree-



xaminadas uma a uma, a partir de hoje, o prefeito vai correr dois riscos: ser condenado a ressarcir os prejuízos e até responsabilizado criminosamente por seus atos. "Entre outras coisas, Leone comprou 15 carros usados em leilão público, o que é proibido por lei, e passou a emprestar esses carros a terceiros. A gasolina era por conta da prefeitura", denunciou Schiller. "Outro crime foi o de adiantar Cz\$ 3,4 milhões a uma secretária."

O interventor a ser nomeado pelo governador Moreira Franco — provavelmente o vice-governador Francisco Amaral — vai ter, antes de mais nada, de conferir o que sobrou. Não há nem mesmo registro do patrimônio municipal. Além disso, a prefeitura nunca fez seus pagamentos através de bancos, mas diretamente na tesouraria. Técnicos do TCE também detectaram que, de maneira duvidosa, Leone aplicava dinheiro público no mercado financeiro.

Foram descobertos pagamentos de comissão de 10% nos contratos firmados pela prefeitura. O montante do prejuízo, só nesse item, exige, para ser calculado, rigorosa auditoria em todos os processos de pagamento desde 1984, último ano em que o prefeito prestou contas aceitáveis ao TCE. Antes disso, Leone só enviava balancetes superficiais e negava resposta aos pedidos de informações complementares feitos pelo Tribunal. A papelada dos anos seguintes — de 85 a 88 — estava jogada num armário de cozinha.

"É forçoso concluir que na Prefeitura de Nova Iguaçu impera o caos administrativo e financeiro", afirmou Santana. "Diante das leis desprezadas, cabe a indagação: que normas legais teriam sido observadas pela administração municipal?" Um ex-conselheiro do Tribunal de Contas disse ao JORNAL DO BRASIL que o resultado da auditoria serve de lição ao TCE: "Isso já devia ter sido feito há muito tempo", opinou.

Do tamanho de Sergipe, Nova Iguaçu tem dois milhões de habitantes. É a sétima maior cidade do país em população e extensão (fora as capitais). É o filho do prefeito, Paulo Leone Filho, secretário especial de governo, reagiu assim à intervenção: "Robespierre comandou a Revolução Francesa e morreu na guilhotina".

## Nova Iguaçu tem contas vetadas e sofre intervenção

30. Juli 1988  
Do Sucesso do Rio

O governador do Rio, Moreira Franco, assinou, ontem à tarde, o decreto de intervenção na Prefeitura de Nova Iguaçu, principal município da Baixada Fluminense, a 34 km do centro do Rio. O vice-governador Francisco Amaral foi nomeado interventor até janeiro de 89.

Anteontem, o Tribunal de Contas do Estado do Rio de Janeiro vetou as contas do prefeito Paulo Leone (PFL), aprovando a intervenção em Nova Iguaçu, o sétimo maior município brasileiro em população, com 1.325 milhão de habitantes.

### Recurso

Paulo Leone, que é acusado de desvio de recursos do caixa da Prefeitura, afirma que pretende recorrer à Justiça. Ele diz que nada foi provado contra a sua administração de cinco anos e sete meses.

Às 19h45 o governador Moreira Franco anunciou a intervenção em rede estadual de televisão. Para Moreira, o levantamento do tribunal apontou "práticas administrativas intoleráveis".

## Borges importará para testes vacinas cubanas

22/01/88

BRASÍLIA — O ministro da Saúde, Borges da Silveira, garantiu que dentro de poucos dias autorizará a importação de duas ou 3 mil doses da vacina cubana contra meningite, que serão enviadas para testes de eficácia na Fundação Instituto Osvaldo Cruz, no Rio, e no Instituto Adolfo Lutz, em São Paulo. Borges explicou que a importação de 50 mil doses pela Secretaria de Saúde de São Paulo não tinha base legal, pois "o Ministério não tinha conhecimentos sobre a eficácia da vacina e não se pode fazer a população de cobaia".



Borges da Silveira

Para o ministro, faltou maior contato entre a Secretaria de Saúde de São Paulo e o Ministério: "Importar 50 mil doses de vacina para fazer o que com elas?" pergunta Borges da Silveira, depois de responder aos dois telex recebidos na véspe-

ra do secretário de Saúde paulista, Aristodemo Pinotti, para quem as 50 mil vacinas conteriam a epidemia de meningite que atingiu 250 pessoas em São Paulo, matando 32.

O secretário nacional de Ações Básicas de Saúde, João Batista Reis, disse que o Ministério da Saúde já vinha mantendo entendimentos com Havana sobre a possibilidade de testar no Brasil a vacina cubana, mas contatos com o Instituto Pasteur, na França, e o Instituto de Massachusetts, nos Estados Unidos, revelaram que nem uma instituição nem a outra têm segurança sobre a aplicação da vacina cubana.

O Ministério divulgou ontem o número de casos de meningite no país (exceto São Paulo), que este ano já chegou a 773, todos do tipo B. Isso representa uma taxa 25,1% mais alta do que os 618 casos do ano passado. Ocorre que São Paulo, cuja Secretaria de Saúde ainda não enviou seu relatório, é o estado com maior ocorrência de meningite meningocócica neste ano. No Rio foram registrados 206 casos de janeiro a junho, contra 189 do ano passado.

## Yunes procurará o ministro

SÃO PAULO — O representante em Havana da Organização Pan-Americana de Saúde, João Yunes, vai procurar o ministro da Saúde, Borges da Silveira, para explicar os relatórios técnicos que comprovam a eficácia das vacinas cubanas contra a meningite do tipo B. Yunes considera que o diálogo com o ministro deverá pôr fim à novela da importação das 50 mil vacinas doadas pelo governo de Cuba.

As vacinas seriam utilizadas para tentar controlar a epidemia de meningite tipo B que vem se alastrando por São Paulo. Segundo a Secretaria da Saúde, já foram registrados 53 casos da doença este mês, totalizando 250 no ano. Só em julho, cinco pessoas morreram, totalizando 32 no ano.

Ontem à tarde, Yunes esteve reunido com o secretário estadual da Saúde, José

Aristodemo Pinotti, a quem apresentou dados técnicos sobre a eficácia da vacina produzida em Cuba. O governo cubano já aplicou o produto em pessoas de seis meses a 24 anos em sete de seus 14 estados e alcançou um índice de eficácia de 63,6%. Yunes falou também que, no fim do ano passado, a médica Keila Marzoché, diretora do Hospital Carlos Chagas, levou substratos da bactéria tipo B encontrada no Brasil para serem testadas em Cuba. O resultado foi satisfatório: os anticorpos da vacina cubana eliminaram as bactérias brasileiras.

As vacinas foram conseguidas a partir de um encontro direto de Yunes na semana passada em Havana, com o dirigente Fidel Castro.



# Nova Iguaçu: porta é aberta a canivete para posse de Amaral

Empossado no cargo de interventor em Nova Iguaçu, o vice-governador do Estado, Francisco Amaral, teve que esperar que a porta do prédio da Prefeitura fosse arrombada a canivete para entrar no gabinete do ex-prefeito Paulo Leone, que desapareceu levando as chaves depois que o governador Moreira Franco decretou intervenção naquele município da Baixada Fluminense.

Amaral anunciou que aprofundará as investigações nas contas da Prefeitura iniciadas pelo Tribunal de Contas do Estado, fará inventários e bloqueará as contas bancárias, exceto o pagamento dos funcionários. De imediato, ele exonerará todos os funcionários de confiança de Leone e amanhã, às 8h, anunciará seu secretariado. Vai também revogar a portaria do *expresso da meia-noite*, assinada por Leone, que permitiu a contratação de 870 funcionários.

A cerimônia de posse do interventor foi realizada, às 9h, na sede da Secretaria de Justiça, no Rio, presidida pelo secretário Tércio Lins e Silva, que o acompanhou depois até a Prefeitura de Nova Iguaçu. Tropas de choque do

20º Batalhão e da 2ª Companhia Independente da Polícia Militar garantiram o acesso da comitiva ao prédio.

A entrada ao gabinete do ex-prefeito foi possível depois que a porta foi arrombada a canivete, pois Leone abandonou a Prefeitura carregando todos os documentos de sua administração e deixou as portas trancadas, levando as chaves. Há informações de que ele estaria hospedado na casa de parentes, fora de Nova Iguaçu.

Amaral cumpriu as formalidades, inclusive prestando juramento: "Prometo manter, defender e cumprir a Constituição, observar as leis e desempenhar com honra e lealdade as minhas funções". Foi bastante cumprimentado pelo pequeno grupo de acompanhantes, entre eles o secretário estadual de Trabalho, Jorge Gama.

Um candidato a candidato a vereador nas próximas eleições, Beto Avelar, incumbiu-se de dar um toque irônico à solenidade: espargiu sal grosso sobre os sapatos de Amaral e Tércio e em seguida espalhou veneno para ratos (Racumin) pelas dependências da Prefeitura.

Atendendo a apelos de correligionários, Amaral procurou evitar a cadeia antes ocupada por Leone. Mas distraiu-se ao atender um telefonema do governador e sentou-se nela, levantando-se rapidamente ao perceber a chegada do fotógrafo do *JORNAL DO BRASIL*.

Do lado de fora, houve algumas manifestações favoráveis à intervenção. Enquanto Beto Avelar subia em um out-door do outro lado da rua para descolar um anúncio em que Leone prometia a inauguração de inúmeras obras populares, era realizado um enterro simbólico do ex-prefeito, patrocinado pela Santa Casa Atendimento de Funerais, de propriedade de Fernando Brigadeiro da Costa, o *Fernando de Olinda*. Ele contribuiu com um caixão que, segundo afirmou, custava Cz\$ 30 mil.

Mas o povo iguaçuano permaneceu alheio à mudança administrativa do município. A maioria das pessoas ouvidas acha que pouca coisa irá mudar, por causa do pouco tempo que Amaral terá à frente da prefeitura (cinco meses).



Dilcélia, presidente da Federação das Associações de Moradores de Nova Iguaçu, discute a situação de marginalização, a que ainda são reduzidas as mulheres da periferia social brasileira.

11 / Aug. 1988

## Mulheres de Nova Iguaçu: Conflitos e Problemas

Uma pesquisa feita durante o Encontro de Mulheres de Nova Iguaçu, no dia 8 de março — Dia Internacional da Mulher — levanta importantes dados sobre a vida dessas mulheres com relação ao trabalho e a seu próprio corpo.

Eis o que revela a pesquisa:

### 1. Com quem ficam os filhos da mulher que trabalha fora?

\* Quase a metade das mulheres que trabalham fora (40%), são obrigadas a deixar seus filhos sozinhos em casa, sujeitos a riscos e acidentes, além da influência de outras pessoas.

\* O direito à **creche** — garantido por lei às mulheres que trabalham —, só atinge 8% das mulheres.

\* Menos de 20% das mulheres que trabalham fora, têm condições de deixar seus filhos com empregadas.

### 2. Quem faz as tarefas de casa?

\* Quase a metade das mu-

lheres assumem sozinhas as tarefas domésticas, o que provoca desgaste, nervosismo, frigidez sexual, doenças...

\* Filhos e parentes ajudam em apenas 30% dos casos. Isto reproduz na família os valores que a sociedade impõe à mulher, de ser a única responsável pela educação dos filhos.

\* Apenas 13% dos homens auxiliam as mulheres nas tarefas do lar. Isto demonstra ser muito forte a concepção machista nas famílias de Nova Iguaçu, tanto nos homens quanto nas mulheres.

### 3. Quantas vezes engravidou?

\* A média é de cada mulher ter engravidado 5 vezes. E cerca de 30% das mulheres engravidaram mais de 6 vezes.

### 4. Com que idade teve o primeiro filho?

\* Quase 40% teve o seu primeiro filho muito jovem, isto é, antes dos 20 anos.

\* Um pouco mais da metade teve o 1º filho entre 21 e 30 anos. E só 7% depois

dos 30.

### 5. Já ligou as trompas?

\* Chega a quase 40% as mulheres que já ligaram as trompas — o que é um percentual altíssimo. Isto pode significar uma falta de acesso à informação necessária, que permita um planejamento familiar adequado e, também, a influência dos interesses econômicos das clínicas, que se utilizam de um farto número de cesárias.

\* Outro dado que impressiona é que 32% das mulheres ligaram as trompas antes dos 30 anos. Isto pode trazer complicações desagradáveis para a vida dessas mulheres, que ainda jovens, podem ter sua vida modificada: conhecendo outros companheiros com os quais gostariam de ter filhos; ou até mesmo com seus próprios maridos — coisa irreversível com a ligadura das trompas.

Sem contar que a ligadura de trompas se decide pelo fato de se ter dinheiro pa-

ra pagar e não por análise das condições de vida, o número de filhos ou a idade da mulher.

### 6. Qual o método anticoncepcional que usa?

\* A pílula é usada por metade das mulheres, o que traz grandes preocupações.

\* 70% das mulheres afirmam não ter nenhum tipo de acompanhamento médico no método que utiliza.

\* Sendo a pílula contra-indicada em diversos casos, como na hipertensão, diabetes, problemas respiratórios... é de se imaginar que muitas mulheres, para as quais este método estaria contra-indicado, fazem uso do mesmo colocando em risco sua própria vida.

\* A tabelinha e outros métodos naturais, alcançam apenas 30% das mulheres que, sem orientações médicas, devem estar, em grande parte, fazendo uso incorreto do mesmo, aumentando o número de gravidez indesejáveis e/ou abortos provocados.

## UM OLHAR SOBRE A BAIXADA

### O tal fim da violência em 6 meses

*Frei Luiz Thomaz*

**NUNCA FALTOU NOSSA COOPERAÇÃO** — No Centro de Formação, da Diocese de Nova Iguaçu, passaram boa temporada pessoas que presenciaram chacinas e assassinatos, e se dispuseram a testemunhar em juízo. A Diocese de Nova Iguaçu, que denuncia sistematicamente a destruição da vida, abre as portas e guarda pessoas assim. Faz questão de cooperar com as instâncias conscientes da Administração. Não é possível que fatos tão escabrosos, como a matança de famílias inteiras, continue a acontecer impunemente. De fato, tais coisas parecem que sucedem com frequência crescente, em sociedade na qual o Governo prometeu erradicar a violência em seis meses.

•••

**POLICIAIS GENOCIDAS** — As pessoas, mencionadas acima, eram testemunhas da matança dos sete rapazes, no Morro da Coréia. Foi esclarecido que todos eram trabalhadores, nenhum estava envolvido, e que os assassinos eram da Polícia Civil. Os jornais noticiam que nenhum foi ainda indiciado, todos estão soltos, trabalhando como policiais. Os mesmos jornais reportam mais uma chacina, na proximidade da outra, acima referida: família toda, com sete pessoas, foi eliminada, no Morro do Pimba, em Niterói. No meio, além de homens jovens e pobres, duas crianças pequenas. Mais uma vez — está nos jornais — os genocidas pertencem à polícia.

•••

**COBRAREMOS DOS POLÍTICOS DA BAIXADA** — A polícia é força estadual, pertence ao Estado do Rio de Janeiro, obedece à orientação do Governo do Estado, é controlada ou descontrolada pela moral ou falta de moral da Administração de nosso Estado. Não se pode parar de cobrar a promessa irresponsável e demagógica de acabar com a violência em seis meses. E começar a cobrar, no Governo do Estado, de pessoas da Baixada Fluminense: políticos que fizeram carreira, acompanhando os grupos do povo organizado. Em suas campanhas, tais pessoas garantiram que suas presenças no poder seriam a presença do povo da Baixada no poder.

•••

**NÃO FALTA POLÍCIA PARA REPRIMIR OS POBRES** — Nesse tempo de frio e lama, mais uma vez enganadas pelos poderes públicos com promessas de assentamento após as enchentes de fevereiro, dezenas de famílias paupérrimas foram ocupando terrenos públicos, para o chão de seus barracos. Em terrenos públicos há décadas abandonados, servindo de lixeira ou capinzal. Lixo e capim podem ser seres humanos, famílias, mulheres e crianças — com seus maridos e pais desempregados ou reduzidos a ratos pelos salários-mínimos — não podem: seria profanação da lei sagrada que garante a propriedade particular. Para garanti-la, tem polícia sobrando, a fim de reprimir e violentar as famílias sem teto.

•••

O SISTEMÃO GARANTINDO A EXCLUSÃO DO POVO — Foi o que se viu, nas últimas semanas: a Justiça brasileira, tirando sua onda de imparcialidade hipócrita, decidindo contra os pobres, a favor dos proprietários. Oficiais de Justiça derrubando barracos, jogando famílias nas ruas. O sistema brasileiro dando seu show de coerência, garantindo os privilegiados e mostrando aos pequenos o seu lugar. E a força armada a qual, em país democrático, devia ser defesa dos pequenos contra os grandes, da maioria indefesa contra a minoria predatória, a polícia do Estado sempre lá, garantindo a prepotência, praticando a violência, avalizando o sistema que os atuais governantes prometeram modificar, ao tempo das promessas eleitorais.



Aug 18 Cam.

## Central Missionária dos Franciscanos visita Nova Iguaçu

Passou dias conosco o franciscano Peter Amendt, um dos diretores da Central Missionária dos Franciscanos que tem suas Províncias na Alemanha, Holanda, Áustria e Suíça. A Central Missionária fica em Bonn, capital da República Federal da Alemanha. Temos mantido estreitas ligações e cooperação com ela, por muitos motivos, um dos quais é o fato de nosso bispo Dom Adriano também pertencer à Ordem Franciscana.

A Missão Central dos Franciscanos executa a formidável dimensão de agência que subsidia projetos pastorais e de desenvolvimento, no Terceiro Mundo. Dela a Diocese de Nova Iguaçu tem recebido, com muita frequência, inestimáveis ajudas. Por exemplo: na manutenção de um corpo de advogados a serviço dos pobres e de nossas comuni-

dades, que prestam seus serviços através da Comissão de Justiça e Paz. A Missão Central garante este programa por dois anos, com a possibilidade de renovação.

A cooperação tomou-se mais intensiva, após as enchentes de fevereiro. Estamos em fase de informação recíproca e já estão garantidos uns 40 mil dólares da Missão Central, como ajuda fraterna àquelas paróquias que tiveram famílias desabrigadas pela calamidade climática ou, em palavras mais realistas, pela diuturna irresponsabilidade administrativa de nossos Poderes Públicos. A referida verba está garantida e, assim que chegar, convocaremos, na Caritas, os vigários, para o repasse.

Nossa Diocese e CAMINHANDO agradecem a visita do Frei Peter Amendt. Foi bom que ele nos vi-

sitasse, mais uma vez, e passasse alguns dias em Nova Iguaçu. Não fazemos a gigolotagem da miséria, mas apelamos para os que podem ajudar a minorar o sofrimento de nosso povo. Infelizmente, entidades estrangeiras precisam mandar de fora suas ajudas, a fim de preencher algumas das infinitas lacunas produzidas pela iniquidade social. Que os irmãos de fora ensinem aos de dentro como devemos ser irmãos.

Boa viagem, Frei Peter Amendt, muito obrigado pela visita, volte sempre para sentir um pouco as dores de nosso povo, para motivar os cristãos de lá a exercerem solidariedade com os homens e mulheres destruídos pela irresponsabilidade nacional. Você vai, mundo afora, dando a grande lição franciscana da fraternidade universal de todos nós no amor de Deus. (FLT)

### MOVIMENTO SACERDOTAL

#### MARIANO QUER

#### CONVERTER OS PADRES

São Paulo (AGEN) — Na safra de movimentos conservadores que atuam no campo religioso brasileiro, o Movimento Sacerdotal Mariano (MSM) é um dos mais ativos, voltados especificamente para a "conversão" dos sacerdotes. Foi fundado em 1971, na Itália, pelo padre Stéfano Gobbi, que afirma

receber revelações de Maria Mãe de Jesus, através de um mecanismo chamado "locução interior". O livro com essas "revelações" de Nossa Senhora já está na 6ª edição em português e o padre Gobbi designou, como seu distribuidor no Brasil, o leigo Otávio Piva de Albuquerque. O fundador já veio três vezes ao Brasil e na mais recente

visita, em fevereiro último, pregou retiros em 16 Estados. Em Itaici, falou para 117 padres, condenou a opção pelo pobre, a televisão e a Pastoral de conjunto. Na opinião do padre Gobbi, os padres estão ficando muito tempo na periferia e pouco tempo diante do tabernáculo.

## Carta do Bispo diocesano sobre programas de milagres no rádio e na televisão

Nova Iguaçu, 22 de maio de 1988

Minhas irmãs e meus irmãos em Jesus Cristo.

Vários grupos, geralmente ligados a movimentos pentecostais, mantêm numerosos programas de rádio e na televisão. Querem anunciar Jesus Cristo como salvador dos homens.

Até aí não podemos opor-nos. Pois Jesus Cristo é, de fato, o caminho, a verdade e a vida (Jó 14,6). Com Pedro proclamamos: "Em nenhum outro se encontra a salvação: pois debaixo do céu não foi dado ao pois debaixo do céu não foi dado aos homens nenhum outro nome pelo qual possamos salvar-nos" (Atos 4, 12).

Lamentavelmente, a maioria desses programas religiosos dão-nos a penosa impressão de que os pregadores usam Jesus como pretexto para serem algo e esperança do povo sacrificado. O objetivo principal da pregação é produzir milagres. Sob a pressão psicológica do pregador e num ambiente carregado de fanatismo, às vezes de histeria, acontecem fatos que parecem extraordinários, mas se forem bem considerados, não correspondem aos milagres verdadeiros que são expressão do poder de Deus para o serviço do Reino, não propriamente para satisfazer as necessidades das pessoas. Os milagres são raros.

Querer fazê-los à custa de sugestão, de pressão psicológica, de fanatismo religioso, é reduzir a força da Palavra de Deus, é reduzir a responsabilidade e a participação solidária do Povo de Deus, para resolver em comunhão as suas dificuldades. A procura obsessiva de milagres põe em questão aquilo que Paulo chama de "loucura da Cruz" (1Cor. 1,18) e que é o conteúdo fundamental da pregação. Como diz Paulo: "Os judeus reclamam sinais, os gregos buscam a filosofia; mas nós anunciamos um Cristo crucificado, que é escândalo para os judeus e loucura para os não-judeus." (1Cor. 1,22).

Respeitamos as convicções religiosas de todas as pessoas e grupos, acho que é bom advertir para qualquer tipo de pregação que contribui por seu estilo e seu método, mais para fanatizar as pessoas do que para ajudá-las a crescer na Fé em Jesus



Cristo. Precisamos fortalecer e aprofundar a nossa Fé em Jesus, único salvador da humanidade, uma Fé que nos leva não a procurar milagres em primeiro lugar, mas antes de tudo, com a graça do Espírito Santo, o que é cumprir a vontade do Pai e servir os irmãos na caridade.

O melhor sinal que pode acontecer hoje em nossa Baixada é, em espírito de Fé e alimentados com a força do Espírito Santo, assumirmos a causa de nossos irmãos fracos e pobres, marginalizados e oprimidos por uma ordem social injusta.

É justamente esta visão da realidade, que devemos iluminar com a Fé considerar com Esperança e assumir com Amor, o que falta a quase todos estes programas milagristas e por isto mesmo, perigosos.

Apesar do sofrimento que pesa sobre nosso povo, nos dias de hoje,

a nossa atitude deve ser de confiança absoluta em Jesus Cristo que nos prometeu o Espírito Santo, o Espírito de Verdade, para ficar sempre conosco. É neste Espírito Santo que encontramos a força necessária para enfrentar os problemas da vida e para assumirmos nossa parte de responsabilidade no mundo, no Brasil, na Baixada de hoje. É neste Espírito Santo que aprendemos a ser solidários com os irmãos que sofrem e, sobretudo, assumir como nossa a causa da comunidade. Esta solidariedade eficiente e afetiva é o sinal, o milagre que podemos fazer, para demonstrar com mais transparência a nossa Fé.

Desejando a vocês todos a força, a coragem, a alegria do Espírito Santo seu irmão Bispo.

D. Adriano Hypolito



Uma Diocese viva, de olho no Cristo crucificado e no povo da Baixada, em vias de ressurreição.

## Da vida de nossa Diocese

Dom Adriano

- Na comemoração do jubileu de Dom Adriano (vinte e cinco anos de episcopado), nossa Diocese lançou oficialmente uma "Campanha contra a Violência" que abrangerá, esperamos, todas as comunidades diocesanas.
- O objetivo da Campanha é conscientizar-nos de que a luta pela Paz e contra a violência é, mais do que uma repressão policial, uma atitude moral, uma atitude de consciência cristã.
- A polícia tem de usar a repressão contra os criminosos e violentos; é sua obrigação. E tomara que cumprisse este dever com mais fidelidade ao Povo.
- Mas a repressão não basta. A construção da Paz é uma questão de consciência e de mentalidade. É uma questão social que não se resolve apenas com a repressão.
- Neste contexto podemos mencionar problemas conexos com o problema da violência.
- A distribuição de rendas num País de cento e trinta milhões de habitantes não é fácil. Mas a dificuldade de conseguí-la não justifica nenhum tipo de omissão da parte das autoridades.
- Com o problema da distribuição de renda está intimamente ligado o problema da reforma agrária que o Governo tem enfrentado com timidez.
- Por que timidez? Porque aos grandes proprietários rurais interessa conservar de qualquer maneira um direito de propriedade privada antiquado e irreal. E estes grandes proprietários, representados numerosamente nas elites do poder, não se dispõem, por nada neste mundo,

a abrir mão de propriedades abandonadas, estériles pelo abandono.

- Com todos os recursos disponíveis farão o possível e o impossível para bloquear e invalidar qualquer tentativa de apressar e realizar uma reforma agrária que fira a intocabilidade das suas terras improdutivas. Não revendo decisão e coragem, o Governo nunca dará solução ao problema da terra.

- Diante de problemas insolúveis os agricultores deixam o campo, como se nota claramente no recenseamento, das áreas agrícolas do Estado do Rio. Dioceses como Campos, Nova Friburgo, Marquês de Valença, Petrópolis, vêm diminuir, de ano para ano, sua população. Os agricultores migram para as áreas industrializadas.

- Daí por que as Dioceses do Rio, de Nova Iguaçu, de Niterói, de Duque de Caxias, de Itaguaí, de Volta Redonda (na parte industrializada) aumentam sua população de 8 a 10% anualmente. Um problema de base não resolvido, gera problemas cada vez mais difíceis.

- No Dia Mundial da Paz de 1987, João Paulo II publicou um documento importante: "Desenvolvimento e Solidariedade — duas chaves para a Paz". A partir da Fé e também da correta visão do homem e da sociedade são feitas excelentes sugestões a todos os homens de boa vontade, aos governantes que também desejam acertar e, por suas medidas acertadas, procuram dar uma contribuição válida à causa da Paz.

- Nossa humanidade mas firme campanha não quer ser senão uma contribuição conscientizadora de nossas comunidades católicas. A médio e a longo prazos dará frutos com toda certeza.

Proj. 88 Cam.

# Nosso Projeto Baixada para alfabetização de adultos

Equipe da Caritas Diocesana

Já estamos na metade do ano, no terceiro ano do Projeto, e a cada momento temos mais consciência do nosso papel diante da grave situação do ensino para adultos. A permanência da Caritas neste ano de 1988, muito aís do que querer contemplar o desejo dos nossos 700 alunos, teve o sentido de canalizar nossa experiência e força política contra o Estado. Entendemos ser necessário um enfrentamento do problema da Educação de Adultos pelas Secretarias estaduais e municipais.

Nesse sentido temos tido conversas com outras 5 entidades do Projeto Baixada (MAB, MUB, CANAL MERITI, BAR DOS CA-VALEIROS e Centro de Integração da Taquara), a fim de traçar uma estratégia conjunta. De concreto existe a proposta da criação de uma Comissão Paritária para estudar as formas do Estado assumir esse segmento da Educação. Da comissão fariam parte um representante de cada entidade, e técnicos da Secretaria Estadual de Educação.

No próximo ano, 1989, queremos ver o analfabetismo sendo combatido de forma séria pelo Estado, e não mais através de convênios de duração limitada e sem qualquer segurança para os profissionais. Nos três anos de funcionamento do Projeto Baixada, pudemos aperfeiçoar formas de participação popular e uma pedagogia encarnada na nossa realidade, que fazemos questão de ver implantada no sistema oficial de ensino. As comunidades religiosas e Associações de Moradores estão sendo chamadas a enfrentar esse desafio.

## REPRESENTANTES DAS COMUNIDADES

A exemplo do Projeto Comunitário de Saúde, que vem sendo acompanhado por representantes das comunidades onde funcionam



Nossos mutirões e comunidades aprendendo a ler as letras e a vida, para serem, de fato, os verdadeiros homens e mulheres com poder de decisão.

23 Mini-Postos. O Projeto de Alfabetização se esforça para criar o seu Conselho de Representantes. A idéia é de cada uma das 47 Paróquias e Comunidades escolherem 2 representantes para acompanhar o Projeto. Caso a sua comunidade ainda não tenha feito a escolha, procure fazê-la antes da próxima Assembléia que se realizará no dia 9 de julho, às 14 horas, no salão da Caritas.

## AS CARTEIRAS CHEGARAM

A falta de carteiras era um dos sérios problemas das turmas de alfabetização. Conseguimos amenizar um pouco a situação adquirindo 340 carteiras, que foram distribuídas às Comunidades de acordo com suas necessidades e interesse. As carteiras foram compradas com o dinheiro que sobrou do convênio do ano passado.

## PRÊMIO INTERNACIONAL

Com quase 7 mil alunos, 335 profissionais e um índice de aprovação em torno dos 70%, o Projeto Baixada de Alfabetização está concorrendo ao Prêmio Internacional de Alfabetização oferecido pela UNESCO, órgão das Nações Uni-

das que cuida da Educação. Um vídeo do Projeto, feito pelo cineasta Silvio Tendler, autos de "Os anos JK" e "Jango", será exibido na França ao júri do concurso. Até setembro sairá o resultado. Em breve o vídeo poderá ser visto por todos os alunos e comunidades.

## SÓ ATÉ O FIM DO MÊS

As turmas do Projeto de Alfabetização têm um mínimo de 15 alunos e um máximo de 25. Nos locais onde este número mínimo não for alcançado a comunidade deve ajudar ao monitor para que até o final do mês possa estar completa a classe.

Vários recursos podem ser utilizados, como o de aviso nas celebrações, visitas as outras igrejas ou às casas do bairro.

Onde, apesar do esforço, o número não for alcançado, os representantes da comunidade, juntamente com os integrantes da reunião de Pólo, decidirão sobre o que será feito podendo chegar ao fechamento da classe. Algumas comunidades estão com poucos alunos frequentando as aulas. São elas: Vila Elisabeth; Nova Aurora; São Lucas; Mariléia e Carmari.



Uma Diocese viva, de olho no Cristo crucificado e no povo da Baixada, em vias de ressurreição.

## Da vida de nossa Diocese

Dom Adriano

• Na comemoração do jubileu de Dom Adriano (vinte e cinco anos de episcopado), nossa Diocese lançou oficialmente uma "Campanha contra a Violência" que abrangerá, esperamos, todas as comunidades diocesanas.

• O objetivo da Campanha é conscientizar-nos de que a luta pela Paz e contra a violência é, mais do que uma repressão policial, uma atitude moral, uma atitude de consciência cristã.

• A polícia tem de usar a repressão contra os criminosos e violentos: é sua obrigação. E tomara que cumprisse este dever com mais fidelidade ao Povo.

• Mas a repressão não basta. A construção da Paz é uma questão de consciência e de mentalidade. É uma questão social que não se resolve apenas com a repressão.

• Neste contexto podemos mencionar problemas conexos com o problema da violência.

• A distribuição de rendas num País de cento e trinta milhões de habitantes não é fácil. Mas a dificuldade de consegui-la não justifica nenhum tipo de omissão da parte das autoridades.

• Com o problema da distribuição de renda está intimamente ligado o problema da reforma agrária que o Governo tem enfrentado com timidez.

• Por que timidez? Porque aos grandes proprietários rurais interessa conservar de qualquer maneira um direito de propriedade privada antiquado e irreal. E estes grandes proprietários, representados numerosamente nas elites do poder, não se dispõem, por nada neste mundo,

a abrir mão de propriedades abandonadas, estériles pelo abandono.

• Com todos os recursos disponíveis farão o possível e o impossível para bloquear e invalidar qualquer tentativa de apressar e realizar uma reforma agrária que fira a intocabilidade das suas terras improdutivas. Não revendo decisão e coragem, o Governo nunca dará solução ao problema da terra.

• Diante de problemas insolúveis os agricultores deixam o campo, como se nota claramente no recenseamento, das áreas agrícolas do Estado do Rio. Dioceses como Campos, Nova Friburgo, Marquês de Valença, Petrópolis, vêm diminuir, de ano para ano, sua população. Os agricultores migram para as áreas industrializadas.

• Dai por que as Dioceses do Rio, de Nova Iguaçu, de Niterói, de Duque de Caxias, de Itaguaí, de Volta Redonda (na parte industrializada) aumentam sua população de 8 a 10% anualmente. Um problema de base não resolvido, gera problemas cada vez mais difíceis.

• No Dia Mundial da Paz de 1987, João Paulo II publicou um documento importante: "Desenvolvimento e Solidariedade — duas chaves para a Paz". A partir da Fé e também da correta visão do homem e da sociedade são feitas excelentes sugestões a todos os homens de boa vontade, aos governantes que também desejam acertar e, por suas medidas acertadas, procuram dar uma contribuição válida à causa da Paz.

• Nossa humanidade mas firme campanha não quer ser senão uma contribuição conscientizadora de nossas comunidades católicas. A médio e a longo prazos dará frutos com toda certeza.

## Comunicado às comunidades Cobranças às autoridades

Na ausência do bispo diocesano, viajando a serviço da Igreja, a Diocese de Nova Iguaçu, na pessoa de seus padres, irmãs religiosas, agentes de pastoral e dos movimentos populares, padece presentemente a situação dos desabrigados e tantas outras vítimas locais das últimas enchentes. Paremos com a ingenuidade, blasfêmia ou má fé interessada, que referem a castigos divinos os estragos das chuvas. As chuvas são fenômenos naturais que acontecem em qualquer parte do mundo, com previsível intensidade e aproveitáveis resultados. A transformação da chuva em flagelo foi gerada pela situação de completo abandono, em que tem sido diuturnamente obrigada a vegetar a população da Baixada Fluminense. Muito mais do que as presentes águas, vem literalmente destruindo nosso povo, em verdadeiro genocídio físico e moral, a irresponsabilidade administrativa, com que sempre foi tratada esta nossa periferia urbana.

Neste quadro de abandono geral, a Diocese de Nova Iguaçu, juntamente com os setores comprometidos do Movimento Popular, quer oferecer-se para ser voz deste povo, que nunca é ouvido e levado a sério pelas autoridades, a não ser em períodos de demagogia eleitoral. Neste sentido, estamos tentando chegar até o Governador do Estado mas, até o momento, não nos foi dada esta condição. Através desta correspondência, queremos levar ao conhecimento do povo da Baixada Fluminense, especialmente de nossas Comunidades e Movimentos Populares, o que iremos dizer ao governador, quando ele aceitar a solicitação de nos ouvir: Sr. Governador:

A Igreja de Nova Iguaçu, através das Paróquias atingidas pelas últimas enchentes, colocou-se a serviço do povo, fazendo o que pode para aliviar o seu sofrimento. Dirigimo-nos ao senhor, como representante e responsável último de todos os Poderes Públicos de nosso Estado. Os que aqui vivemos e lutamos é que sabemos: a Baixada Fluminense, apesar de todas as promessas, apesar de todas as placas e outdoors propagandísticos, continua anos luz de distância da Administração Pública. O povo mais simples está sabendo: fala-se de chuva, põe-se a culpa nas enchentes, a fim de desviar a atenção dos reais produtores da catástrofe.

Não aceitamos que se rompa o silêncio no que diz respeito à Baixada Fluminense por ocasião das enchentes e outros fatos igualmente escabrosos. Não é de hoje que este povo vem sendo destruído em seu corpo, em sua alma, em seus valores familiares, em seu substrato de dignidade. Tal vem sucedendo, entre outras causas, devido ao abandono a que foi reduzido, à vida carente e indigna a que é forçado, à insignificância social em que é mantido, à irresponsabilidade de nossas elites dirigentes, ao mau exemplo das grandes e impunes corrupções, à insensibilidade cínica e aproveitadora de muitos de nossos políticos.

Nesta carta, queremos denunciar a situação em que tem vivido permanentemente a Baixada Fluminense. As chuvas das últimas semanas só fizeram agravar o quadro miserável e abandonado de sempre. Denunciamos as dezenas de milhares de vida que as enchentes, destruindo seus pertences, tornaram mais indignas ainda. Denunciamos a responsabilidade ou irresponsabilidade daqueles pelas dezenas de mortes provocadas pelas enchentes e pelas epidemias delas decorrentes. Denunciamos a destruição de tantas famílias, que ficaram destituídas dos lares que abrigavam sua privacidade familiar. Denunciamos todas as etapas, produzidas ou simplesmente aceitas pelos Poderes Públicos, que foram levando nosso povo à situação de mendicância, pobre disputando com pobre, pobre arrebatando de pobre os míseros quilogramas de trombeteadas esmolas.

Denunciamos os meios de comunicação, cuja dinâmica visivelmente propélica pelos interesses particulares, percorreram muitos dos caminhos da cínica hipocrisia: não denunciando os reais fatores que produzem, no momento, a destruição da vida de nosso povo; levando o sério problema para o terreno das emotividades fáceis e passageiras; entrando na onda da caridade, no sentido menor da palavra, como solução de nossos históricos problemas sociais; criando falsas expectativas com anúncios exagerados de auxílios; silenciando o sofrimento das populações da Baixada, para privilegiar as áreas mais nobres, em seus noticiários; perdendo a formidável ocasião para esclarecer o povo que o problema não são as chuvas, mas o modelo brasileiro de acumulação

de riqueza nas mãos das elites minoritárias, às custas do suor, da indignidade existencial e da própria vida do povo jogado nas periferias.

Nós, da Baixada Fluminense, fazemos questão de desmistificar a formidável empulhação propalada sublimemente nos meios de comunicação, de que os Governantes estão resolvendo o problema, através das doações. Tais doações, em muitos casos certamente necessárias, significam verdadeiros recuos na caminhada da organização popular. É nosso povo caindo, mais uma vez do pau-de-sebo da cidadania, na situação de mendicância como solução de sua miséria. Se quisermos argumentos para isso, basta olharmos que a própria UDR, inimiga máxima da emancipação popular e da socialização distributiva dos bens necessários a todos, engajou-se, de corpo e alma, na campanha de auxílios, como resposta aos problemas da miséria, agravados nas últimas enchentes. É o cinismo, a obtusidade e a cegueira diuturna de nossas elites. É o povo sofrido privado também de quem dele se compadeça.

Após tantas denúncias que podiam ser multiplicadas, queremos fazer algumas perguntas ao Sr. Governador: O que está se fazendo em nível de Poder Público, para enfrentar efetivamente o problema dos desabrigados e de todos os outros miseráveis da Baixada Fluminense, que tiveram sua miséria ainda mais agravada? O que se vai fazer realmente, como resposta responsável e duradoura aos problemas desta gente? Como vai ser encaminhado pelo Poder Público o problema das famílias que tiveram suas casas destruídas e cuja destruição é também responsabilidade do Estado? Onde foi ou está sendo realizado o Plano de Saneamento da Baixada Fluminense, que afixou tantas propagandas nas ruas? Por que o Plano do Governo para dragagem dos rios e canais, na Baixada, deixou de fora exatamente as áreas, que nesta e nas outras vezes, foram as mais atingidas pelas enchentes e tiveram maior número de desabrigados?

O que será feito com os desabrigados, alojados presentemente nas igrejas, colégios e outros postos montados em caráter de emergência? E as casas populares, que seriam destinadas aos desabrigados? Em que locais elas serão construídas? Quais são as verbas destinadas a esse projeto? Quando essas casas populares começarão a ser construídas? Como vai ser encaminhado, de fato, o problema de saúde da população, que teve gente morrendo nos salões paroquiais, por falta de assistência?

Na vontade de servir ao povo, nos dispusemos a fazer distribuição de auxílios vindos de fora. Diga-se de passagem, com muito lixo e muita porcarias no meio. Como é impossível solucionar o problema social através da caridade pública, como é impossível substituir a dinâmica do mercado pelo marasmo da esmola como caminho para nossa sobrevivência material, muita gente extravasou em cima de nós a ira e revolta que deviam ser dirigidas aos verdadeiros responsáveis pelas carências de nosso povo. Muitas das instâncias badaladas nos meios de comunicação simplesmente se abstiveram de comparecer. Ficaram só na propaganda.

Mesmo à custa de nossa participação no sofrimento do povo, não iremos perder o pique da luta. Assumiremos, cada vez mais, a missão martirial de sermos voz deste povo privado de voz. Nada nos fará recuar de nosso engajamento. Viemos cobrar o direito que temos de respostas pertinentes, da parte daqueles que nós colocamos como nossos representantes. Queremos ouvir do senhor aquilo que, com toda franqueza, iremos repassar, por todos os meios ao nosso alcance, ao povo de nossas comunidades e de toda a nossa Baixada Fluminense.

P. Agostinho Pretto - Vigário Geral  
P. Renato Stormak - Coordenador de Pastoral  
Conselho Presbiterial de Nova Iguaçu  
Presbitério Diocesano de Nova Iguaçu  
Vigários e Regentes de Paróquias  
Agentes Pastorais e agentes engajados nos movimentos populares  
Cáritas Diocesana de Nova Iguaçu  
Comissão Diocesana de Justiça e Paz

Diocese de Nova Iguaçu



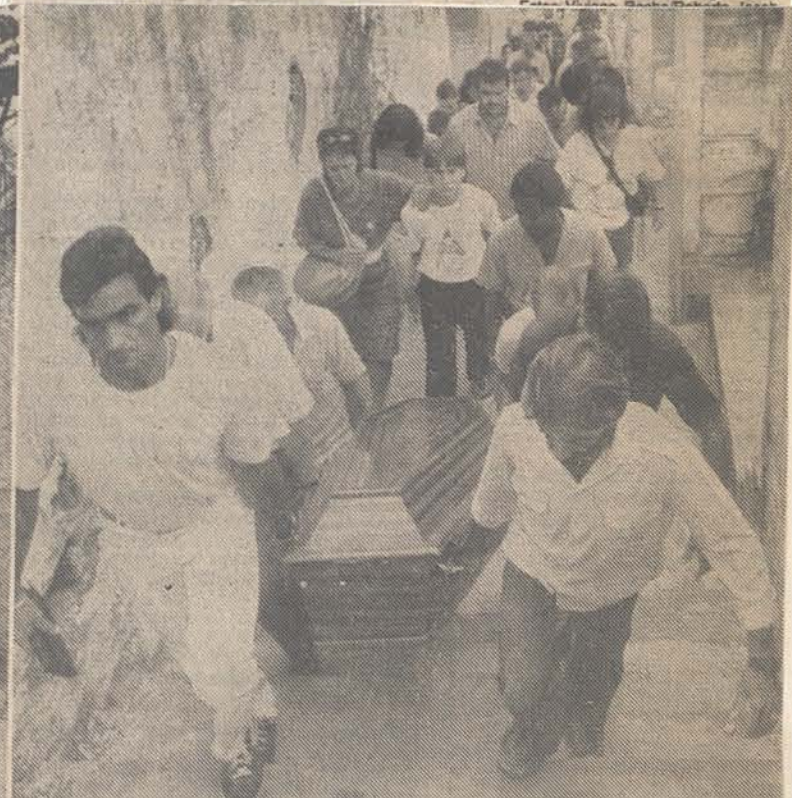
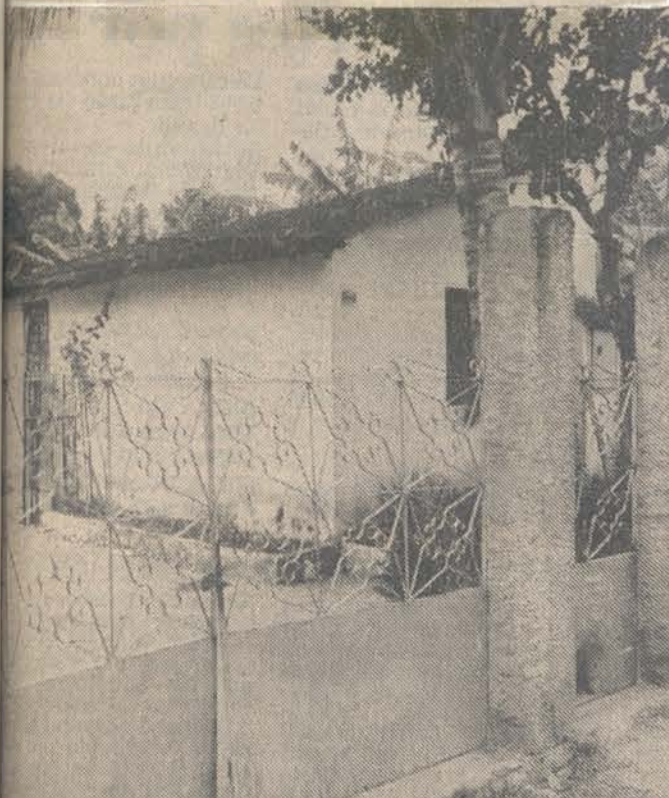
CEED

# VIOLENTARAM 5 ADULTOS E 11 CRIANÇAS

23/8/89 0 024

Brandão, 62 anos, pai de Lúcio Tadeu Brandão, primeira das três (as outras foram Renato Daniel Cruz e José Cláudio Leal o Cacaú) a serem assassinadas, madrugada de domingo, no aniversário da menina Luanda, na Rua Dalva, lote 43, casa R, Engenheiro Pedreira, por uma quadrilha de sádicos compostos por cinco homens, um garoto de 15 anos e uma mulher, definiu as horas de agonia e terror que viveu com sua família: "Era o que estava ali na nossa frente" - Liderados por um baixinho de olhos azuis, os cinco monstros chegaram à casa humilde de João Bruno da Silva para dar a festa, à 1 hora 30m da madrugada, querendo entrar na casa de que era uma festa de criança, só com guaranás e refrigerantes, os quatro homens, armas na mão, forçaram o ingresso, a mulher, apenas de calcinha e sutiã, ficava na porta,

vigiando - Então, conta Willir, teve início a longa sucessão de monstruosidades. Sempre sob as ordens do baixinho de bigode, todas as pessoas do aniversário (sete homens, oito mulheres e 11 crianças) foram obrigadas a fazer sexo entre si: filhos com mães, irmãos com irmãs, pais com filhas - Matando ou ferindo os que ensaiavam qualquer reação, os criminosos violentaram as 11 crianças que estavam na festa, utilizando-se dos canos dos revólveres ou dos gargalos das garrafas - Luiz Brandão contou no sepultamento do irmão, Lúcio Tadeu, no cemitério de Inhaúma, que foi à 55ª DP pedir para ver o álbum de fotos de criminosos e não pôde fazê-lo: os policiais ali de plantão disseram a ele que o Serviço de Identificação Policial (SIP) estava fechado e que a Polícia não faz ronda nos finais de semana, principalmente na Baixada (Página 7 e Editorial, página 4)



o pobre de Engenheiro Pedreira em que as pessoas foram submetidas a brutalidades sexuais e agredidas pelos bandidos e o enterro de uma das vítimas, José Cláudio Leal Miranda, o Cacaú, sepultado no Cemitério São João Batista, em Botafogo

# MATARAM OITO NA BAIXADA

29-8-88  
D. B. A.

Outro dia de cão em Duque de Caxias, na Chatuba, em Meriti e em Queimados, onde oito homens foram assassinados com muitos tiros - Criminosos usaram carrinho de mão para levar os corpos de duas das vítimas para o alto de um morro - Bandido, que vinha aterrorizando moradores do Jardim Delamare, também tombou a bala - Delegado Nilton Calmon (59ª DP) admite que a violência aumenta - (Na página 7)

## Madrugada violenta deixou 8 mortos a bala na Baixada

A Baixada Fluminense viveu mais um dia de cão. Durante a madrugada de ontem, foram registrados oito homicídios, sendo quatro em Duque de Caxias. O delegado da 59ª DP (Caxias), Nilton Calmon, admite que a criminalidade na região vem aumentando. Ele culpa a crise econômica e não tem esperanças de a situação melhorar rapidamente.

No topo do Morro São José, foram encontrados os corpos de dois homens negros, crivados de balas. A Polícia acredita que eles foram mortos no interior da casa 273 da Travessa Joaquim Nabuco - a 300 metros do local - e transportados num carrinho de mão. Os cadáveres foram colocadas um sobre o outro, formando uma cruz. Ao lado, foi deixado o carrinho com marcas de sangue. Apenas uma das vítimas foi reconhecida por populares como Alexandre, de aproximadamente 16 anos, e que residia no Bairro Centenário.

No Parque Lafaiete, ainda em Caxias, os policiais encontraram o cadáver de um homem de cerca de 18 anos na casa de cômodos da Rua José Rodrigues dos Santos, 150. Outro homem - mulato de casaco de couro preto - fugiu, apesar de baleado.

Na Avenida Monte Castelo, em frente ao número 1119, em Jardim Gramacho, Duque de Caxias, amanheceu o corpo do mineiro Josélio Januário de Almei-



Josélio morreu no Jardim Gramacho

da, 21 anos. De calça branca, jaqueta preta e sapato branco, ele tombou em frente ao ponto de ônibus com vários tiros. De manhã, ao abrirem a padaria Jôia do Obelisco, os proprietários depararam com o cadáver e avisaram à

Polícia. O perito verificou que Josélio ainda foi atropelado e exibiu uma fratura exposta na perna direita.

### Mais quatro

Já na Chatuba, na Rua Alberto Brigagão, ocorreu mais um duplo homicídio. A 53ª DP (Mesquita) identificou as vítimas como Jorge Martins Duarte, 29 anos, e Elias José dos Santos, 24. Mulatos, vestindo calças jeans e botas, eles foram deixados - com vários tiros à beira da cachoeira que atravessa a rua de barro. Na falta de pessoal para arrastar os corpos por uma distância de 100 metros até o rabeção, o funcionário do IML foi obrigado a contar com a ajuda de populares.

Na área da 64ª DP (São João de Meriti), um homem foi morto a tiros e seu corpo encontrado na Rua Mascarenhas de Moraes, no início da manhã. Os policiais ainda não tem pistas para desvendar o caso.

O corpo do bandido Gessé, de aproximadamente 25 anos, foi encontrado ontem de manhã por moradores do Bairro Jardim Delamare, em Engenheiro Pedreira, Queimados. Vestia calça comprida cinza e camisa vermelha e estava descalço. Gessé já morou na Rua Jandaia, onde foi encontrado morto, mas atualmente residia em Bangu. Segundo moradores, era um marginal temido na localidade.

# ONU diz que Baixada é 2º lugar mais pobre do mundo

201-8-PTA

20 anos serão  
10 mil vivendo  
total miséria

ACÍRIO GOUVÊA  
Sucursal da Baixada

Baixada continua li-  
vendo estatísticas. Uma  
da Organização  
de Saúde (OMS),  
chada à ONU, coloca  
como o 2º maior  
de miséria do mun-  
Perde apenas para  
chaim, na Índia, que,  
tante, tem uma po-  
ção dez vezes maior.  
problema se agrava  
as condições de  
da população não  
a melhorar a cur-  
razo.

de acordo com os da-  
da ONU, em vinte  
existirão na Baixada  
de 500 mil pessoas  
no regime de  
a completa miséria e  
regando o estigma de  
a sub-raça, com defi-  
cia de neurônios, gló-  
as vermelhos, além de  
geração do sistema  
roso.

uma pesquisa datada  
1986 e idelizada por  
idades comunitárias de  
João de Meriti, a fim  
denunciar os graves  
sistemas da região para  
idades em Brasília, o  
estado foi dramático:  
estudo realizado com  
crianças e jovens  
idos no Posto Médi-  
da Prefeitura de São  
de Meriti, constatou-  
que 70% delas eram  
nutridas, sendo que 5%  
cansavam o 2º ou 3º  
ta (universitário).

tecnicos da OMS com-  
aram a Baixada aos  
ões de miséria na  
Alpia e Biafra,  
volvendo-se natural-  
te, as condições de  
País, e as caracterís-  
antropológicas das  
A carência de bens

materiais de recursos eco-  
nômicos de 90% da popu-  
lação iria um contraste  
com a opulência das man-  
sões de empresários e po-  
líticos locais.

Numa região de baixo  
poder aquisitivo, os ali-  
mentos são mais caros do  
que na Zona Sul, no cen-  
tro ou na Zona Norte do  
Rio. Basta uma ida a qual-  
quer feira livre ou super-  
mercados para comprovar  
isso. Feirantes revelam  
que é mais fácil vender os  
melhores produtos para  
os moradores da Zona  
Sul. Na Baixada se encon-  
tra o que sobra dessas  
vendas. Para melhorar es-  
se quadro seria necessário  
um programa de incre-  
mento à agricultura na  
região.

Numa região onde o  
transporte é uma das gran-  
des necessidades da popu-  
lação, as passagens são as  
mais caras do Rio. Uma  
viagem de Nova Iguaçu à  
Praça Mauá, em ônibus  
Tarifa A, está custando  
Cz\$ 218,00, num percurso  
de 30 minutos. As passa-  
gens intermunicipais da  
região também são mais  
caras do que no Rio. Do  
Centro ao Leblon, paga-se  
atualmente Cz\$ 51,00,  
num percurso de aproxi-  
madamente 25 quilôme-  
tros. De Nilópolis a Nova  
Iguaçu, num trajeto de  
cerca de 7 quilômetros; o  
usuário paga Cz\$ 48,00.

O trem não chega a sur-  
prir as deficiências de  
transportes, o sistema  
funciona precariamente e  
não beneficia todos os  
bairros dos quatro municí-  
pios mais populosos,  
sem considerar a partici-  
pação de Magé, Itaguaí e  
Paracambi. A infra-  
estrutura do transporte de  
massa, é caótica. Os veí-  
culos são malconserva-  
dos, os enguiços são  
frequentes e os horários  
desrespeitados.



Morando em barracos sujos, as crianças são as maiores vítimas da falta de higiene e da carência alimentar

De acordo com dados  
do IBGE (Instituto Brasi-  
leiro de Geografia e Esta-  
tística) os quatro municí-  
pios da Baixada (Nilópo-  
lis, Nova Iguaçu, São  
João de Meriti e Caxias)  
convivem diariamente  
com o mesmo quadro de-  
solador: a paisagem peri-  
gosa das valas negras.  
São João de Meriti lidera  
todos os índices negati-  
vos. 88% de seu território  
não possui rede de esgo-  
tos e 78% das residências  
contam apenas com fos-  
sas sépticas.

Em segundo lugar está  
Caxias, com 78% de fossas  
sépticas e 9% rudimenta-  
res. Em terceiro Nova  
Iguaçu, onde 33% das re-  
sidências têm rede de es-  
gotos e nas outras 53%  
fossas sépticas. Nilópolis  
continua como o "paraíso  
da Baixada", já que 79%  
das casas são servidas por  
rede de esgotos e apenas  
18% têm fossa séptica,  
enquanto 3% possuem  
fossa rudimentar.

Vivem atualmente na

Baixada 2 milhões e 723  
mil habitantes e o nível de  
vida realmente configura  
o bolsão de miséria reve-  
lado pela OMS. 236 mil  
748 habitantes ganham  
até 1 salário mínimo, re-  
presentando 26,2% da po-  
pulação; 237 mil 561 habi-  
tantes ganham de 1 a 2  
salários mínimos 937,3%;  
272 mil 540, de 2 a 5 salá-  
rios mínimos (30,1%); 45  
mil 385, de 5 a 10 salários  
mínimos (5,2%) e 10.803  
mais de 10 salários míni-  
mos, constituindo-se em  
apenas 1,2% da popula-  
ção.

As estatísticas são es-  
tarrecedoras: de cada  
1.000 crianças nascidas da  
Baixada, 70 a 80 morrem  
na hora do parto e a maio-  
ria tem poucas chances de  
sobreviver até um ano. As  
principais causas da mor-  
talidade infantil são dis-  
túrbios circulatórios, vio-  
lência, subnutrição, doen-  
ças infecciosas, falta de  
cuidados da mãe durante a  
gestação e gastroenterite.

A propagação da hanse-  
niase (lepra) na Baixada,  
representa realmente o  
mal da miséria. O alastra-  
mento da hanseníase  
deve-se à falta de sanea-  
mento básico, inexistên-  
cia de água encanada,  
subnutrição, falta de con-  
dições ideais de moradia e  
higiene, alta temperatura  
e preconceito com relação  
à doença e seu tratamen-  
to. Mas começam a au-  
mentar os índices de doen-  
ças de pele na Baixada,  
como eczema, psolize, e  
herpes etc.

A promiscuidade da re-  
gião facilita a propagação  
de diversas doenças, ex-  
plica o coronel Edgard  
Monteiro, diretor do Gru-  
po Educar para Erradicar  
Hanseníase. "Atualmente  
vivem na região cerca de  
20 mil hansenianos e as  
baixas condições de hie-  
gine facilitam o aumento  
dos índices. A hanseníase  
é transmitida pela respira-  
ção e à proximidade de  
corpos".

30 18/18  
47

## Mais 10 mortos ao estilo das chacinas na Baixada

Mais 10 homicídios ao estilo da chacina de Engenheiro Pedreira marcaram o final da noite de domingo e madrugada de segunda-feira no Grande Rio e Niterói. Em Caxias, três homens morreram a tiros nos bairros Olavo Bilac e Corte Oito. Mais dois são fuzilados em São Cristóvão e um em Mangueiros. Do outro lado da baía, duas crianças e um deficiente físico são mortos a foçadas, e outro homem, a tiros.

### CAXIAS

Na praça central do bairro Olavo Bilac, em Caxias, Jorge de Almeida Barreto, de 25 anos, e Juarez Batista de Melo, de 30, foram mortos com tiros na cabeça, peito e costas. Ninguém testemunhou o fato e a Polícia não tem pistas. O registro foi feito na 59ª DP (D. Caxias).

Ainda na área da 59ª DP (Caxias), Jossimar Santos Pereira, de 33 anos, foi morto à facadas e pedradas, na esquina das ruas Lauro Aragão e Jacutirão, no bairro Corte Oito. A vítima ainda teve seu corpo arrastado por cerca de

50 metros, sendo abandonado debaixo de uma passarela. A Polícia vai tentar ouvir o dono do bar, próximo do local onde ocorreu o crime, para identificar o criminoso. Os três homicídios aconteceram no início da madrugada.

### SÃO CRISTÓVÃO

Policiais da 17ª DP (São Cristóvão) foram chamados às 23h30m de domingo, ao Campo de São Cristóvão, onde aos domingos se realiza a Feira dos Nordestinos. Ali, foram mortos, com tiros no rosto e no peito, Carlos Jose Ferreira, o Pará, de 32 anos, e um homem pardo, de 33 anos aparentes e trajando bermuda branca, blusa vermelha e tênis branco. Os dois corpos estavam lado a lado. Os policiais não conseguiram arrolar testemunhas e não têm pistas sobre os criminosos.

### MANGUEIROS

Paulo César da Silva, de 27 anos, foi morto com vários tiros no peito e na cabeça, na Via B-3, na favela da Vila do Pinheiro. A vítima, que morava na Avenida Bento Ribeiro

Dantas, bloco 2, apartamento 206, também na favela da Vila do Pinheiro, estava vestida com camisa amarela, bermuda branca e tênis branco. Seu corpo foi reconhecido pelo pai, que mora em Caxias. Ele disse que ultimamente, Paulo César se encontrava desempregado, mas não sabia informar se ele tinha envolvimento com marginais.

### NITERÓI

Policiais da 77ª DP (Santa Rosa) ficaram indignados com a violência usada para matar Antônio Carlos Veloso, de 37 anos, o Dão, cego da vista direita e os irmãos, Maurício da Silva, de três anos, e Reginaldo Silva, de 10 anos, mortos a golpes de foice, no final da noite de domingo no interior do barraco número 1.307, da Rua Martins Torres, no morro da Paulada, em Santa Rosa, Niterói.

No bairro Boaçu, em São Gonçalo, Jorge Mesquita, de 30 anos, foi morto com três tiros, na Rua Roberto Duarte. Os policiais da 72ª DP (São Gonçalo) não têm pistas.

## Força policial se defronta novamente com as chacinas

As chacinas voltaram à Baixada Fluminense. Crimes desse tipo abalam a opinião pública e desorientam a Polícia. "Nunca em minha vida vi tanta covardia", disse um policial da 55ª DP, Queimados.

Em maio, a Delegacia de Xerém, em Caxias, registrou uma chacina, onde cinco pessoas foram assassinadas, incluindo três crianças. Magé e Itaguaí foram municípios que também viveram momentos dramáticos, com crimes brutais chocando a opinião pública e chegando inclusive ao noticiário dos Estados Unidos e da Europa.

Na madrugada de domingo da semana passada, houve um crime bárbaro. Cerca de três homens e uma mulher, todos fortemente armados, deixaram um rastro de sangue, do Guandu até próximo à Vila Central, em Nova Iguaçu. Num percurso de sete quilômetros, invadiram duas residências, ambas com cerca de 40 pessoas. Obrigaram seus ocupantes a fazerem sexo entre si, inclusive paren-

tes e crianças; mataram três pessoas; feriram duas a tiros e praticaram estupros e violências em 54 pessoas. A brutalidade dos criminosos, visivelmente drogados, acabou revoltando o secretário de Polícia Civil, Hélio Saboya, que destacou uma equipe especial para ficar à disposição do delegado Domingos Meireles, da 55ª DP (Queimados).

A Baixada Fluminense registrou mais sete assassinatos na semana passada. Quatro rapazes foram executados a tiros de revólveres e escopetas, no Parque Boa Esperança, também em Queimados. Com a intervenção no Município de Nova Iguaçu, o medo de que informações de desmandos na administração municipal viessem a público, acabou gerando uma série de crimes. Foram assassinados o genro do ex-prefeito Paulo Leone, Marcos Riegert Galindo, de 35 anos, da Codeni e Dirceu Renato de Jesus, de 40 anos, funcionário da Prefeitura.

Também na terça-feira da semana passada, foi morto Juarez Barbosa

Borges, de 28 anos. Ele ia para casa quando foi cercado por um grupo armado, surrado e executado a tiros. Descobriu-se, depois, que ele era filho de um segurança do ex-prefeito Paulo Leone e também funcionário da Prefeitura.

As diligências para descobrir os crimes desgastam policiais e deixam a população mais temerosa e descrente. Moradores dos municípios da Baixada estão inseguros, mesmo à luz do dia. Tudo ocorreu quando os boatos sobre seqüestros de crianças já estavam quase esquecidos. Como disse um morador de Queimados: "Parece que o diabo anda solto aqui na Baixada".

Como se não bastasse esse clima de guerra, na quarta-feira, após a chacina de Engenheiro Pedreira, em Queimados, os policiais da 55ª DP já tinham novos problemas: eles já sabem que terão que usar de força para proteger os estupradores da ira da população. Na semana passada, a delegacia onde estavam os prováveis suspeitos quase foi invadida.

201818

44

30-8-88  
UH

# ONU diz que só Bombaim é mais pobre que Baixada

Um relatório da Organização Mundial de Saúde (OMS), uma entidade filiada à ONU, aponta a Baixada como o segundo maior bolsão de miséria de todo o mundo, perdendo apenas para a cidade de Bombaim, na Índia, onde vive uma população 10 vezes maior. Os dados da OMS são alarmantes: dentro de 20 anos, nas condições atuais, haverá na Baixada 500 mil pessoas vivendo em regime da mais completa miséria.

Nesse quadro, será formado um exército de pessoas subnutridas, ameaçadas pela degeneração do sistema nervoso, além de deficiência nos glóbulos vermelhos. Na região, os contrastes saltam aos olhos: de um lado estão as mansões opulentas de homens ricos e, de outro, vive uma gente morando em barracos à beira de valas negras, em contato freqüente com o lixo e a falta de higiene. Página 3



Abandonada, a população infantil sofre problemas relacionados com distúrbios circulatórios, subnutrição e doenças infecciosas

31-8-88  
M

## Uma coleção de assassinatos

### *Em sete meses, a Baixada teve mais de 1 mil mortos*

A impressionante estatística dos assassinatos na Baixada Fluminense colecionou mais duas vítimas. De madrugada, o marceneiro Ivan da Silva Barbosa, 32, e sua mulher Vera Lucia Sales, 28, foram mortos a tiros de escopeta por um grupo de encapuzados. Os criminosos entraram pelos fundos da casa (Rua Santa Terezinha, lote 36, no Jardim Metrôpole, em São João de Meriti), baleando primeiro a mulher, que estava na sala, e depois o companheiro, que tentou socorrê-la.

Pelas estatísticas da Secretaria Estadual de Polícia Civil, em sete meses - de 1º de janeiro a 30 de julho - 1.146

peçoas foram assassinadas na Baixada. Ou seja, a cada mês, 163 pessoas e, a cada dia, entre 5 e 6, são mortas naquela região do Grande Rio. No mesmo período, houve 194 casas invadidas e assaltadas e 150 vítimas de estupros.

O município de Nova Iguaçu lidera as estatísticas de homicídios (646), seguido do de Duque de Caxias, com 311. O local mais violento continua sendo Belford Roxo, com 185 crimes. No último fim-de semana, mais oito pessoas foram mortas em Nova Iguaçu (4) e São João de Meriti (4).

Pela estatística fornecida pela Secretaria de Polícia Civil, foram assassinadas no ano passado, na Baixada, 1 mil 874 pessoas. Paracambi é o único município da baixada onde os índices criminais são baixíssimos: em sete meses, apenas uma pessoa foi morta.

E ainda na Baixada Fluminense, 194 famílias tiveram suas residências invadidas e saqueadas por grupos armados. Nova Iguaçu com 46 e Belford Roxo com 21 casos, lideram as estatísticas. A cada dia, 27 casas foram invadidas e assaltadas. E outras 10 pessoas foram mortas por ladrões, ao reagirem a assaltos em Itaguaí, Queimados, Duque de Caxias, Campos Elísios e São João de Meriti. Os casos de estupros registrados - 150 - ocorreram com mais incidências em Nova Iguaçu, com 35, seguida de São João de Meriti, com 20. Mesquita, com 17, Belford Roxo e Duque de Caxias, com 14 cada, Itaguaí, com 12, Queimados, com 10 e outras localidades com menor número. A cada dia, as delegacias da área registram 2,2 casos de estupros.

CEDIM

Assassinatos <sup>15</sup>  
na Baixada são <sup>31-8-88</sup>  
1.146 este ano

Com o assassinato, a tiros de escopeta, do marceneiro Ivan da Silva Barbosa e de sua mulher, Vera Lúcia Sales, em São João de Meriti, somam-se mais duas à impressionante estatística de mortes violentas da Baixada Fluminense. Nos primeiros sete meses do ano, 1.146. Nove dias após a chacina de Nova Iguaçu, o delegado responsável pelo inquérito anuncia ter identificado, mas ainda não capturado, o chefe do grupo de criminoso. Seria Manoel Messias Pinto, de 19 anos. (*Cidade*, pág. 5)

31/8/88  
m





## D. Adriano, 70 anos: a homenagem familiar

Recebemos um convite honroso para transmitir aos presentes, as alegrias que envolvem as famílias Mandarino e Hipólito, pela passagem do aniversário natalício (70 anos) de Dom Adriano, conhecido no seio familiar por Fernando.

Na realidade, da união de Nicolau e Isabel, as duas famílias foram premiadas com o primeiro sobrinho, recebendo-o e tratando-o com amor e carinho. Pois o menino Fernando, desde a tenra idade, demonstrava caráter e personalidade marcantes, bondade e amor a Deus e ao próximo.

No seu lar tinha o exemplo de um pai trabalhador, honesto e fiel à sua família, complementada pela dedicação de sua mãe. Portadora de uma coragem e fé incomensuráveis. Piedosa, assídua frequentadora do Convento de São Francisco, em Salvador, onde mais tarde foi sepultada. Nos franciscanos, Isabel encontrou seus verdadeiros amigos e responsáveis pela formação moral e cristã de seu filho.

O seu desejo era vê-lo sacerdote. Para tanto, implorava a proteção de Santo Antônio, que atendeu às suas súplicas, que o fez também Pastor de uma Diocese cujo padroeiro é Santo Antônio.

Acreditamos na ressurreição dos mortos, o que não invalida que meditemos sobre essa verdade — que seus pais, irmãos, tios e confrades, também estejam alegres e felizes com as homenagens justas, prestadas a um sacerdote, exemplo de virtudes, modéstia e grandeza de es-

pírito.

A Fé que o encoraja, nos transmite tranqüilidade e paz. A Esperança que o acompanha, nos leva a prosseguir na caminhada, sem vacilação ou desânimo. A Caridade de que é possuidor, deixa em cada um de nós, o desejo de aprofundar nossos sentimentos e ver no próximo o irmão e filho do mesmo Pai. O que é tão fácil para ele. "Amar ao próximo como a si mesmo" não é impossível. Mas é difícil entendermos a força do amor, ditada por esse mandamento.

Acompanhamos sua vida sacerdotal, desde a ordenação em 1942, onde as duas famílias se faziam presentes. Hoje, somente uma tia sobrevive, sobrinhos e primos, afora os diocesanos da Baixada Fluminense, que constituem a família unida pelo Cristo e que reconhecem a sua ação pastoral, porque não se trata de um homem somente capaz de fazer promessas, mas de realizações e de ação.

Como é bom ser bom! Nesta oportunidade, queremos agradecer a colaboração que lhe vem sendo prestada, por ser ele muito querido. Jóia de valor inestimável, estrela de primeira grandeza, relicário de valores morais.

Agradecemos pedindo a todos que não desanimem. A estrada é longa, mas a caminhada é certa.

Que Maria Santíssima, Mãe de Deus e dos homens, acolha-o sempre em seu manto de rainha. Acolhei-o em vosso manto de rainha, em vosso véu de Virgem, em vosso coração de Mãe para sempre.

## O irmão-bispo D. Adriano: 21 anos servindo à Baixada

Funcionários e seus familiares, agentes de Pastoral, padres, freiras, seminaristas e amigos de D. Adriano celebraram, no sítio de Tinguá, os 21 anos da chegada do irmão-bispo à Diocese de Nova Iguaçu. O churrasco de confraternização reuniu cerca de 250 pessoas. Foi um momento de encontro e de descontração, one se comemorou também os 82 anos de vida de Monseñor Arthur, vigário da Paróquia de São Sebastião, em Olinda.

Depois do almoço, o bispo cortou o bolo comemorativo dos seus 21 anos de Diocese. Os funcionários do CEPAL ofereceram a ele, como presente uma *estola*. Emocionado, D. Adriano agradeceu a homenagem.

### SUA CHEGADA, UMA BENÇÃO PARA O POVO

Dom Adriano chegou à nossa Diocese, em 6 de novembro de 1966. Nomeado pelo Papa Paulo VI como 3º bispo de Nova Iguaçu, D. Adriano — que até então era

bispo auxiliar de Salvador, na Bahia — encontrou, em sua chegada, uma Igreja que não se preocupava muito com as condições em que o povo vivia. Uma Igreja fora da realidade, que falava bonito, mas de pouca ação.

A passagem de D. Adriano por nossa Diocese tem sido marcada por transformações: aumentaram o número de comunidades, nas reuniões, o Evangelho ilumina os problemas de cada dia, eleições democráticas têm marcado as mudanças de lideranças em Conselhos e Comissões, cresceu a participação dos leigos nos serviços e ministérios. As grandes decisões foram tomadas em Assembléias, onde a maioria dos participantes eram os cristãos engajados. E ultimamente, o 1º Sinodo Diocesano tenta repensar nossa transmissão de fé e propor caminhos pastorais que melhor atendam às necessidades do Povo de Deus presente na Baixada.

### UMA MAIORIDADE FELIZ E SOFRIDA

O anúncio e a denúncia profética, assumida pela Diocese, custou a D. Adriano.

um seqüestro, com espancamento e ameaças de morte, em 22 de setembro de 1976. E em 20 de dezembro de 1979 uma bomba destruiu o sacrário da catedral e profanou a Santíssima Eucaristia.

Mas se a Igreja mudou com a chegada do bispo em Nova Iguaçu e com o comprometimento da Diocese com a causa do povo bom e sofrido da Baixada, o mesmo não aconteceu a nível político e social. Segundo D. Adriano "a situação da Baixada continua a mesma. Há falta de segurança". E "o momento político brasileiro é "vergonhoso".

### A FESTA CONTINUA

No próximo ano mais duas comemorações marcarão a vida de Dom Adriano e da Diocese. No dia 18 de janeiro, o bispo faz 70 anos e em fevereiro celebra o seu jubileu de prata episcopal.

Toda a Diocese se une em orações e se alegra com seu bispo. Desejando que o Senhor o proteja, guarde e o conserve como pastor, irmão e guia de nossa Diocese e do povo da Baixada.



D. Adriano: 21 anos servindo a Baixada.

Sept 18 Can.

# Grande convocação diocesana contra a violência, em defesa da vida

DIA 18 DE SETEMBRO (DOMINGO):  
VIGÍLIAS EM TODAS AS COMUNIDADES



Cada uma de nossas paróquias e comunidades reunirá seu povo, convidará as outras igrejas evangélicas e as associações populares. É absolutamente urgente que nosso povo se reúna: para um dar coragem ao outro; para juntos irmos superando o medo; para clamarmos que somos a favor da vida, a favor de tudo o que sustenta e protege a vida. É nos reunindo e nos organizando, que seremos instrumentos do Deus Libertador, que nos mandou Seu Filho, para que todos tenhamos vida. Companheiros, vamos celebrar isso no dia 18 de setembro, em nossas comunidades e paróquias.

**E NO DIA 25 DE SETEMBRO**  
(Domingo), às 14:30 h  
**GRANDE CONCENTRAÇÃO**  
**DIOCESANA EM**  
**ENGENHEIRO PEDREIRA**  
Foi em Engenheiro Pedreira

que perpetrou-se aquela barbáridade que virou manchete em todos os jornais do mundo. Você acompanhou a notícia: pessoas foram fuziladas, mulheres foram desrespeitadas, crianças foram profanadas. Um crime inimaginável. Poucas vezes deve ter acontecido, no mundo, coisa tão monstruosa, violência tão grande, atrocidade tão gratuita. Tal coisa não pode passar sem uma reação nossa de Povo de Deus, Povo de Irmãos, Povo compassivo e comprometido com seus irmãos mais esbulhados de tudo.

Em nome da Diocese, estive na casa da monstruosidade. Em redor, naquele deserto, só famílias pobres, geralmente negras. Muitas daquelas pessoas devem ter visto algo, podem ter ouvido os tiros, os gritos dos homens e mulheres violentados. Mas ninguém fala nada, ninguém sabe, ninguém viu. Deu-me vontade de

gritar: "indignem-se, se revoltam, senão vocês vão continuar a ser transformados em ratos!" Mas aquelas famílias são totalmente indefesas, sem força ou garantia para o dever de denunciar e testemunhar.

Pois bem, como Diocese Católica, junto com as outras igrejas evangélicas e os outros grupos das pessoas de boa vontade, iremos ser vez e voz daqueles que não têm condições de aparecer e falar. Vai ser na praça central de Engenheiro Pedreira. O acesso é fácil pelo trem. Dá para todos chegarmos fácil lá. Convoque sua comunidade, companheiro. Vamos todos a Engenheiro Pedreira, no dia 25 de setembro (domingo), às 14:30 h, desagrar os olhos de nosso Deus, celebrar a vida, gritar que cremos na vida, e não na morte e em tudo aquilo que provoca destruição e morte, no Povo de Deus. (FLT)

## Covas mostra dados sobre condições sub-humanas no Brasil



*Todos unidos, as diferenças se aliando, nossas certezas na frente e luta pela justiça fraterna na mão, vamos dando nossos passinhos, na direção do mundo de paz.*

São Paulo (AGEN) — Em palestra na sede paulista da OAB, no último dia 27, o Senador Mário Covas, presidente do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), uma nova sigla surgida de dissidentes do PMDB, afirmou que "o pobre no Brasil vive em condições sub-humanas" não apenas nas regiões menos desenvolvidas, mas também nos grandes centros urbanos. Apresentou dados oficiais indicando que, em São Paulo, em 1983, a população favelada era de 414 mil pessoas e os residentes em moradias sub-humanas chegavam a 3.338 mil pessoas, ou seja, 45% do total do município. No mesmo ano, no Rio de Janeiro, havia 2 milhões de pessoas faveladas. No país como um todo, segundo os dados apresentados por Covas, há 35 milhões de famintos (com um déficit alimentar superior a 400 calorias por dia), 6 milhões de menores marginalizados, 12 milhões de favelados, 4 milhões de bóias-frias e 6 milhões de trabalhadores rurais sem terra. "Já nos anos 80 — disse o senador — o processo de internacionalização da economia, o privilégio para as aplicações financeiras e o atraso nas políticas

de reforma fundiária, foram, também, as causas do agravamento do quadro de carências absolutas de grande parcela da população".

Disse, em seguida, que em 1961, o país já possuía 27 milhões de desnutridos, ou seja, 38% da população consumia de 2.240 calorias por dia. O quadro hoje é dramático, havendo cerca de 86 milhões de desnutridos, ou seja, 65% da população. Isto explica a redução do tamanho das crianças, tanto no Nordeste, quanto nos bairros pobres de São Paulo. Já o salário-mínimo atingiu, no ano passado, segundo o senador, o seu mais baixo nível, desde que foi criado, estando, ainda, entre os mais baixos do mundo: 56 dólares no câmbio oficial e 39 no paralelo. "O que faz a pobreza ser diferente no Brasil é que nós somos campeões da desigualdade", disse Covas, destacando que se tomarmos como critério a parcela da renda nacional que os 10% mais ricos se apropriam, o Brasil ocupa um desonroso primeiro lugar. Em 1985, os 50% mais pobres no Brasil ganhavam apenas 13% da renda nacional, enquanto os 1% mais ricos ricavam com 14,4% dessa mesma renda.



Mauro Nascimento

Nas comunidades pobres da Baixada Fluminense as mães não têm com quem deixar os filhos para ir trabalhar e as crianças mais velhas é que cuidam dos menores



## IBGE pesquisa a cidadania

Pela primeira vez o IBGE fará pesquisa para traçar o perfil do cidadão brasileiro quanto ao uso da cidadania: o suplemento especial do PNDA (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio) irá a campo em outubro. Luís Armando Medeiros Frias, do Departamento de População do instituto, garante que são milhares de pessoas no Brasil, principalmente crianças, que não existem juridicamente. Sobre elas o instituto tem uma estatística de "registro tardio".

A última pesquisa sobre registro tardio ocorreu em 1985, quando nasceram no Brasil 4.047.458 crianças, das quais 2.619.604 foram registradas no mesmo ano. Nesse universo 454.335 são pessoas que nasceram em 1984 e fizeram o registro no ano seguinte. No Grande Rio, nesse mesmo ano, houve 219 mil nascimentos, dos quais 169 mil crianças se registraram no mesmo ano.

Do total 43.560 crianças foram registradas

depois dos 8 anos; 160 mil até 1 ano e meio; 103 mil até 2 anos e meio; 73 mil entre os 3 e os 4 anos; 59 mil dos 4 aos 5 anos; e 50 mil dos 6 aos 7 anos. Luís Armando diz que, com esse tempo todo em situação irregular, fica muito difícil saber quantas crianças morreram sem serem registrados nascimento e óbito. "Isso ocorre, não é segredo para ninguém. Cemitérios clandestinos existem na Baixada, no sertão nordestino, no Sul. A distância e a falta de informação ajudam nesse processo. Para o responsável não resta outra saída a não ser enterrar", diz Luís.

O funcionário do IBGE conta que, em época de eleição, o número de registros de nascimentos aumenta consideravelmente em todo o país. Segundo ele, porque os políticos se apressam em angariar votos e aí fazem política social. Como não há fiscalização nos cartórios, principalmente no interior, é difícil saber se os registros são repetidos. Para Luís, essas pessoas existem, o que lhes falta é cidadania.

## A multidão sem qualquer registro

A diretora de Promoção Social do município de Nova Iguaçu, Ana Maria Noronha, admite o problema das crianças que não existem juridicamente e elabora com a equipe da Secretaria de Saúde uma cartilha para conscientizar a população sobre a "importância da cidadania". Segundo a diretora, só em Nova Iguaçu há 400 mil crianças até 6 anos, de uma população aproximada de 1,7 milhão de pessoas.

A juíza de Menores Ilza Maria Guimarães disse que existem vários casos de crianças sem registro. "Carência, distância e falta de informação dificultam a retirada do registro",

afirma a juíza, a quem compete dar atestado de óbito e registro de nascimento. A assistente técnica da LBA Vera Lúcia Melo Martins informou que assistentes sociais procurarão, nos fins de semana, dirigentes de associações de moradores, para atender às pessoas que não tenham documentos e registrar crianças.

No cartório, bem em frente ao Fórum de Nova Iguaçu, são registradas aproximadamente 300 crianças, de acordo com um funcionário, mas ele acredita que pelo menos a metade deixa de ser registrada. Para fazer o registro da criança é necessário um documento da maternidade, duas testemunhas e pagar a taxa de Cz\$170. Depois de 15 dias para o registro, pai, mãe ou responsável terá de desembolsar o equivalente a 10% do salário-referência. "Em qualquer lugar do mundo, o registro civil é de graça; aqui é pago. Para quem não tem

nem o que comer, é preferível comprar pão a pagar a multa", diz o funcionário.

# Nada consta

Na Baixada, crianças não registradas só podem morrer com a autorização especial de um juiz

Tim Lopes

**E**las nascem, morrem e ninguém toma conhecimento. São crianças sem identidade, filhas do Brasil. E a situação é tão grave que a violência quase que institucionalizada atinge principalmente estas testemunhas infantis da própria miséria. Entre janeiro de 87 e julho deste ano morreram de forma violenta 306 menores nos municípios de Nova Iguaçu e de Caxias, na Baixada Fluminense. Muitos desses menores não tinham registro de nascimento e foram sepultados com autorização especial do juiz.

Este dado alarmante foi divulgado pelo presidente da Associação dos Ex-alunos da Funabem, Ivanir dos Santos, que elabora relatório sobre essa espécie de chacina coletiva para ser enviado à Defesa Internacional da Criança, um órgão consultivo da ONU, com sede em Genebra. Estes números foram colhidos nos institutos médicos legais dos dois municípios por ordem do secretário da Polícia Civil, Hélio Saboya.

"Aqui as crianças nascem como ratos, verdadeiras ninhadas", diz, indignada, Sada Barudi David, presidente do Conselho de Menores Carentes, da Cáritas Diocesana da igreja de Nova Iguaçu. E a grande queixa dela é que estas crianças simplesmente não existem oficialmente por não terem registro de nascimento. "Isso é o reflexo desta sociedade mesquinha, egoísta que não dá nenhum valor à vida", diz Sada que questiona: "Qual a cidadania do pobre? Quanto vale a vida dele? Não tem nome, não tem identidade, não tem casa, não tem salário."

A presidente da Associação de Moradores do Conjunto Boa Esperança, em Queimados, Ester Soares, perdeu a conta das vezes que deu seu sobrenome a crianças que nunca existiram oficialmente. "A falta de registro de nascimento é um escândalo. E aqui a todo o momento estão nascendo crianças, de crianças grávidas, meninas de 13, 14, 15 anos", diz Ester que toma conta de uma creche da associação onde 50 crianças chegam às 4h e saem às 17h. Na creche da Vila Olimpo, um lugarejo perto do conjunto Boa Esperança, Vilma dos Santos, cuidou de 300 crianças. Hoje, é responsável pela metade. "Eu digo para pararem de ter filhos. Mas elas reclamam que não podem dizer não aos maridos porque eles desconfiam que estão sendo traídos", explica.

Ingrid, Jonatas, Raquel, Westeley, Va-

nessa, Erland e Jeferson são alguns nomes dados às crianças. A própria Ester achou por bem *Batizar* de Janaína a menina de aproximadamente 2 anos que chegou com o nome de Ingrid. "Não pode essa brasileira, aqui de Queimados, negra ter um nome de branco", justificou. E contou da *via crucis* que passou no início do ano quando uma criança morreu e para enterrá-la demorou quatro dias até conseguir um atestado de óbito do juiz de menores. "Ainda eu escutei ele dizendo: se não há registro de nascimento como vou dar o de óbito", disse ela.

Mas o que mais impressiona as líderes comunitárias é a carência tanto afetiva quanto alimentar. As crianças das duas creches em Queimados vibram quando aparece alguma ambulância. Uma menino, de 6 anos, disse que adora ir para o hospital porque tem cama limpa, maçã só para ele e prato de comida que não precisa dividir com ninguém. Tanto Ester quanto Vilma que fazem este tipo de trabalho como voluntárias culpam não só a sociedade como o homem: "Somos todos culpados, mas é a mulher que segura a barriga, o filho quando nasce e ainda leva a fama de prostituta enquanto o homem só deita na cama", protesta Ester.

A pedagoga Angela Maria Monteiro de Castro, da Pastoral do Menor de São João de Meriti, diz que o pior dia da creche é a sexta-feira quando as crianças têm que ir para casa. Elas cometem atos de indisciplina e pequenas violências, simplesmente não querem voltar para suas casas. "Aqui tenho comida e o colo da tia. Em casa a gente fica com fome e o pai ainda bate na gente", diz uma das crianças. São 63 crianças entre 3 e 14 anos que passam o dia inteiro na creche e, muitas delas, sem registro de nascimento. "Elas não têm cidadania, não existem oficialmente", diz a pedagoga.

JORNAL DO BRASIL  
1988  
Pág. 05

JORNAL DO BRASIL  
Data: 08/09/88  
Caderno: Pág. 05

### OAB apontou falência da Justiça na região

Depois da morte do padre Josimo, que provocou a ida do chefe do Departamento de Polícia Federal, Romeu Tuma, a Imperatriz e a interferência do ministro da Justiça, Paulo Brossard, a OAB (Ordem dos Advogados do Brasil) apresentou um relatório sobre a situação da Justiça na região do Bico do Papagaio, onde se encontram as divisas dos estados do Pará, Maranhão e Goiás.

Nesse relatório, citado pelo documento da Anistia Internacional, a OAB afirma que, "sem qualquer sombra de dúvida, o Poder Judiciário está absolutamente falido, impossibilitado de cumprir sua missão constitucional". E enumera alguns exemplos da forma como os responsáveis pelos assassinatos escapam da Justiça. É um verdadeiro manual de burlas e artifícios para desrespeitar a lei, em alguns casos, patrocinados ou coonestados por instâncias superiores do Judiciário.

Em primeiro lugar, o crime não é registrado e o inquérito não é aberto; as investigações no local do crime e as autópsias não são realizadas; os inquéritos são mal conduzidos, de forma a obstruir o processo judicial; os documentos do caso se extraviam; a polícia não prende os suspeitos, embora às vezes eles vivam e sejam vistos na área; os limites estaduais são usadas como desculpa para não prender os suspeitos; pistoleiros escapam da prisão preventiva, aparentemente com ajuda da Justiça; não há investigações sobre os que contrataram o crime; as autoridades estaduais não respondem aos pedidos de assistência técnica ou material feita por juízes municipais; promotores e juízes que se empenham em resolver os casos são transferidos; distritos judiciais são deixados vagos e os casos passam de tribunal para tribunal e nunca chegam ao tribunal do júri, que julga os crimes contra a vida.

8-9-88  
M





JORNAL DA MANHÃ  
1988  
30



30. Sep. 1988

FOLHA DE S. PAULO

# Eleição na Baixada Fluminense vai ser um duelo entre Ulysses e Brizola

POLARIZ

NERI VITOR EICH  
Da Sucursal do Rio

A campanha eleitoral na Baixada Fluminense — região mais carente do Estado do Rio e mais violenta do país em áreas metropolitanas — funcionará este ano como um ensaio da disputa pela Presidência da República em 1989 entre os candidatos do PMDB, Ulysses Guimarães, e do PDT, Leonel Brizola. Ambos farão visitas à região, a pretexto de dar força aos candidatos de seus partidos às câmaras e prefeituras de Nova Iguaçu, Duque de Caxias, Nilópolis e São João do Meriti.

Reduto do PDT nas eleições de 1982 e 1985, a Baixada possui mais de 1,3 milhão de eleitores, quase 25% do colégio eleitoral do Estado, divididos entre o ex-governador Brizola e o governador Moreira Franco (PMDB) desde 1986. Mais animada do que no Rio, a campanha na Baixada já conta com a imagem e o nome de Brizola na propaganda pedetista em cartazes de rua e vidros de automóveis. Além disso, o ex-governador está preparando um roteiro de seis visitas à região.

A primeira visita de Ulysses à Baixada está sendo acertada entre Ernani Boldrin — candidato do PMDB à Prefeitura de Nova Iguaçu com o apoio do PCB, PC do B, Pasart e PJ — e o ex-ministro da Previdência Renato Archer, organizador da viagem de campanha que o presidente do PMDB fará pelo país. A primeira visita de Moreira será no início de outubro, para inaugurar um hospital em Nova Iguaçu com o ministro da Previdência, Jader Barbalho.

Já o presidente Sarney não possui grande prestígio como cabo eleitoral. "Este aí não dá voto a ninguém", diz Boldrin, evitando ser fotografado sob um retrato do presidente. Primeiro nas pesquisas, Boldrin afirma que se for eleito será "um continuador" do trabalho do interventor no município, Francisco Amaral. Vice-governador, Amaral é o grande eleitor de Moreira graças a seus vínculos com os movimentos comunitários e com o bispo de Nova Iguaçu, d. Adriano Hipólito.

Nas ruas, o nome de Brizola



O município de Nova Iguaçu

aparece sempre ao lado das palavras "Brasília", "Planalto", "presidente", "esperança", e "salvação". Do mesmo teor é o slogan do candidato do PDT à Prefeitura de Nova Iguaçu, Aluisio Gama, terceiro no páreo: "Com Deus a nossa inspiração, com o povo a participação e com Brizola a única esperança", diz ele em seu comitê, entre um crucifixo e uma foto do ex-governador. Para polarizar com Boldrin, Gama terá que superar antes o segundo colocado, José Tavora, da Frente Trabalhista Liberal (PTB, PFL, PDS, PMC, PSC, PSD, PNA, PSP, PTN e PSDB), e não pode ignorar Sotero Cunha (PDC).

Em Duque de Caxias, a campanha não chega a polarizar-se entre Moreira e Brizola. Ali o favorito, Hydeckel de Freitas (PFL), com 59%, está muito distante dos demais, inclusive do pedetista Jardanes de Oliveira. Em Nilópolis, porém, o deputado Jorge David (PFL-PMDB-PL-PTR), primeiro colocado, afirma: "Meu adversário aqui é o Brizola", numa referência ao uso do nome de Brizola por José Gouveia Filho (PDT-PTB).

## Violência na Baixada diminui, diz interventor

Da Sucursal do Rio

O vice-governador do Rio de Janeiro, Francisco Amaral (PMDB), interventor na Prefeitura Nova Iguaçu, afirma que a violência na Baixada Fluminense diminuiu desde que ele passou a presidir a Comissão Especial de Apuração de Crimes dos Grupos de Extermínio. Com a abertura de 40 processos e a prisão de envolvidos em três matanças, estes grupos, segundo Amaral, mudaram de ramo ou de endereço.

"Eles se transferiram para Niterói e São Gonçalo (do outro lado da Baía de Guanabara), onde também estão sendo desmantelados. Paralelamente, aumentaram na Baixada os assaltos a bancos", diz o interventor. Logo após a posse do interventor, a 1º de agosto, houve em Nova Iguaçu um triplice assas-

sinato. Um dos mortos era Marcos Galindo, genro do prefeito afastado, Paulo Leone (PDT).

Nenhum dos grandes jornais do Rio noticiou o debate dos dias 9 e 10, promovido pelo diário "O Pontual", entre os nove candidatos à Prefeitura de Nova Iguaçu, apesar de ser este o segundo maior colégio eleitoral do interior do Estado, com 631.212 eleitores.

Mas vários desses jornais enviaram fotógrafos a Belford Roxo (distrito de Nova Iguaçu) quando, meses atrás, o dono de um bar afixou uma tableta dizendo: "Cuidado, Belford Roxo", avisando os motoristas para não tomarem adiante uma estrada sem retorno.

A Baixada Fluminense sempre foi considerada o paraíso dos grupos de extermínio (ou esquadrões da morte).



na Baixada Fluminense, um dos mais populosos do Estado do Rio

## Franceses elogiam o plano de combate a enchentes da Baixada

04 de fev. 1988

SÃO PAULO — Técnicos da Associação Mundial das Grandes Metrópoles, entidade criada em 1984 para estudar os problemas comuns às grandes regiões urbanas, os franceses Alain Le Saux e Claude Gilbert, especialistas em problemas de "riscos maiores" — inundações, desabamentos, acidentes industriais e problemas epidemiológicos — estiveram no município de Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense (RJ), onde apontaram um exemplo a ser seguido. "Lá foi feito um dos programas mais completos para enfrentar um problema de risco maior", elogia o engenheiro civil Le Saux, ao comentar um plano de combate às enchentes na cidade, desenvolvido pelo subsecretário de Assuntos Fundiários do estado do Rio de Janeiro, Marcio Müller Souza. "Foi feito um dossiê detalhado que serviu de base para um pedido de financiamento ao Banco Mundial", explicou.

Impressionados com o tamanho de Nova Iguaçu — "um milhão de habitantes, na França seria a segunda cidade do país", assombra-se o cientista político Gilbert —, os franceses consideram o problema das enchentes na cidade fruto de um crescimento selvagem. "Há 20 anos, quando era uma zona rural, os escoadouros naturais eram suficientes", diz Le Saux. "Hoje a situação só pode ser solucionada através da reordenação do uso do solo", avalia o engenheiro, lembrando que o plano prevê um cronograma de ação e várias alternativas para o desenvolvimento da cidade.

Os franceses estão no Brasil com o objetivo de prepararem-se para a reunião do conselho de administração da Associação Mundial das Grandes Metrópoles, que acontecerá no próximo ano, em Casablanca, no Marrocos. Na reunião, o engenheiro Le Saux fará uma exposição sobre Nova Iguaçu. "A cidade tem um grande valor para análise pela sua escala habitacional e pela relação entre os custos de um problema de risco maior, sempre muito grandes, e os de prevenção desses problemas, no caso, muito baratos", explicou Le Saux sem especificar os números.

O cientista político Claude Gilbert se interessa por outro lado da questão. "Num trabalho de reconstrução existe a possibilidade de se reafirmar a identidade coletiva", diz Gilbert, que começou a se interessar por esse aspecto em 1985, quando presenciou o grande terremoto da cidade do México. "No fundo, a existência de um problema de risco maior é um dos fatores do surgimento de um sentimento de bem comum", argumentou.

Ambos concordam que os chamados riscos maiores atingem principalmente a população de baixa renda. No entanto, apesar de considerarem que as questões sócio-econômicas estão interligadas com o enfrentamento dos riscos maiores, eles chamam atenção para uma diferença fundamental. "Sobre o problema de riscos maiores não há debate", afirma o engenheiro Le Saux. "É um problema que permanece mascarado na sociedade e afeta o direito básico de existência" conclui o cientista político Gilbert.

14/12/88 Cam

## Ocupações de terra e justiça social

PALAVRA DO BISPO Adriano, Bispo Diocesano

**E**m nossa Diocese, em nosso Estado do Rio de Janeiro, em todo o Brasil têm acontecido inúmeros casos de ocupações ou invasões de terras abandonadas, tanto do Governo como de particulares.

Por que acontecem as ocupações?

O motivo mais profundo é a insegurança social, é a crise econômica, e a recessão que tomou conta do Brasil nos últimos tempos. O Povo humilde dos assalariados, que recebem de um a dois salários-mínimos, vê-se obrigado a fazer funcionar seus humildes e pacíficos instrumentos de defesa.

Que instrumentos são estes?

Muitos operários fazem bistates em sábados e domingos, assumem horas-extras, vendem as férias. Em muitas famílias de operários as mulheres assumem também toda espécie de trabalho, para fortalecerem o orçamento familiar. E não são raros os casos de colocarem também os filhos, em tenra idade, a fazer toda espécie de trabalhos.

Esses instrumentos não bastam para enfrentar os constantes aumentos de aluguel, de gêneros alimentícios, de serviços públicos, de escola, de remédios, de roupas. Os aumentos salariais são sempre inferiores à taxa oficial de inflação, uma taxa média que não corresponde à realidade concreta do trabalhador assalariado. Daí por que, na fantasia criadora do pobre, ele procura descobrir outros instrumentos de compensação e de defesa.

Em nossa região muitíssimos operários vieram das zonas agrícolas do país: do Norte fluminense, do Espírito Santo, de Minas Gerais e, sobretudo, do Nordeste. Vieram tentar a sorte. Vieram atraídos pelas condições mais humanas de vida, que nunca encontraram no atraso feudal das regiões agrícolas. Como se trata, geralmente, de operários sem qualificação profissional, a maioria acaba na construção civil. Acontece a recessão, ao sabor das medidas improvisadas do Governo que nunca sabe muito bem o que quer: esses operários são jogados na rua da amargura. Moram nos bairros da periferia, do Grande Rio. E aqui vêm com olhos gulosos as muitas terras abandonadas, antigas fazendas de café ou laranjais, hoje entregues ao mato ou a algumas cabeças de gado. Terras que, sem cultura, causam enorme prejuízo à economia nacional. Que surpresa ver com os olhos gulosos de terra boa, e com o coração oprimido pela miséria crescente se acendem de desejos: ocupar a terra abandonada, seja de quem for, e pelo trabalho produtivo levar a fartura aonde só existia a carência?

O Povo humilde que ocupa áreas abandonadas, quer trabalhar. Quer, pelo trabalho, sobreviver dignamente. Quer, pelo tamanho das terras abandonadas, fomentar a produção de gêneros alimentícios para si e para os outros. Quer, pelo casamento da semente com a terra, contribuir para o progresso do Brasil.

Contra estes irmãos nossos, homens e mulheres que ocupam terras abandonadas sem pesar nada ao Estado, justamente porque não querem pesar sobre a sociedade, cai, esmagador, o pedo da propriedade privada, mal entendida, acionado pela Justiça antiquada, pela polícia acionada pela Justiça dos homens, e pelos jagunços alugados ou forçados pelos grandes proprietários. Contra o irmão pequeno, com o qual se identifica Jesus Cristo (basta reler o capítulo 25 do Evangelho de S. Mateus), se aliam violentas e solidárias as elites do poder: Justiça, Polícia, proprietários, empresários, grandes jornais e revistas, televisão e rádio.

Se visitarmos uma dessas ocupações, logo no início, veremos no rosto sofrido destes irmãos e irmãs nossos, filhos do mesmo Pai, mas cidadãos de segunda ou terceira classe a alegria dos puros e a esperança dos profetas. Por que não ajudá-los na procura de uma solução justa e cristã? Humana e social?

Zu Gast von Fastenopfer/Brot für Brüder: Bischof Adriano Hypólito

Symbol der Hoffnung für die Slum-Bewohner

Die Aktion 1988 von Fastenopfer und Brot für Brüder steht unter dem Motto "Begegnung" wiederum im Zeichen der Menschenrechte. Deshalb wurden einige Männer und Frauen in die Schweiz eingeladen, die sich aus dem christlichen Glauben heraus für die Menschenrechte stark machen. Einer von ihnen ist Bischof Adriano Hypólito aus der Millionenstadt Nova Iguaçu, Brasilien. Bischof Hypólito ist ein Projektpartner des Fastenopfers.

*Sie sind auch in Europa bekannt als ein besonders engagierter Bischof, als ein Symbol der Hoffnung für die Slum-Bewohner von Nova Iguaçu. Welche Motivation steht hinter Ihrem Einsatz für die Menschenrechte?*

Es ist in erster Linie die christliche Ueberzeugung, dass wir alle Kinder Gottes und deshalb Brüder und Schwestern sind. Dieser Gedanke gibt mir Kraft zum Durchhalten, gerade auch im Kampf gegen die Mächtigen im Lande, die das Volk vernachlässigen. Denn es ist ja so, dass die sozialen Strukturen dieselben geblieben sind wie zur Zeit der Diktatur. An der Kluft zwischen arm und reich hat sich kaum etwas geändert, ja sie ist sogar noch vertieft worden.

*Bei Ihnen kommt sicher noch hinzu, dass Sie Franziskaner sind?*

Ganz bestimmt! Bei Franz von Assisi stand ja der Gedanke der Brüderlichkeit und Schwesterlichkeit aller Menschen ganz und gar im Vordergrund. Er wollte eine Gemeinschaft, eine Familie. Als Franziskaner kann man wohl nicht anders, als sich für die Armen und Entrechteten einzusetzen.

*Wobei es sicher viele Niederlagen einzustecken gibt. Nennen Sie aber bitte ein paar erfolgreiche Aktionen!*

Für uns gibt es zwei grosse Herausforderungen: die Wohnpolitik und die Bodenpolitik der Regierung. - Zur Wohnpolitik. Sie war anfangs gut gemeint. Die Regierung hatte in das Wohnbau-Programm mit Banken-

geld viel investiert. Dann aber stiegen die Mieten viel schneller als die Löhne. Wer nicht bezahlen kann fliegt raus, hiess es. Die Banken nehmen da keine Rücksicht. Nun schaltete sich die Kirche ein. Zusammen mit ein paar Betroffenen führen ich und Vertreter der "Kommission für Gerechtigkeit und Frieden" in die Hauptstadt Brasilia. Wir wurden vom zuständigen Minister empfangen, unterbreiteten unsere Vorschläge und konnten uns über die Finanzierung weitgehend einigen. Die meisten durften in ihren Häusern bleiben.

*Und zur Bodenpolitik?*

Das ist die Geschichte mit den Landbesetzungen. Durch die Rezession der vergangenen Jahre wurden viele Bauarbeiter, die einst vom Land in die Stadt gezogen waren arbeits- und brotlos. Tausende wurden entlassen. Sie wollten wieder zur Scholle zurückkehren. Dann mussten sie sehen, wie gewaltige Ländereien (Latifundien) einfach brach lagen. Es kam zu Landbesetzungen und damit zu Konflikten. Wir von der Kirche versuchten zu vermitteln. Nicht selten hatten wir auch hier Erfolg. Das gibt uns Mut und Elan für unser Engagement.

*Was bedeutet für Sie die Hilfe aus dem Ausland, zum Beispiel des Fastenöpfers?*

Das Fastenopfer unterstützt seit Jahren ein Wohnbauprogramm für unsere Slumbewohner. Es geht um Beiträge an allereinfachste Grundelemente - Fundament, Mauern, Dach - die sofort bezogen und später je nach Bedarf und Möglichkeiten weiter ausgebaut werden. Ich bin für diese Hilfe sehr dankbar. Die Projektfinanzierung aus dem Ausland muss weitergehen. Sie bringt uns eine grössere Unabhängigkeit von den Mächtigen in Politik und Wirtschaft. Diese Unabhängigkeit bedeutet uns viel.

Mit roter Farbe überschmiert

Bischof Adriano Hypólito, 70 Jahre alt, war früher Lehrer in einem Priesterseminar. Die Ausbildung war, wie er sagt, elitär und individualistisch. Die gewaltigen sozialen Probleme wurden ausgeklammert. 1966 erfolgte die Ernennung zum Bischof von Nova Iguaçu. Das gnadenlose Elend hier öffnete dem einstigen Professor mit einem Mal die Augen. "Die Armen haben mich bekehrt". Seither ist für ihn klar: "Das Sozialengagement ist eine ganz natürliche Folge aus dem Glauben." Adriano Hypólito gilt als einer der markantesten Bischöfe Brasiliens. Wegen seines Einsatzes für die Armen wurde er einmal entführt, entblösst, verprügelt, mit roter Farbe überschmiert und auf der Strasse liegen gelassen. Hinter der Tat stand der Armeegeheimdienst.

Luzern, 11.1.1988 MD/pn

1. EMERGÊNCIA É EMERGÊNCIA! Nunca estamos perfeitamente preparados para emergências. O imprevisível faz parte de sua definição. Daí que, quando elas inesperadamente, acontecem, os primeiros enfrentamentos costumam ser inicialmente descoordenados. Foi o que se passou conosco, diocese de Nova Iguaçu, no caso das últimas enchentes. Passada, porém, a surpresa e superados os primeiros açoitamentos, temos de reconhecer, sem falsa modéstia, que marcamos uns pontinhos: com radicalidade evangélica e emocionada fidelidade ao povo pobre da Baixada, as comunidades atingidas assumiram as dores e a indignação das famílias, cuja miséria foi agravada e mostrada pelas enchentes.
2. CALAMIDADE NÃO É A CHUVA! Ora, como nossa carta ao Governador afirma, a chuva é fenômeno natural, previsível e útil. A água é um dos preciosos dons de Deus. São Francisco, no Cântico do Sol, louva o Pai pela Irmã Água, tão útil, preciosa e casta! O grande problema, no caso da Baixada, é a falta de água: a água boa, tratada, encanada, ao alcance de todos. Quem causou a tragédia das últimas semanas e mantém ainda tantas famílias desabrigadas foi o abandono continuado da Baixada Fluminense, pelos Poderes Públicos. Nossa Baixada é sintoma da iníqua realidade social brasileira. Somos periféricos, socialmente insignificantes, sem importância nacional, apenas usados como força de trabalho, abundante, rotativa e barata, aumentando a riqueza dos ricos, à custa do aumento de nossa miséria.
3. PARECE QUE DEMOS PASSOS À FRENTE! Fomos, pelos resultados da enchente, colocados no dilema entre a compaixão e a indignação; entre socorrer os casos individuais e denunciar os fatores sociais; entre distribuir donativos e cobrar profeticamente os direitos negados desta população. Prevaleceu a síntese, que, neste caso, há que ter sido o caminho mais evangélico; clamar contra a insensibilidade, inoperância e até corrupção de muitos de nossos homens públicos. Exigir deles a concretização do bem comum, o qual, na sociedade brasileira, há que ser a socialização dos bens e direitos necessários à vida de todos. Entrevistar-se com os governantes, usar de franqueza com eles. Tudo isso sem passar ao largo do "homem caído à beira da estrada". À custa de tantas incompreensões e desconfortos, as paróquias atingidas, sobretudo elas, aceitaram coordenar o repasse da comida para os que ficaram jogados morrendo de fome.
4. OCASIÃO DE MUITAS AVALIAÇÕES. Reconhecemos, em nossa autocrítica: a opção pelos pobres é bem mais fácil e confortadora, quando mantida nas comportas da teoria ou da prédica. Vimos e sentimos e reconhecemos: situações e momentos em que a miséria concreta se explicita são profundamente desinstaladoras, também para nós, profissionais da Igreja, entusiastas da teologia da libertação. Avaliação boa é sobre tudo auto-avaliação: avaliação de si mesmo, das próprias experiências, de nossos acertos e erros, do que aprendemos e podemos oferecer, para animação de nossos irmãos e companheiros. Na Igreja, cuja essência é fraternidade e onde avaliação é não apagar a tocha que fumeja, temos de prestar atenção: não levam a nada avaliações que tribunalizam os companheiros, que desanimam os que estão juntos na luta, ou que servem para afastar as pessoas e aprofundar eventuais divisões. No caso em pauta, temos certeza, a explicitação de nossos conflitos e contradições servirá para fortalecermos a unidade, na certeza de uma coisa: o real inimigo não é o companheiro, é outro e está mais longe!
5. MEIOS DE COMUNICAÇÃO COERENTES COM SEUS OBJETIVOS. Quais são estes objetivos? Ora os interesses particulares! Nossos jornais, rádios e televisões representam grandes empresas. Como sabemos, empresas não têm ideais mas interesses: lucrar, crescer, vencer a concorrência. Aí, foi-se o compromisso fundamental com a informação: a informação veraz que ajuda nosso povo a situar-se, a entender, a mobilizar-se, a ter força, a influir na condução da coisa pública. No caso das enchentes, os meios de comunicação cometeram mais do que sete pecados capitais: emocionalizaram a situação, isolaram a situação do contexto e da real história que a produziu e agravou; como se a Baixada, o resto do ano, fosse um mar de rosas; deram a impressão de o governo estar resolvendo o problema através de donativos caridosos; deram a impressão de que os donativos eram mais abundantes do que realmente foram.
6. BAIXADA, PONHA-SE NO SEU LUGAR. E por aí fora foram se multiplicando os pecados de nossos meios de comunicação social. Eles privilegiaram os lugares mais nobres, nos noticiários. Em certo momento, só falavam, por exemplo, em Petrópolis. A Baixada foi omitida, como se as coisas aqui estivessem solucionadas. Televisões, jornais e rádios assumiram a clamorosa mentira da esmola como solução dos problemas sociais.

cial brasileiro, que é grave e clamorosa. A emoção dá e desaparece. Surge, é bolinada e fica só até aparecer a emoção seguinte. Emotividade pode ser apenas artigo de consumo e auto-gratificação psicológica.

7. COMUNIDADE ECLESIAL E MOVIMENTO POPULAR. As enchentes foram ocasião para vermos a inadiável precisão de somarmos forças. Igreja é igreja e Movimento Popular é movimento popular. Uma e outro possuem objetivos fundamentais diferentes. A Igreja anima, alimenta, encoraja, fundamenta a luta; depois, envia seus fiéis ao mundo. No mundo, é o povo organizado que dá seus passos na conquista da cidadania. Isso de forma democrática, pluralista, ecumênica, todos irmãos, com nossas diferenças. Ninguém precisando renunciar à sua especificidade. No atropelo das últimas enchentes, nossas comunidades eclesiais estiveram bem conscientes: a igreja não pode atropelar o movimento popular; nem substituí-lo nem desanimá-lo com cobranças exageradas. Não podemos cobrar do incipiente e indefeso Movimento Popular, em Nova Iguaçu, o que não costumamos cobrar de nós mesmos, como Igreja.
8. NÃO PERDER DE VISTA NOSSO TELhado DE VIDRO! Olhar para a história nos torna mais humildes. Nós, como Igreja, somos (já fomos muito mais!) corresponsáveis pela situação de passividade e impotência, à qual nosso povo foi historicamente reduzido. Precisamos ter cuidado perante atitudes de cristãos novos, cobrando e cobrando uma pureza de intenções e atitudes sociais que nós mesmos, como Igreja, não assumimos. Nossa Diocese, como fruto da explicitação de nossas contradições internas aparecidas na tragédia das enchentes, tem formidável missão diante de si: reforçar o Movimento Popular, animar os grupinhos das Associações de Moradores, alimentar espiritualmente nossa gente para que assuma a luta política. Ser a formadora e enviada de reais cristãos, comprometidos ativamente na caminhada libertadora de nossa população. Podemos passar a funcionar como verdadeiro fator de ressurreição e fortalecimento dos processos e organismos próprios para a mobilização deste povo.
9. SATANIZAR AS PESSOAS NÃO LEVA A NADA. É o caso da velha expressão popular: é preciso distinguir o pecado do pecador. Mais ainda: a humanidade não é dividida maniqueístamente entre puros, de um lado, e impuros do outro. Nós seríamos os puros e bem intencionados. Os políticos seriam todos corruptos e interesseiros. Prestariamos mau serviço, assumindo e repassando a satanização da política. Não é a Igreja mas a Política a condutora e produtora do bem comum. Continuaremos a conscientizar, persistiremos nas veementes cobranças aos homens públicos, reduzi-los-emos ao real papel que eles receberam de ser nossos representantes e funcionários. Denunciaremos a sacralização do poder pelo poder. Mas queremos, para não sermos ingenuos ou ahistóricos, incentivar e reconhecer aqueles políticos, cuja história pessoal os mostra terem estado sempre ao lado das causas populares. Isso independente de qualquer partido, facção ou ideologia ou simpatias pessoais.
10. CONVOCAÇÃO:
  - Próxima terça-feira (dia 15 de março)
  - no Centro de Formação de Moquetã
  - às 08,30 horas da manhã
  - Assembléia dos Agentes de Pastoral e do Movimento Popular
  - sobre os próximos encaminhamentos do problema das enchentes, dos desabrigados e outras vítimas da catástrofe.
  - SINTA-SE CONVIDADO E COMPAREÇA!

Nova Iguaçu, março de 1988.

Na ausência do bispo diocesano, viajando a serviço da Igreja, a Diocese de Nova Iguaçu, na pessoa de seus padres, irmãs religiosas, agentes de pastoral e dos movimentos populares, padece presentemente a situação dos desabrigados e tantas outras vítimas locais das últimas enchentes. Paremos com a ingenuidade, blasfêmia ou má fé interessada, que referem a castigos divinos os estragos das chuvas. As chuvas são fenômenos naturais, que acontecem em qualquer parte do mundo, com previsível intensidade e aproveitáveis resultados. A transformação da chuva em flagelo foi gerada pela situação de completo abandono, em que tem sido diuturnamente obrigado a vegetar a população da Baixada Fluminense. Muito mais do que as presentes águas, vem literalmente destruindo nosso povo, em verdadeiro genocídio físico e moral, a irresponsabilidade administrativa, com que sempre foi tratada esta nossa periferia urbana.

Neste quadro de abandono geral, a Diocese de Nova Iguaçu, juntamente com os setores comprometidos do Movimento Popular, quer oferecer-se para ser voz deste povo, que nunca é ouvido e levado a sério pelas autoridades, a não ser em períodos de demagogia eleitoral. Neste sentido, estamos tentando chegar até o Governador do Estado mas, até o momento, não nos foi dada esta condição. Através desta correspondência, queremos levar ao conhecimento do povo da Baixada Fluminense, especialmente de nossas Comunidades e Movimentos Populares, o que iremos dizer ao governador, quando ele aceitar a solicitação de nos ouvir:

Sr. Governador:

A Igreja de Nova Iguaçu, através das Paróquias atingidas pelas últimas enchentes, colocou-se a serviço do povo, fazendo o que pode para aliviar o seu sofrimento. Dirigimo-nos ao senhor, como representante e responsável último de todos os Poderes Públicos de nosso Estado. Os que aqui vivemos e lutamos é que sabemos: a Baixada Fluminense, apesar de todas as promessas, apesar de todas as placas e outdoors propagandísticos, continua anos luz de distância da Administração Pública. O povão mais simples está sabendo: fala-se de chuva, põe-se a culpa nas enchentes, a fim de desviar a atenção dos reais produtores da catástrofe.

Não aceitamos que se rompa o silêncio no que diz respeito à Baixada Fluminense por ocasião das enchentes e outros fatos igualmente escabrosos. Não é de hoje que este povo vem sendo destruído em seu corpo, em sua alma, em seus valores familiares, em seu substrato de dignidade. Tal vem sucedendo, entre outras causas, devido ao abandono a que foi reduzido, à vida carente e indigna a que é forçado, à insignificância social em que é mantido, à irresponsabilidade de nossas elites dirigentes, ao mau exemplo das grandes e impunes corrupções, à insensibilidade cínica e aproveitadora de muitos de nossos políticos.

Nesta carta, queremos denunciar a situação em que tem vivido permanentemente a Baixada Fluminense. As chuvas das últimas semanas só fizeram agravar o quadro miserável e abandonado de sempre. Denunciamos as dezenas de milhares de vida que as enchentes, destruindo seus pertences, tornaram mais indignas ainda. Denunciamos a responsabilidade ou irresponsabilidade daqueles pelas dezenas de mortes provocadas pelas enchentes e pelas epidemias delas decorrentes. Denunciamos a destruição de tantas famílias, que ficaram destituídas dos lares que abrigavam sua privacidade familiar. Denunciamos todas as etapas, produzidas ou simplesmente aceitas pelos Poderes Públicos, que foram levando nosso povo à situação de mendicância, pobre disputando com pobre, pobre arrebatando de pobre os míseros quilogramas de trombeteadas esmoladas.

Denunciamos os meios de comunicação, cuja dinâmica visivelmente propelida pelos interesses particulares, percorreram muitos dos caminhos da cínica hipocrisia: não denunciando os reais fatores que produzem, no momento, a destruição da vida de nosso povo; levando o sério problema para o terreno das emotividades fáceis e passageiras; entrando na onda da caridade, no sentido menor da palavra, como solução de nossos históricos problemas sociais; criando falsas expectativas com anúncios exagerados de auxílios; silenciando o sofrimento das populações da Baixada, para privilegiar as áreas mais nobres, em seus noticiários; perdendo a formidável ocasião para esclarecer o povo que o problema não são as chuvas, mas o modelo brasileiro de acumulação de riqueza nas mãos das elites minoritárias, às custas do suor, da indignidade existencial e da própria vida do povão jogado nas periferias.

Nós, da Baixada Fluminense, fazemos questão de demistificar a formidável empulhação, proferida subliminamente nos meios de comunicação de que os Governantes estão r...



povo caindo, mais uma vez do pau-de-sebo da cidadania, na situação de mendicância como solução de sua miséria. Se quisermos argumentos para isso, basta olharmos que a própria UDR, inimiga máxima da emancipação popular e da socialização distributiva dos bens necessários a todos, engajou-se, de corpo e alma, na campanha de auxílios como resposta aos problemas da miséria, agravados nas últimas enchentes. É o cinismo, a obtusidade e a cegueira diuturna de nossas elites, É o povão sofredor privado também de quem dele se ompadeça.

Após tantas denúncias que podiam ser multiplicadas, queremos fazer algumas perguntas ao Sr. Governador: O que está se fazendo em nível de Poder Público, para enfrentar efetivamente o problema dos desabrigados e de todos os outros miseráveis da Baixada Fluminense, que tiveram sua miséria ainda mais agravada? O que se vai fazer realmente, como resposta responsável e duradoura aos problemas desta gente? Como vai ser encaminhado pelo Poder Público o problema das famílias que tiveram suas casas destruídas e cuja destruição é também responsabilidade do Estado? Onde foi ou está sendo realizado o Plano de Saneamento da Baixada Fluminense, que afixou tantas propagandas nas ruas? Por que o Plano do Governo para dragagem dos rios e canais, na Baixada, deixou de fora exatamente as áreas, que nesta e nas outras vezes, foram as mais atingidas pelas enchentes e tiveram maior número de desabrigados?

O que será feito com os desabrigados, alojados presentemente nas igrejas, colégios e outros postos montados em caráter de emergência? E as casas populares, que seriam destinadas aos desabrigados? Em que locais elas serão construídas? Quais são as verbas destinadas a este projeto? Quando estas casas populares começarão a ser construídas? Como vai ser encaminhado, de fato, o problema de saúde da população, que teve gente morrendo nos salões paroquiais, por falta de assistência?

Na vontade de servir ao povo, nos dispusemos a fazer distribuição de auxílios vindos de fora. Diga-se de passagem, com muito lixo e muita porcaria no meio. Como é impossível solucionar o problema social através da caridade pública, como é impossível substituir a dinâmica do mercado pela marasma da esmola como caminho para nossa sobrevivência material, muita gente extravasou em cima de nós a ira e revolta que deviam ser dirigidos aos verdadeiros responsáveis pelas carências de nosso povo. Muitas das insinuações baladas nos meios de comunicação simplesmente se abstiveram de comparecer. Ficaram só na propaganda.

Mesmo à custa de nossa participação no sofrimento do povo, não iremos perder o pique da luta. Assumiremos, cada vez mais, a missão martirial de sermos voz deste povo privado de voz. Nada nos fará recuar de nosso engajamento. Viemos cobrar o direito que temos de respostas pertinentes, da parte daqueles que nós colocamos com nossos representantes. Queremos ouvir do senhor aquilo que, com toda franqueza, iremos repassar, por todos os meios ao nosso alcance, ao povo de nossas comunidades e de toda a nossa Baixada Fluminense.

P. Agostinho Pretto - Vigário Geral

P. Renato Stomak - Coordenador de Pastoral

Conselho Presbiteral de Nova Iguaçu  
Presbitério Diocesano de Nova Iguaçu

Vigários e Regentes de Paróquias

Agentes Pastorais e agentes engajados nos movimentos populares

Caritas Diocesana de Nova Iguaçu  
Comissão Diocesana de Justiça e Paz

Diocese de Nova Iguaçu.

Nova Iguaçu, 05 de março de 1988.



Delegados conversam entre si antes da reunião e Saboya, ainda sem ser ouvido, leva a mão à cabeça

## Saboya vai à Baixada e só conversa

Um simples bate-papo a respeito dos últimos crimes ocorridos na Baixada Fluminense, e nenhum plano traçado para o efetivo combate à criminalidade na região. Assim pode ser sintetizada a reunião que o Secretário de Polícia Civil, Hélio Saboya, teve ontem com nove delegados da área, o vice-Governador e interventor de Nova Iguaçu Francisco Amaral, representantes da PM, e o diretor do IML local.

O encontro, marcado às pressas após a chacina de Engenheiro Pedreira ser veiculada pela imprensa, aconteceu na Prefeitura de Nova Iguaçu. Chico Amaral, segundo assessores, só tomou conhecimento da reunião meia

hora antes de o Secretário Civil chegar, às 18 horas 30m.

Antes de seguir para a reunião, Saboya despachou com o Governador no Palácio Guanabara, do qual recebeu a determinação para que a chacina de Engenheiro Pedreira e o ass assinato do genro do prefeito Paulo Leone sejam apurados "até as últimas consequências". Sobre a falta de policiais nas delegacias durante os fins de semana, fazendo com que os crimes comecem a ser apurados apenas na segunda-feira, o Secretário procurou explicar:

- Atualmente, telefone para as delegacias, nos fins de semana, e é difícil

não encontrar os delegados. Mas admito que os setores encarregados das investigações não funcionam. Isto ocorre por falta de pessoal. Estamos contratando mais policiais, através de concurso, e esse problema será solucionado a médio prazo - garantiu Saboya.

O Secretário não vê um crescimento de violência na Baixada, e disse que não se deve "pinçar dados típicos para se falar em estatística". Sobre os grupos de extermínio, Saboya afirmou que eles agiram muito na Baixa e em Niterói, mas que, atualmente, "eles praticamente não existem".

CE  
DIM

Bibliothek  
18250  
Institut für Brasilienkunde  
METTINGEN



10  
Institut für Brasilienkunde